

CREMILDES MARTINS NUNES PIAUILINO

**DA CRIANÇA DA RUA A MENINOS DE RUA: UM ESTUDO DA PROBLEMÁTICA
SOCIOEDUCATIVA E FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS/PI**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Orientador: Professor Doutor Emmanuel M.C.B. Sabino.

Coorientador: Professor Doutor Óscar de Sousa

Lisboa

2018

CREMILDES MARTINS NUNES PIAUILINO

**DA CRIANÇA DA RUA A MENINOS DE RUA: UM ESTUDO DA
PROBLEMÁTICA SOCIOEDUCATIVA E FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE
BOM JESUS/PI**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias com o Despacho Reitoral nº 274/2018 com a seguinte composição de Júri:

Presidente: Professor Doutor António Teodoro

Arguente: Professor Doutor Óscar Conceição de Sousa

Orientador: Professor Doutor Emmanuel M.C.B. Sabino

Coorientador: Professor Doutor Óscar de Sousa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2018

Cremildes Martins Nunes Piauilino

Da criança da rua a meninos de rua: Um estudo da problemática socioeducativa e familiar no município de Bom Jesus/PI

*Um menino de rua é mais do que um ser
descalço, magro, ameaçador e mal
vestido. É a prova da carência de
cidadania de todo um país, onde uma
imensa quantidade de garantias não saiu
do papel da Constituição.*

(Gilberto Dimenstein, 1994)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, (*in memoriam*), que me deram a vida e coragem para enfrentar qualquer dificuldade. E um dos desafios foi este trabalho, o qual foi feito com esmero e vigor, em uma hora insociável devido a óbito destes meus entes queridos, que, no ínterim deste trabalho, partiram deixando saudades e dor. À família, que contribuiu com minha vigência. Aos que nos dão competência e sabedoria e estão presentes nos momentos intrincados do saber e nos concedem suas presenças, compartilhando momentos desejáveis.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Waldemar Martins Nunes e Aurora de Jesus Martins (*in memoriam*), por terem me dado a vida, que dedicaram suas vidas aos seus filhos sem medir esforços, principalmente nos estudos, mesmo sem terem a oportunidade de testemunhar a minha defesa da dissertação.

Ao meu Orientador, Professor Doutor Emmanuel Sabino, e Coorientador, Professor Doutor Óscar de Sousa, por terem aceitado orientar-me neste trabalho. Obrigado por terem sido exigentes, críticos, estimuladores, severos quando preciso, mostrando, assim, um novo horizonte a mim e, certamente, aos seus alunos. Ajudaram-me na realização deste trabalho.

À Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, bem como a todos os Professores e Professoras da especialização, na pessoa do Senhor Professor Doutor António Teodoro, Diretor do Instituto de Educação por me proporcionar dar este passo em frente na minha formação acadêmica.

Às pessoas que estão ao meu lado, que contribuíram e incentivaram com toda dedicação à construção deste trabalho acadêmico: meu esposo Netinho Toni, meus filhos Isabel, Levy e Emir e demais familiares que direta ou indiretamente estão presentes em meus estudos, que me incentivaram desde o início aos estudos, entre eles meu sogros Izabel e Pedro, cunhadas, minha irmã Daguiamar e minha sobrinha Marta.

Às minhas colegas de curso, com quem passei a estudar em equipe durante todas as etapas desta pesquisa, com satisfação de trabalharmos juntas: destacando Genoveva, por fazermos esta caminhada juntas do início ao fim, compartilhando momentos difíceis, em busca de alcançar nossos objetivos.

Aos diretores, professores, pais, alunos das escolas, que predispuseram a colaborar comigo para a realização desta pesquisa. Enfim, todos aqueles que me são caros.

RESUMO

A finalidade da nossa pesquisa é investigar a visão dos pais, professores e alunos sobre os meninos de rua em duas escolas estaduais no município de Bom Jesus/PI, cidade do Sul do Estado, que apresenta abundância em água, rica em produção agrícola, Região Nordeste do Brasil. Mesmo crescendo economicamente, como referem os representantes políticos, ainda está entre as indicadas à exclusão socioeconômica. Na fundamentação teórica e metodológica da nossa pesquisa, usamos teoria de autores que trabalharam com o mesmo tema em seus lugares de origem. Entre eles: Zoran Roca, Vicente Celestino e, falando sobre a criança em situação de rua, recorremos a Antônia Lima, Maria Vidigal e orientações do livro **Políticas Integradas para a garantia de direitos** (PAICA-RUA Org., 2002). Esses estudos foram bases, abrindo horizonte para entendermos a situação dos meninos de rua, suas famílias e a ação da escola e da sociedade em relação a eles. Escolhemos a pesquisa qualitativa, pois, através das entrevistas, questionários e desenhos, detectamos a dura realidade do cotidiano dos meninos de rua na visão dos agentes entrevistados expostos nesta investigação. Analisando a situação destas crianças, concluímos que é um problema socioeconômico e familiar, que se encontra em uma pequena parte da população excluída do meio social, sem esperança de retorno, pois esses meninos se consideram discriminados, humilhados, porém autônomos, sem limites e sem ordem. Vimos, através da visão dos agentes mencionados nesta pesquisa, nas entrevistas, questionários e desenhos, a vida inexorável dessas crianças devido a problemas diversificados, e por outro lado, lançam o pedido de “socorro” em busca de um resgate dessas crianças para que possam ter um viver social mais justo.

Palavras-Chave: Bom Jesus; escola; evasão escolar; exclusão; família; meninos de rua; violência

ABSTRACT

The aim of our research is to study how parents, teachers and students envisage street children in two state schools located in the municipality of Bom Jesus/PI, in the south of the state, abundant in water, rich in agriculture in the Northeastern region of Brazil. Even though the city presents economic growth, according to politicians, it is still within those that are socio-economically excluded. The theoretical and methodological foundation of our work will rely on studies undertaken by authors such as Zoran Roca, Vicente Celestino in what concerns this same theme in their places of origin and, concerning children living in the streets we shall study Antônia Lima, Maria Vidigal as well as guidelines provided by the book **Integrated Policies for the guarantee of rights** (PAICA-RUA Org., 2002). These were the studies that allowed us to understand the situation of these street children, their families and the action of the school and society towards them. We decided for qualitative research because, through the interviews, questionnaires and drawings it was possible for us to detect the severe reality of these children's daily lives. On analyzing the situation of these children we concluded that it is caused by a socio-economic and family problem, which affects a small part of the population that is socially excluded, without hope of recovery, for these children consider themselves to be discriminated, humiliated, but autonomous, limitless, without order. We see through the vision of the agents mentioned in this research, in the interviews, questionnaires and drawings, on the one hand, just how difficult life is for these outcast children due to the most varied problems and, on the other, they cry out for "help" so that it will be possible to rescue these children and provide them better and more just social conditions.

Key words: Bom Jesus; school; school dropout; exclusion; family; Street Boys; violence

ABREVIATURAS / SIGLAS

CRAS	Centro de Referência e Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado em Assistência Social
CT	Conselho Tutelar
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostragem
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovem

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro número 1: População das duas escolas	42
Quadro número 2: Agentes contribuintes para que crianças se tornem meninos de rua	59
Quadro número 3: Programas educacionais com conhecimento da existência de meninos de rua	78

LISTA DE FIGURAS

Gráfico número 1: Índice de reprovação e evasão no ensino fundamental e médio no ano de 2013	18
Gráfico número 2: Índice de reprovação e evasão nas escolas estaduais e municipais em 2013	19
Gráfico número 3: Desenhos (dos alunos) que apresentam violência	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
 CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	 15
1.1 Observando a realidade social	16
1.2 Meninos de rua em Bom Jesus: Fatores da exclusão social	17
1.3 A exclusão escolar leva os meninos às ruas?	18
1.4 Meninos de rua: Discussão no mundo atual	20
1.5 A violência escolar: Problema atual em Bom Jesus	23
1.6 Um relato histórico sobre a violência escolar	25
1.7 Aspectos da violência escolar	27
1.8 Pesquisa sobre violência escolar	28
1.9 Família: Solução para uma juventude transviada?	29
 CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS	 31
2.1 Justificativa	32
2.2 Problemática	36
2.3 Metodologia	38
2.3.1 Tipo de Pesquisa	38
2.3.2 Universo da Pesquisa	40
2.3.3 Sujeitos	41
2.3.4 Instrumentos da Pesquisa	43
2.3.5 Análise dos Dados	45
 CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	 46
3.1 Analisando o método de observação	47
3.2 Forma do espaço físico das escolas	48
3.3 O corpo docente	49
3.4 Análise da entrevista semiestruturada com pais e responsáveis	51
3.5 Meninos de rua na perspectiva dos pais	54

3.6 Observação: Primeiro método para análise	58
3.7 Apresentação da pesquisa com os professores	71
3.8 Respostas dos professores sobre meninos de rua	72
3.9 Entrevista com coordenadores do CREAS, CT e CRAS	77
3.9.1. Respostas dos coordenadores e monitores dos programas educacionais	78
3.10 Entrevista com gestor do município	80
3.11 Apresentação da pesquisa com os alunos	81
3.12 A visão dos alunos sobre os meninos de rua na escola	83
3.13 Entrevista com meninos de rua e alguns pais destes	87
3.14 Entrevistas com os alunos através de desenhos	91
3.15 Interpretação das respostas dos alunos através de desenho	92
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 101
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 105
 ANEXOS	 108

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo em que as discussões relativas à educação parecem ser iguais nas intenções, mas com percursos distintos entre si. É sabido que na maioria das nações, a educação é um direito para todos, direito este exposto nas respectivas Constituições. No Brasil e em Portugal essa realidade acontece, nas Cartas Magnas das duas nações no artigo 205º e no 74º, respectivamente. O artigo 205º da Constituição Federal do Brasil diz que a “educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Já o artigo 74º da Constituição da República Portuguesa diz que “todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar”. O artigo ainda refere que, na realização da política de ensino, é dever do Estado “assegurar o ensino básico universal, obrigatório e gratuito”.

Hoje se aceita globalmente que o desenvolvimento de um país é melhor quanto melhor for a qualidade da educação oferecida pelo Estado aos seus cidadãos. Em países como a Alemanha, Irlanda e o Japão, que investem em uma boa educação, verifica-se um desenvolvimento condizente. O Brasil necessita, ainda, ter cuidados mais sérios com a sua educação, para que possa haver prática educativa com melhor qualidade do que aquela que hoje se verifica no país. Buarque afirma: “Tivemos um “século perdido” em comparação a outros países, que aproveitaram o século para dar um salto na educação do seu povo. Entramos no século XXI enfrentando uma verdadeira tragédia nacional” (2007, p. 17).

Algo que se torna bastante comum em análises e pesquisas é o fato de as pessoas estarem em constante procura de melhorarem as suas vidas, o que seria possível provavelmente se elas tivessem acesso a uma educação de qualidade, conforme o exposto no primeiro parágrafo. Entretanto, esse objetivo almejado implica na necessidade de investimento em diferentes frentes: fatores econômicos, sociais e educacionais. Começando na educação básica, avançando pelos demais estágios do ensino, discentes bem preparados poderiam contribuir para um desenvolvimento de uma sociedade mais crítica e capaz de se desenvolver. Este desiderato é também observado no artigo 206º da Constituição, no inciso VII, no qual é dito que o ensino será ministrado com base na “garantia de padrão de qualidade”.

Bom Jesus é uma cidade localizada no Nordeste do Brasil, sul do Estado do Piauí, com desenvolvimento precoce e transformações benéficas, mas também problemas econômicos e sociais, principalmente no que tange ao sistema de ensino. Existem nas escolas estaduais e municipais da região índices preocupantes de repetência e evasão, causas que acabam deixando crianças ociosas que são tentadas a irem para as ruas em busca de outros interesses, por falta de educação escolar, entre outros fatores, e acabam se tornando meninos de rua.

Alguns “fatores que levam crianças à situação de rua são as diversas mediações de ordem econômica, social e cultural e familiar” (LIMA e SANTOS, 2005, p.15). São fatores que influenciam nas mudanças do psicológico e social do indivíduo. Com isso, as discussões em torno da problematização da realidade infanto-juvenil nessas últimas décadas vêm ganhando destaque no palco das mudanças geradas nas relações entre estado e sociedade e nas lutas políticas e sociais, já que vários desses adolescentes são vistos como causadores de desordem na sociedade.

A cidade de Bom Jesus apresenta um amplo acesso às escolas. Porém, o índice de repetência e evasão mostra a deficiência no seu sistema de ensino. Em 2013, conforme dados obtidos pela Secretaria Estadual de Educação, dos 7.122 alunos matriculados neste município, 17% foram evadidos e 10% reprovados. Já na rede municipal, dos 3.857 alunos matriculados neste mesmo ano, 27,52% evadiram e 16,98% foram reprovados, mostrando certo desinteresse em permanecerem em sala de aula. A ociosidade é vista como um dos fatores comuns que levam essas crianças às ruas, transformando-as em meninos de rua, seja pela falta de educação ou por diversos outros fatores.

Com esse cenário apresentado na cidade de Bom Jesus, Piauí, Brasil, apresentamos as seguintes questões: Como estão sendo aplicados os fundos para a educação nesse município? Que razão (ões) são apresentadas pelos agentes educacionais para o elevado índice de reprovação e de evasão escolar? Que fatores podem originar a permanência de crianças na rua, tornando-os meninos de rua? Que perturbações geram o fato de haver crianças de rua? Realizaremos este estudo por razões de ordem pessoal, social, escolar, expostas na justificativa. Com isso, queremos responder à necessidade de refletir e estudar as causas que levam essas crianças a estarem distantes de um compromisso obrigatório com a educação e que, por isso,

tornam-se alheios à realidade em que se inserem, passando de meninos na rua a meninos de rua.

Definimos como objetivo principal desta investigação analisar de que forma os fatores socioeconômicos e familiares contribuem para que crianças se tornem meninos de rua. Com esse objetivo geral, integram-se e se relacionam outros objetivos, todos eles baseados ao núcleo central do estudo. São os objetivos específicos: observar e avaliar fatores e causas que levam crianças às ruas, transformando-as em meninos de rua; identificar qual a participação da família no processo de resgate das crianças que vivem nas ruas; investigar como estão sendo aplicados os programas educacionais dentro da escola para resgatar essas crianças e como estão sendo aplicados os fundos para a educação nesse município.

Para concretizar, organizamos o texto da seguinte forma: O Capítulo I descreve a ponte essencial da pesquisa. Procuraremos buscar a fundo nos universos conceituais, já que os mesmos servirão de assento para o estudo, nas teorias das representações sociais, e dos meninos de rua que são o pivô da construção desta pesquisa.

Através destes conceitos, podemos ter a convicção de alcançar os objetivos almejados. Se não houver o marco teórico, a pesquisa será apenas informações desconectadas. É com o enquadramento teórico que o estudo torna-se confiável e científico, havendo uma junção de ambas as partes ao todo compondo a pesquisa.

O Capítulo II apresenta uma vista geral da pesquisa, que servirá de roteiro para a compreensão do trabalho em seu conjunto. Alertamos para atenção na metodologia do estudo, já que é através dela que mostraremos um ordenamento claro, coeso, coerente e articulado para chegarmos ao objetivo proposto.

O Capítulo III está voltado à análise dos dados coletados para a pesquisa, segundo a teoria que lhe assegura tratando-se de uma abordagem demonstrativa e qualitativa. O material colhido será analisado conforme a metodologia aplicada, expressos no Capítulo II, ou seja, entrevistas, questionário para docentes, discentes e pais. Associação de palavras com desenho de sala de aula que demonstrem por meio de riscos e palavras as representações sociais dos pais, professores e sobre meninos de rua.

Nas considerações finais, apresentaremos as conclusões providas do trabalho concluído e as perspectivas diante dos resultados obtidos. Finalizando, será apresentada a bibliografia, que reúne os autores que deram suporte às nossas argumentações e posicionamento para o cumprimento dos objetivos alcançados.

A razão pela qual escolhemos esse tema foi devido às perturbações políticas, instabilidade econômica, rupturas sociais e culturais que têm levado a um aumento da população excluída da educação. Com isso, surge o interesse de estudar as causas que levam crianças às ruas observando a vivência dessa pequena população abandonada e inconsequente.

Durante o período da nossa pesquisa em que pudemos observar a educação infantil do ensino fundamental tanto nas escolas estadual e municipal, quanto em unidades de ensino particulares, obtivemos experiência passando, assim, a nos preocuparmos com uma educação de qualidade capaz de contrapor a desigualdade social, levando-nos a compreender o nosso papel como profissional no processo de consolidação de uma sociedade democrática com culturas diversificadas, mas objetivando respeitar, valorizar as diferenças sociais na sua convivência recíproca.

Com a experiência que adquirimos, detectamos algumas causas que deixam crianças ociosas e vão às ruas em busca de algo para fazer até se tornarem meninos de rua. Estudar essas causas que levam crianças a se transformarem em meninos de rua será o caminho para conhecer sua realidade escolar e familiar, objetivando ajudar a classe docente, pais e alunos para minimizar esse caos que atinge a sociedade.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica apresenta a relação dos estudos feitos a respeito dos meninos de rua com nitidez mostrando os princípios teóricos das representações sociais que envolvem os meninos de rua, junto com os elementos expostos na pesquisa, como família, escola, professor e aluno.

Nesta parte de nossa pesquisa, obrigatoriamente mostraremos a fundamentação teórica, como: Zoran Roca (2000), Antônia Jesuíta de Lima (2004), Vicente Celestino de França (2004), PAICA-RUA (Org.) (2002) e outros que abrirão caminho à nossa investigação. Os dados de informação aqui apresentados foram necessariamente comparados com o marco teórico que fundamenta o nosso trabalho.

Em primeiro lugar, vamos apresentar as teorias contidas nesta pesquisa dos agentes sociais. Em seguida, trataremos sobre os meninos de rua, violência escolar e familiar. Para concluir, mostraremos uma reflexão no que tange a esses meninos de rua e quais as probabilidades de buscá-los para retornarem à sociedade, buscando referências diretas sobre o assunto.

1.1 Observando a realidade social

Ora, é a sociedade que é a detentora de toda civilização; é ela que as conserva e que acumula; é ela que transmite de geração a geração. É através dela que chegamos até nós. Portanto, é ela que deveu essas riquezas, e delas que a recebemos (Émile Durkheim, 1963).

Pesquisar sobre os meninos de rua implica estudar primeiramente a visão dos agentes sociais, o universo interior e exterior da violência escolar e família e requer também saber a origem desses agentes sociais, até que ponto prosperou e como está sendo aplicado o conhecimento em questão.

Ao descrevermos com mais precisão o nosso referencial teórico queremos mostrar os motivos que levam a violência escolar no município relatado. Com isso entenderemos as causas e formas como pais professores e alunos representarão essa violência.

Com o intuito de enriquecer o nosso trabalho, fizemos junção de outros trabalhos com suas experiências e outros autores diversificados que iluminaram o crescimento de nosso estudo.

Aqui, no primeiro ponto, mostraremos uma literatura sobre a violência escolar. A primeira parte exposta neste pequeno parágrafo faz um relato voltado para violência interna e externa da escola. Descrevemos nele de forma a estabelecer tempo e data a respeito de formação da produção literária deste tema em questão.

A segunda parte será apresentada com componentes relacionados com a violência escolar. Usaremos como suporte de pesquisa os termos apresentados por Zoran Roca

(2000), em seu artigo “Meninos de Rua em Angola”, e de Vicente Celestino (2004), com três abordagens nos estudos de Guimarães (1996), que indica a violência na escola. Mostraremos o breve histórico da literatura, exposto em seguida, sobre essa violência.

1.2 Meninos de rua em Bom Jesus: fatores da exclusão social

Há uma década, Bom Jesus era uma cidade pacata, de população tranquila. Tal não significa dizer que não existissem conflitos. Numa cidade como Bom Jesus, interiorana do Estado do Piauí, se torna evidente a distância entre as classes sociais e, por isso, a distância entre os que têm uma vida com qualidade e os que não a têm é grande também. É possível afirmar que o ponto de partida para o desenvolvimento da cidade se deve à chegada de migrantes (Sul, Sudeste e Centro-Oeste), que desenvolveram atividades, principalmente, na agricultura.

Podem ser relatados alguns benefícios conduzidos pela migração, como extensão comercial (exportação e pequenas indústrias) e acréscimo empregatício. Com a socialização entre sulistas e bom-jesuenses surge também um novo modelo de vida e, com ele, novos comportamentos que transformam essa cidade pacata em uma sociedade mais agitada, diversificando comportamentos. Os que adquirem um maior poder aquisitivo contribuem para a divisão de classes, ampliando as desigualdades sociais que levam ao surgimento de mais problemas, como prostituição, violência e criminalidade. Todos esses problemas criam uma situação embaraçosa para as famílias, as quais se encontram amedrontadas por não estarem acostumadas com o desenvolvimento surgido na cidade e suas respectivas consequências.

De acordo com Costa, “uma grande parte da população – os excluídos – permanece à margem do desenvolvimento e não usufrui dos benefícios alcançados pela sociedade” (2005, p. 249). Por esse motivo, a pobreza aumenta e, conseqüentemente, diversas pessoas de maior necessidade se tornam marginalizadas e são levadas, frequentemente, a caírem na prática de atos ilícitos.

As crianças pobres aprendem espontaneamente no “trabalho”, porém não descobrem e não desenvolvem o potencial de si mesmos, reduzindo as suas opções de melhores empregos e uma melhor qualidade de vida em longo prazo.

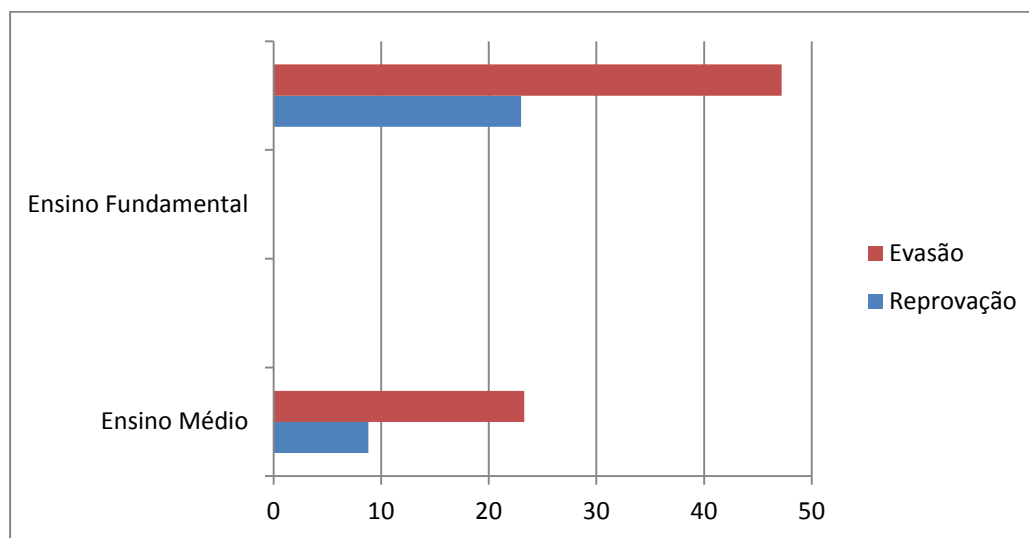
A cidade de Bom Jesus está passando por uma transformação repentina nos últimos dez anos, tanto econômica quanto social e cultural, sem estar preparada para

esse crescimento. A coordenadora do CRAS, no Relatório Pro Jovem Adolescente (2008) explica que, aproveitando o ensejo dessa desestruturação, o infanto-juvenil despreparado para a vida, principalmente os “meninos de rua”, se aproveitam dessa oportunidade para cometerem crimes.

1.3 A exclusão escolar leva os meninos às ruas?

Conforme dados obtidos pela Secretaria Estadual de Educação em 2013, dos 3.361 alunos matriculados no ensino fundamental, 47,2% foram evadidos e 23% reprovados. No ensino médio, dos 3.761 matriculados, 23,3% foram evadidos e 8,8% reprovados. Comprova-se assim, que o maior índice de reprovação e evasão encontra-se no ensino fundamental. Nas escolas municipais constatou-se que, dos 3.857 alunos matriculados, 16,98% foram reprovados e 27,52% evadidos.

Gráfico 1 – Índice de reprovação e evasão no ensino fundamental e médio em 2013

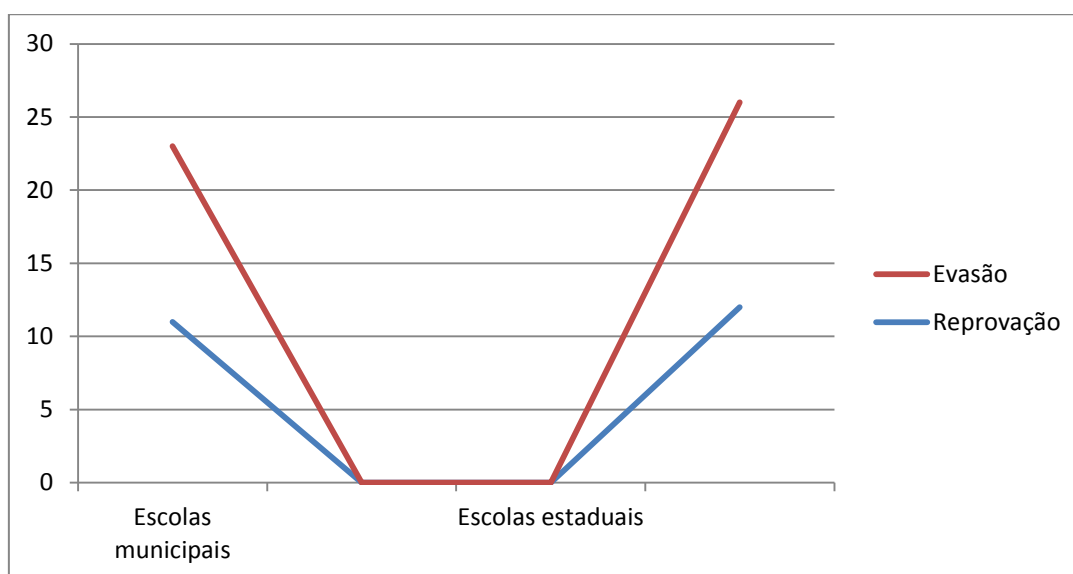


Fonte: Dados obtidos pela Secretaria Estadual de Educação (14ª GRE, 2013)

Através de pesquisas realizadas na Secretaria Municipal de Assistência Social, com técnicos do CRAS e do CT, para os quais são encaminhados relatórios anuais, foi identificado que o causador da exclusão escolar ainda é a falta de implementação de políticas educacionais para reafirmarem compromisso com a contribuição do conhecimento, já que o mesmo deixa a desejar. Nesse contexto, há nas escolas de Bom Jesus um índice grande de reprovação, evasão, desistência e exclusão, deixando parte das crianças e adolescentes sem estudos e ociosos, levando-os às ruas à procura de algo a fazer até se tornarem meninos de rua.

Conforme dados obtidos pela Secretaria Municipal de Educação, dos 3.857 alunos matriculados em 2013 no município, apenas 43,45% conseguiram êxito, pois 27,52% foram evadidos e 16,98% reprovados. Dos 7.122 matriculados nas escolas estaduais, 17% foram evadidos e 10% reprovados. A estatística do resumo do movimento escolar do referido ano constata que o número de aprovados é inferior a 50%, sendo apenas de 43,45% na rede municipal.

Gráfico 2 – Índice de reprovação e evasão nas escolas estaduais e municipais em 2013



Fonte: Dados da Secretaria Municipal de Educação, 2013

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, determina que a educação é para todos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, no Art. 53º, relata o direito da criança e do adolescente à educação e qualificação para o trabalho. Assim sendo, o mínimo a ser feito é procurar pôr todos os meios em ação para que estas crianças da rua ingressem, o quanto antes, na escola de novo, de modo a que sejam contemplados com os mesmos direitos que o Estado confere a qualquer jovem cidadão do Brasil.

Observa-se que, o município iguala-se a outras cidades carentes em termos de educação para todos. Isso é comprovado ao passar pelas ruas e observar muitos jovens que, por motivos diversificados, estão fora da escola.

Algumas crianças são maltratadas em casa ou na escola, não recebem a atenção e educação devida, o que acaba refletindo de forma negativa na sua formação. Isabel Brites, na sua recensão crítica **A centralidade de vigiar e punir. História da violência nas prisões na obra de Michel Foucault**, afirma que “(...) o castigo fere mais a alma do que o corpo, o castigo não está em machucar o seu espírito, mas sua dignidade” (1997, p.21).

Se o sistema educacional, em parceria com os pais, não se manifestar frente a esse quadro, provavelmente as escolas podem fechar as portas devido ao índice de crianças fora do sistema de ensino, como relata França “a família representa, sem dúvida, o elo de todo processo educacional, por que os pais são na realidade, os representantes da cultura da criança” (2004, p.55). De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

As escolas brasileiras, para exercerem a função social, precisam possibilitar o cultivo dos bens culturais e sociais, considerando as expectativas e as necessidades dos alunos, dos pais, dos membros da comunidade, dos professores, enfim dos envolvidos diretamente no processo educacional. A parceria da família com a escola sempre será fundamental para o sucesso da educação de todo indivíduo (2001, p.47).

A criança pode alcançar seu nível necessário de desenvolvimento e socialização através da presença contínua das instituições sociais.

1.4 Meninos de rua: Discussão no mundo atual

A problemática dos meninos de rua está estampada nas grandes metrópoles do Brasil, efeito de diferentes classes sociais. O termo meninos de rua, apesar de simples, é o mais correto mesmo o governo querendo amenizar o termo por “meninos em situação difícil” ou de risco, como refere Zoran Roca:

Embora o termo “criança de rua” seja um tanto simples é mais correto e preciso do que, por exemplo, criança em situação difícil também tem sido utilizada. A vantagem do termo “criança de rua” está em acentuar não só o fato da escola da casa ser substituída pela rua, também de que tal situação reflete a pobreza destas crianças (2000, p. 113).

Mesmo sabendo que esta situação de meninos de rua é vista em âmbito mundial, daremos maior ênfase nesta pesquisa aos meninos de rua em Bom Jesus, principalmente os que se manifestam subjetivamente, escondidos e cometendo crimes e se ocultam entre outros, no âmago da sociedade, da família e no exterior e interior das escolas. Pois no que concerne a esse campo, a problemática dos meninos de rua se estendeu ocupando cada vez mais espaço no mundo, como esclarece Lima:

Os problemas enfrentados pela infância nos médios e grandes centros têm adquirido magnitude nas últimas décadas, com o aprofundamento da questão social e a retirada da incapacidade do Estado, sociedade de responder as demais cotidianamente multiplicadas (2004. p.13).

A autora ainda comenta que na mesma medida, avolumam-se estudos sobre a realidade da criança que se encontra nas ruas do Brasil. A extensão da problemática é vista como de âmbito mundial.

A década de 1980 foi um período em que se intensificaram as preocupações com o cotidiano de centenas de crianças que estabelecem algum tipo de convivência com o espaço de rua. Porém, a literatura mostra que só a partir da primeira metade da década de 1990 se iniciaram reflexões mais consistentes sobre estas questões (LIMA, *apud* ROSEMBERG, 1994).

Tais estudos, segundo Lima (2004), procuraram construir conceitos que melhor classificassem o grupo como forma de imprimir uma dimensão política ao problema. O resultado desse avanço, conforme disse Rosenberg (1994), é que essas crianças não mais poderão ser caracterizadas pelo estigma do abandono e da delinquência, já que as mesmas recorriam às ruas em busca de sobrevivência sem vínculos familiares:

Que a realidade das crianças e dos adolescentes de que se encontram nas ruas, além de se caracterizar por um alto grau de vulnerabilidade social é matizada pela diversidade de expressões, nuances e condições familiares não explicáveis sob um único enfoque (LIMA, *apud* ROSEMBERG, 1994, p.34).

No Brasil, a sociedade vem se deparando com o crescimento dos meninos de rua nas últimas décadas, levando muitos pesquisadores a se dedicarem a essa problemática. Lima afirma que:

Avolumam-se os estudos sobre a realidade da criança e adolescente no Brasil, especialmente os que se encontram nas ruas, visando à

compreensão e explicação das condições sociais, nas quais se insere esse segmento da população pobre urbana (2004, p.13).

As preocupações com a problemática dos meninos de rua na sociedade brasileira têm adquirido importância nas últimas décadas. Durante o estudo realizado na nossa pesquisa, pode-se observar que a década de 1980 foi um momento crucial para o estudo das análises produzidas sobre esses meninos. Desde essa época, estudiosos já mostravam os fatores sociais e econômicos das grandes metrópoles brasileiras como um dos agentes da desigualdade social.

Há uma dicotomia nos termos meninos de rua. O primeiro compreende entre 6 e 14 anos, não têm acesso ao sistema formal de educação, passam a maior parte do tempo na rua, vivem à mercê dos seus próprios meios para sobreviver e a família ou a sociedade não os assumem como dependentes. São crianças com características de heterogeneidade.

“As crianças de rua são frequentemente heterogêneas, situação familiar, passado migratório, tipo de habitação, nível educacional, herança cultural e etc.” (ROCA, 2000, p.140). Estes fatores afastam a maioria destas crianças do convívio social.

A realidade das crianças que se encontram nas ruas, além de se caracterizar por um alto grau de vulnerabilidade social e matizada por uma diversidade de expressões, nuances e condições familiares não explicáveis sob um único enfoque (ROCA, 2000, p.140).

Neste contexto, o enfoque no afã da sociedade se dá de forma conflituosa, visto que os meninos de rua se tornam um caos para a população. Zoran Roca (2000) destaca que os meninos de rua pertencem basicamente a dois grupos:

- Criança da rua

Em seu artigo “As crianças de rua em Angola”, Zoran Roca refere que crianças da rua são aquelas que passam todas as 24 horas do dia na rua. Isso acontece ou porque não querem voltar para casa, ou porque não lhes é permitido ou, ainda, por não terem família e casa a que regressar.

Segundo o autor, aquelas crianças que voltam para casa no final do dia, passam a maior parte do tempo envolvidas em atividades econômicas (as que trabalham) ou marginais.

- Meninos de rua

Já criança de rua, esclarece o autor, “vive em grupos instáveis, refúgios improvisados, deixa sua casa devido a conflitos familiares, tem um nível de educação muito baixo” (2000, p.111). A escolaridade dessa criança é até o primeiro grau incompleto.

Meninos de rua revelam-se em um contexto problemático mundial. O que nos levou a escolher autores, como Zoran Roca, que abordam a questão dos meninos de rua em seus relatos, foi o fato dos mesmos mostrarem como entender e a interpretar melhor o tema para a elaboração do trabalho.

1.5 A violência escolar: Problema atual em Bom Jesus

O crescimento da violência tem muito a ver com a divisão das classes sociais, por muitos terem bastante e outros pouco, tanto no que se refere à parte econômica quanto à parte social. Segundo Cristina Costa,

A diferenciação, a oposição, concorrência entre grupos sociais acabam criando mecanismos de apropriação, monopólio dos bens econômicos, sociais, gerando crescente concentração de renda (...) pessoas com dificuldade em atingir seus objetivos, satisfazer necessidades melhorar condições de vida vivem como podem, à deriva dos planejamentos oficiais, até manifestarem sua exclusão através da criminalidade (2005, p. 249).

A própria educação é um exemplo dessa desigualdade, pois existem os que têm formação universitária e outros que não chegam a ter o ensino médio, representados pela classe baixa. No mundo globalizado em que vivemos, sabemos que a conquista do trabalho depende muito de estudo. Assim, as pessoas que não progrediram em sua escolarização têm muitas dificuldades para conseguirem se empregar. O percentual de desempregados aumenta em Bom Jesus e o desemprego gera os problemas mais

comuns, como a fome e a miséria, originando, em consequência, um aumento da criminalidade.

Refira-se que os dados que apontam as práticas de atos ilícitos vão desde o roubo de alimentos à prática de atos bem mais graves. Para Zoran Roca (2000), as vantagens do termo “crianças de rua” está em acentuar não só o fato de escola e da casa serem substituídas pela rua, mas também de que tal situação reflete a pobreza dessas crianças.

Verifica-se, portanto, que um dos fatores que provocam a violência é a ausência de poder aquisitivo, implicando em uma análise reflexiva da sociedade que precisa oferecer um maior campo de trabalho. Segundo Lima:

As situações de vulnerabilidade social e de inserção das crianças e adolescentes no espaço da rua: essa condição em si não é atributo pessoal, pois é preparada por uma temporalidade e por inúmeras circunstâncias presentes na relação mundo privado/mundo público. Existem fatores com efeito de diversas mediações de ordem econômica, social e cultural elucidativas da realidade, que é definida nesse contexto como situação de rua (2004, p. 15).

Em setembro de 2012 foi registrada uma média de 1,5 milhão de pessoas desocupadas, taxa de 7,5%, segundo os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Já a taxa média de desemprego contabilizada atualmente, em 2016, aumentou para 10,9%, segundo os dados divulgados pelo IBGE. Esse dado é do trimestre dezembro, janeiro e fevereiro e representa uma alta de 40% em relação ao registrado no ano de 2015 para esse mesmo trimestre. O índice é a maior taxa da série histórica do IBGE, que começa em 2012. No trimestre encerrado em dezembro, o índice havia chegado a 9% e no primeiro trimestre de 2015, bateu 7,9%.

O IBGE registrou que a quantidade de pessoas desocupadas cresceu 22% em relação ao período de outubro a dezembro e chegou a 11,1 milhões. Já na comparação com o primeiro trimestre de 2015, a alta foi ainda maior, de 39,8%. Segundo o Instituto, o aumento da taxa de desocupação ocorreu por causa da alta expressiva da desocupação, redução da ocupação.

A violência escolar é a que mais se manifesta de forma subjetiva entre agentes externos (meninos da rua), no interior da escola. Em seu artigo “Representações sociais

sobre a violência escolar de alunos, pais e professores em escolas da periferia do Recife – PE”, Vicente Celestino França explica que:

Muitas mudanças ocorreram nas escolas. Deixaram de ser um local seguro, protegido e com vínculos com a comunidade, para dar lugar ao surgimento de armas, uso de drogas, a expansão do fenômeno das gangues e a incorporação do espaço escolar pela violência cotidiana (2004, p. 48).

De acordo com Barreto, o crescimento da violência no Brasil está proporcionalmente relacionado à crise da educação.

(...) No caso brasileiro, a crise da educação vem sendo agravada pela inserção da violência em suas diversificadas formas no mundo racional da escola, derrubando os alicerces da educação, desde a autoridade do professor até o abandono de exigências mínimas de aprovação (2002, p.87).

Segundo a explicação do autor, a discussão do tema da violência escolar tem muito a ver com a falta de políticas educacionais que firmem os alunos na educação. Quando não recebem o cuidado necessário e não se estabilizam, as crianças praticam a violência e se sobrepõem ao comando dos professores.

Mostraremos, em seguida, um breve histórico sobre a violência escolar.

1.6 Um relato histórico sobre a violência escolar

Na década de 1950, nos EUA, foram realizados os primeiros estudos sobre a violência escolar. Aconteceram muitas mudanças nas escolas. A violência do dia-a-dia trazida do espaço urbano chega às escolas transformando-as, visto que estas eram antes locais de segurança e agora passam a ser palco de incertezas e insegurança.

Como a violência escolar é uma questão que está sendo discutida mundialmente, a sociedade brasileira também se encontra afetada com o aumento da violência nas escolas. Este assunto vem sendo estudado pelos pesquisadores desde a década de 1980.

França (2004), em seu trabalho, tece um comentário de Abramovay (2002), em que ele afirma que no Brasil, durante os anos 1990, melhor se delineia a preocupação com a violência nas escolas. Discutiam-se apenas os fenômenos existentes, mas a existência de outras causas da violência que não só da autoridade:

A intervenção por parte do narcotráfico. Nessas escolas se faz de forma útil, com pouca visibilidade através de diferentes mediadores representativos de posições diversas em relação as quadrilhas tendo como propósito ampliar a área física e os grupos sociais sobre o seu controle. Essa operação resulta em sistema de proteção/subordinação das instituições, a exemplo que se obtém dos moradores das partes ocupadas (FRANÇA, *apud* ABRAMOVAY, 2002, p.85).

O autor relata ainda: “estudos etnográficos realizados nos anos 1991 e 1992 efetuados por Guimarães tratam de diferentes formas de conexão de escola pública com a violência que se intensificou a partir dos anos 80”. O mesmo afirma ainda: “A discussão do tema da violência escolar infelizmente tem recebido mais atenção da mídia do que por parte dos pensadores”.

Outros autores mostram a violência educacional. E neste contexto, Bock (2002) defende que a maior violência exercida pela escola é a que usa seu poder sobre as crianças, impedindo-as de pensar. Ela afirma este contexto com a violência escolar explicitando:

A violência manifesta-se de modo mais sutil na relação das crianças e jovens com conteúdos a serem aprendidos, que não têm significado na sua vida na relação com o professor de práticas autoritárias e sem espaço para diálogo, crítica, relação, práticas disciplinares que buscam sujeição do educando, submissão e conformismo (BOCK, 2002, p.335).

A violência escolar não foi constatada em um estudo mais eficaz, como afirma França:

A discussão do tema da violência escolar tem recebido mais atenção da mídia do que dos pensadores. Embora houvesse nestes últimos tempos, crescente aumento da violência mundial e seus desdobramentos na escola, maior interesse do poder público diante da ineficiência de sua política da pressão que a mídia globalizada exerce sobre população sobre necessidade de que as ciências sociais e seus pensadores debruçem-se sobre paradigmas da violência (2004, p. 49).

Bock, referindo-se à violência nas instituições, também mostra as dificuldades dos pensadores compreenderem o termo da violência escolar, quando diz que:

Na escola é importante destacar a violência exercida seletivamente sobre as crianças e jovens das camadas sociais. Estes, muitas vezes, não têm o repertório do conhecimento esperado pela escola, e sua vivência, é desvalorizada, não é considerada no processo educativo, quando não têm desempenho escolar esperado, são

percebidos como incapazes, são transferidos às classes especiais e muitos expulsos da escola (2002, p.335).

Com isso, diz a autora: “Essa experiência de fracasso escolar é muito importante na construção de sua identidade “a incapacidade” que lhes é atribuída passa a ser internalizada e eles se sentem incapazes” (BOCK, 2002, p.335).

Dentro deste contexto, discutir a violência é difícil, pois os pesquisadores são obrigados a examinar com mais eficiência cada ângulo, considerar os aspectos subjetivos e objetivos das situações vivenciadas pelas crianças que estão em situação de risco. Com isso, é necessário descobrir a efervescência dessas discussões, as representações sociais deste fenômeno através dos pensadores das instituições e o que fazem para minimizar este problema e como família, sociedade e escola contribuem com esta situação.

1.7 Aspectos da violência escolar

Sendo a escola um “local que produz um efeito positivo, permanente ou fixo”, (Aurélio, Minidicionário da Língua Portuguesa), é o local mais adequado para atingir a violência.

Neste contexto, França (2004) relata como é classificada a violência na escola, sobre três formas de manifestação, segundo Guimarães (1985): violência produzida por indivíduos, grupos sociais e agentes externos, produzidos dentro do espaço escolar, relações sociais intra-escolares entre alunos, pais e professores aos processos e práticas escolares. “A maior violência exercida pela escola é quando ela usa de seu poder sobre as crianças e os jovens para impedi-los de pensar” (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2002, p. 335).

Estas formas de violência indicadas pela autora nos ajudam a entender melhor a relação que há entre a violência e a escola, visto que muitas vezes penetram de forma disfarçada, porem deixando marcas. São exemplificadas em depredação escolar, brigas e agressões e violência familiar.

Estudando a violência escolar, constata-se que a depredação da escola é um evento muito frequente. Além dos alunos, há indivíduos externos que quebram, roubam

equipamentos, alimentos, rasgam livros, entre outros tipos de vandalismo. Segundo França, é contra o próprio patrimônio escolar que se voltam os alunos, expressando sua revolta por meio da depredação escolar assim manifestada. Danificam a escola do teto ao chão, da entrada ao final, e depredam as salas de aula. A escola aumenta a vigilância, mas o índice de atos ilícitos continua aumentando a cada dia. Craidy relata:

Fica claro que entre os meninos com vivência de rua há diferentes perfis, sendo que alguns podem ser “perversos” e outros, bastantes “dóceis”. Estudo sobre o índice de vandalismo nas regiões do Brasil demonstra que um dos locais onde a violência tem sido mais praticada é no ambiente escolar (1998, p.58).

Segundo o autor, os índices revelam o tom assustador de uma verdadeira guerra que está sendo travada nas escolas públicas do país.

As duas escolas pesquisadas têm tamanhos diferentes, sendo que a segunda é maior e, por isso, o índice de vandalismo e depredação é alto, infringindo a lei, pois é considerado dano qualificado, corroborando neste sentido o Art.163 do Código Penal, Lei nº 7960, sobre destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia.

Estes números demonstram a revolta de alunos procurando vingança aos que ordenam as normas rígidas e disciplina.

A violência está presente nas favelas que habitam, nas ruas em que perambulam e por vezes dormem, e até no seio das famílias nas quais são comuns pais embriagados e ainda mais padrastos - situação bastante frequente baterem nas mães diante dos filhos ou mesmo nas crianças (CRAIDY, 1998, p.59).

1.8 Pesquisa sobre violência escolar

Outra forma para compreendermos melhor o elo que existe entre violência e escola está também nas brigas e agressões causadas por jovens inconsequentes, que já tornaram por hábito esses atos e devaneios no dia-a-dia na escola. Tais fatos já foram banalizados e aceitos como normais, levando em consideração a idade ou a realidade do aluno, como França ressalva:

A violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares; de um lado encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro engajamento pessoal em relações de forças vazias de qualquer conteúdo preciso, êxito de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força. Nos

dois casos o que está em jogo é a construção e a auto reprodução de
uma cultura da violência (2004, p.32).

Segundo o autor, a cultura de violência está ligada ao sentimento de medo que é reproduzido através da agressividade. Essa presença cotidiana de brigas e agressões revela o quanto os pesquisados são vítimas de violência constante, não só por ter seus direitos negados, mas também por se verem expostos a outras agressões, como físicas e psicológicas.

1.9 Família: Solução para uma juventude transviada?

Alguns registros, como os de PAICA-RUA(Org.) (2002), sugerem que algumas crianças que vão viver nas ruas passaram por algum tipo de trauma no passado que as deixaram rancorosas. Há fatos comuns como, por exemplo, a vivência em um ambiente familiar desestruturado, presenciando brigas de casal ou quando os próprios pais levam uma vida sem moral, no caso de mães prostitutas, pais alcoólatras e crianças que são criadas por parentes.

Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças, sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima, implica, de um lado, numa agressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que a criança e o adolescente têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (PAICA-RUA (Org.), *apud* Guerra, 2002, p. 32).

O ECA é a lei que estabelece, de acordo com o Art. 5, que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais” (1990, p. 16). E ainda, segundo seu Art. 18, que “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, colocando-os a salvo de qualquer tratamento desumano, aterrador, vexatório ou constrangedor” (1990, p. 20).

Observa-se que a desestruturação familiar tem causado maior índice de violência, criminalidade, exclusão educacional e discriminação social, causando assim o impedimento da volta dos meninos de rua aos seus lares. A maioria deles são vítimas de violência física e/ou sexual dentro de casa, o que contribui para os traumas que levam a criança ao desespero porque, depois disso, ela sabe que o perigo não está só nas ruas.

Zoran Roca (2000) relata que as principais causas da delinquência juvenil estão relacionadas com a pobreza, desintegração da família, bem como o êxodo rural. França diz: “A família é um elemento chave que pode contribuir para aumentar ou diminuir os efeitos da violência na criança ou no jovem” (2004, p. 56).

Pode-se notar que o problema familiar interfere na boa formação da criança. Mesmo que haja um relacionamento adequado só com a mãe ou só com o pai, a presença familiar é fundamental para o desenvolvimento infantil, porque a exclusão escolar, da comunidade e da família deixa os adolescentes disponíveis ao mundo criminal devido a não socialização construtiva.

Pesquisas com as coordenadoras das instituições PETI, CRAS e CT mostram que a violência transmitida pelas crianças de rua tem muito a ver com a violência presenciada por eles em suas famílias.

Vários autores afirmam que a família é o pilar prioritário para ajustar a vida dessas crianças de rua. Por isso, deve colaborar com a educação e com a sociedade em busca de um futuro promissor para a criança, cumprindo o maior papel de formar um cidadão.

A família representa, sem dúvidas, o elo de todo o processo educacional, porque os pais são, na realidade, os representantes da cultura da criança, sendo que a aprendizagem das respostas sociais no lar representa um instrumento importante para a aquisição do seu papel na sociedade. Por isso se diz que os membros da família fornecem os reforços para a aprendizagem social, a criança modela o seu comportamento, identifica-se com eles, imita-os (FRANÇA, 2004, p. 55).

O Art. 19 do ECA afirma que “toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária” (1990, p. 20).

CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta uma análise geral de toda a dissertação. Por meio dele, queremos mostrar o porquê de nossa pesquisa, dando respostas aos nossos questionamentos, a fim de assegurar quais as representações sociais que estão por trás do surgimento dos meninos de rua. Queremos mostrar ainda os fatores sociais, educativos e familiares que afetam o objeto da pesquisa, através de uma metodologia de abordagem qualitativa que nos levou a elaborar nossos objetivos.

2.1 Justificativa

As causas de ordem social, econômica e familiares constituem o conteúdo desta justificativa. Através desses fatores, queremos mostrar razões que nos levaram a estudar as causas que fizeram com que crianças vivessem nas ruas até se transformarem em meninos de rua, fatores esses que dizem respeito também aos pais, professores e alunos de duas escolas na periferia da cidade de Bom Jesus – PI.

“Perturbações políticas, instabilidade econômica, rupturas sociais e culturais têm levado a um crescente aumento da população excluída da educação” (ROCA, 2000, p. 140). Devido a isso, flora o interesse de se estudar as causas que levam crianças às ruas, partindo da observação vivida no dia-a-dia dessa pequena população considerada abandonada e inconsequente.

Há séculos que há a necessidade da escola para todos (CF/88, artigo 205º)¹. Passaram-se gerações e a escolarização ficou em um patamar de transformações, redefinindo uma estrutura significativa no elo entre escola e sociedade, a qual tem participado dessas mudanças que são um tanto radicais, levando à dicotomia entre uma sociedade benéfica.

Com essas transformações, surgem novas realidades ao progresso socioeconômico, acarretando muitos problemas que diversificam a sociedade. E um dos fatores problemáticos é causado por uma parte da população mirim, especialmente os que se encontram nas ruas, visando à compreensão e explicação das condições sociais, nas quais se insere esse segmento da população pobre e urbana.

A experiência que adquirimos profissionalmente e a preocupação com a oferta de uma educação capaz de contrapor a desigualdade social fez-nos compreender a importância do profissional que somos no processo de consolidação de um modelo de sociedade livre e democrática com culturas diversificadas que saibam respeitar, valorizar e conviver com as diferenças sociais.

Durante a década de 1980, trabalhamos em escolas estaduais. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental até o final, no qual trabalhamos durante alguns anos, podemos notar o descaso com meninos de rua a partir da maneira de ser da sociedade em geral: a maneira de ser dos pais, muitos são agressivos e atroz. Da escola, pessoas que se

¹É com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que se encontra determinado, em seu artigo 205º, que a educação como é um direito de todos e dever do Estado fornecê-la a todos os cidadãos.

instalam ao redor da escola como: traficantes de drogas, prostituição dos próprios adolescentes, abuso sexual, gravidez precoce, exploração infantil, abandono, negligência. Observamos esses casos em duas escolas estaduais da região Sul do estado do Piauí, sendo elas a Escola Maria de Bom Jesus (A) e Santa Maria do Gurguéia (B)², localizadas na cidade de Bom Jesus.

Durante esse período, tivemos uma experiência difícil nestas escolas. Verificamos a estrutura física das instituições, um tanto defasada. Muros pinchados, depredados, causados não só por vandalismo exterior da escola, mas por alunos da própria escola, principalmente os que estudam no horário noturno. É de conhecimento dos professores que alguns estudantes saem da sala de aula para se drogarem. Nesse ínterim, apedrejam, quebram vidraças, e os professores ficam amedrontados, mas fingem não perceber nada por medo de represálias.

As duas escolas têm estrutura física considerada segura, com altos muros rodeados de fios elétricos, gradeados nas portas e janelas, um ambiente totalmente fechado. Mas mesmo assim, as grades de proteção são serradas para roubo. Há vigilância noturna até às 22h, já que os próprios vigias vivem aterrorizados com a situação.

Durante as aulas, percebemos as saídas inadequadas dos alunos. Pela janela da sala foi possível sentir o cheiro da fumaça que se instala dos produtos (maconha) que fumam do lado de fora. O término das aulas é sempre mais cedo devido ao vandalismo frequente não só fora, mas dentro da escola. Percebemos que alguns alunos evadidos que vivem nas ruas estão envolvidos nessa série de fatos porque deixaram de estudar e retornam à escola para causar arruaças. Esses alunos passam o dia nas ruas e voltam à noite aos seus lares, são meninos da rua. Outros já não querem saber de casa ou de família e são considerados meninos de rua.

Esse tempo de aflição nos deixou com as mãos atadas, sem saber o que fazer. Até o término do ano letivo presenciamos uma realidade cruel, que parece sem alternativa por parte da sociedade, governantes, escolas e família em busca de minimizar tais situações na qual estão inseridos os meninos de rua.

Mais tarde, vivenciamos outra experiência em uma escola da Secretaria Municipal de Educação (LBA), que tem por objetivo alfabetizar crianças com

²O nome das duas escolas apresentados é fictício, a fim de preservar a imagem dos alunos e a identidade dos entrevistados que prestam serviços nas unidades escolares.

defasagem na idade e na série. Notamos turmas indisciplinadas, com crianças carentes e problemáticas. Havia casos de crianças que só chegavam no horário do lanche, umas caladas, outras agressivas, com o corpo marcado por violência doméstica, o que foi detectado através de contato com algumas crianças sobre sua vida em casa.

O mais impressionante é que até pais de alunos iam até à escola para comer. Quando chegavam, observávamos a angústia dos filhos ao vê-los. Pais violentos levavam até armas, amedrontando os docentes ali presentes, impondo disciplinas pessoais, contrapondo as normas institucionais. Passamos a ser vítimas e agentes dessa agressão que marcou nossas vidas e a realidade dessa escola do município de Bom Jesus, que, apesar de ser considerada pacata e boa para se morar, sofre com seus problemas socioeconômicos e educacionais.

Tempos depois, tivemos experiências diferentes em um colégio particular, no qual trabalhamos um período de 10 anos. É notável a presença de alunos disciplinados, a participação da família, abundância em aspectos econômicos e sociais, sendo que os estudantes têm pais de classe média e rica. É um tratamento diferenciado do que presenciamos nas escolas públicas, com alguns professores que trabalham nos dois opostos. Aulas com início e término no período normal, grande índice de aprovação, bom relacionamento entre professores e alunos, o que na rede pública estadual deixava a desejar.

Diante disso, percebemos a diferença das classes sociais causando desconforto e revolta à sociedade. Essa divisão de classe diante da experiência vivida que adquirimos, contribui para percebermos o descaso com os alunos de escolas públicas, nas quais o índice de reprovação e evasão é grande, segundo a Secretaria Estadual de Educação. Esses alunos evadidos vão às ruas, pois não têm o que fazer, ficam à mercê do mau comportamento de amigos que encontram na rua, ficando assim em situação de risco, como mostra o relato de PAICA RUA: “a criança, quase sempre, encontra na droga um alento ao sofrimento gerado pela situação de rua” (2004, p.64).

A experiência prática profissional nos deu oportunidades de trabalhar em áreas pedagógicas diversas, como pré-escolar (com crianças de 2 a 6 anos) e as séries iniciais do ensino fundamental em escolas públicas, que acarretam mais problemas sociais.

Escolhemos, mais tarde, o curso de Pedagogia, que nos abriu um horizonte através de teorias da Sociologia e da Educação em busca de uma realidade e perspectiva de transformar uma sociedade bem melhor com as teorias de Emile Durkheim, Paulo

Freire e outros, nos levando a um desejo de suscitar o despertar da sociedade em prol dos meninos de rua.

Durante o espaço acadêmico do nosso estágio, fizemos nosso trabalho em uma escola estadual no município de Bom Jesus/PI. A pesquisa teve seu percurso nessa escola, considerada a mais crítica no que diz respeito ao comportamento transviado de um grupo de alunos. Foi um estágio de quatro meses, durante o qual elaboramos uma pesquisa em uma sala de aula com 45 alunos de idades diversificadas, considerados rebeldes.

O pivô dessa pesquisa foi a busca da realidade desses alunos, pois já estavam moribundos perante à sociedade. Na primeira aula, tivemos uma conversa informal, permitindo-lhes exporem assuntos particulares de suas vidas. Num diálogo um tanto rude da parte deles, constatamos o desinteresse, desprezo e rancor em suas palavras. Percebemos, através de suas ações, que se sentiam excluídos do direito à cidadania, começando de casa e da escola até a sociedade.

Dando continuidade à pesquisa, foram mostrados fatos concretos da realidade dilacerada desses alunos, nos fatores socioeducativos e familiares, que contribuem para o aumento de evasão e, com isso, passam a se refugiar no comportamento transviado.

Constatada a realidade desses alunos, podemos concluir que compreender e ter mais paciência com seus atos pode ajudar para que o processo educativo venha a ser ampliado a seu favor. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram o caminho para instruímos e lidarmos com essa situação, nos levando a confrontar com a teoria e a prática efetiva.

A partir desse percurso de experiência, procuramos aprofundar mais nessa realidade sócio cultural em que meninos de rua estão incluídos, com as teorias de PAICA – RUA (Org.), Políticas integradas para garantia de direitos (2002), Antônia Jesuíta de Lima (2004), Cristina Costa (2005), Zoran Roca (2000), França (2004), entre outros.

Diante das experiências que referimos, detectamos algumas causas que deixam crianças ociosas e vão às ruas em busca de algo para fazer até tornarem-se meninos de rua, causando desconforto à família, à sociedade e à escola. Estudar essas causas que levam crianças a se transformarem em meninos de rua será o caminho para conhecer suas realidades escolar e familiar, objetivando ajudar a classe docente, pais e alunos para minimizar esse caos que atinge toda a sociedade.

Situações em que crianças sofrem diversos tipos de problemas em casa, na escola ou em qualquer ambiente social implicam no acesso à exclusão, evasão, desistência e índice alto de repetência. Entre eles estão as mais comuns como abuso sexual, dependência de drogas, abandono, negligência, gravidez precoce e exploração infantil.

A partir desse contexto, verifica-se a necessidade de refletir, estudar as causas que levam essas crianças estarem fora da escola e que venha existir organizações educacionais no território nacional aptas a prestar uma assistência especializada às crianças em situação de moradia nas ruas e encontrar uma resposta eficaz aos anseios de crianças que aguardam uma proposta concreta para deixar de morar nas ruas. Esse quadro nos leva a um meio para mostrar o estudo do tema a fim de estimular as práticas educativas, mostrando a importância de novos modelos que possam ajudar a resgatar meninos de rua.

2.2 Problemática

Educação, sempre em mudança, é fator essencial e construtivo da sociedade, que pelas suas funções molda o homem. É com essas preocupações explicitadas na justificativa desse trabalho, que pretendemos observar e investigar até que ponto fatores sociais, econômicos e familiares interferem na situação desses meninos de rua. Conforme dados obtidos pela Secretaria Estadual de Educação, há nas escolas estaduais e municipais de Bom Jesus (PI) índices preocupantes de repetência e evasão (em 2013, dos 7.122 alunos matriculados, 17% foram evadidos e 10% reprovados. Já na rede municipal, dos 3.857 alunos matriculados, 27,52% evadiram e 16,98% foram reprovados), causas que acabam deixando crianças ociosas e, com isso, vão para as ruas em busca de outros interesses por falta de educação escolar, entre outros fatores, até chegarem à condição de meninos de rua. Como relata Lima e Santos, “fatores que levam crianças à situação de rua são as diversas mediações de ordem econômica, social, cultural e familiar” (2005, p. 15).

Após as considerações apresentadas na justificativa, em que expressamos um percurso pequeno dos meninos de rua nas experiências pedagógicas e na trajetória do trabalho pesquisado, chegou o momento de apresentar as razões que levaram a querer trabalhar essa temática.

Primeiro, escolhemos trabalhar o fenômeno dos meninos de rua, pelo que o problema central de nossa pesquisa é conhecer a realidade vivenciada por esses meninos em Bom Jesus/PI, pelos familiares e professores dessas crianças. Nossa intenção também é mostrar a necessidade de políticas educacionais voltadas para a população infanto-juvenil, principalmente aquela que está solta nas ruas, como forma de garantir um compromisso de educação básica para todos, como mostra a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 205: “a educação é direito de todos”. Compromisso esse que tem falhado causando insucesso no ensino-aprendizagem, conforme dados obtidos pela Secretaria de Educação em 2013, os quais mostram que dos 3.361 alunos matriculados no ensino fundamental, 23% foram reprovados.

A falta de mais políticas públicas para garantir uma escola para todos também tem causado grande potencial de evasão, desistência, repetência, mostrando inadequações do sistema educacional em Bom Jesus, conforme dados obtidos pela Décima Quarta Gerência (14ª GRE) de Bom Jesus em 2013. Dos 3.361 alunos matriculados no ensino fundamental, 47,2% foram evadidos e 23% reprovados, implicando em parte o fenômeno da “criança de rua”, já que não têm acesso ao sistema formal de educação (escola) e passam a maior parte de sua vida nas ruas.

Sozinhas nas ruas, como mostra Zoran Roca, “as crianças e jovens adolescentes não têm como sobreviver e sua alternativa é fazer qualquer atividade econômica remunerável disponível, já que não têm conhecimento educacional” (2000. p.110).

Sendo assim, a problemática central de nossa pesquisa baseia-se em conhecer a realidade da criança de rua, de sua família, de professores e mostrar que, se o sistema educacional levar mais a sério o ensino nesse município, provavelmente os meninos de rua terão uma oportunidade de regressarem a uma vida normal. A partir desse contexto, é objetivado procurar entender/perceber a problemática: Quais as causas que levam as crianças às ruas e como as pessoas envolvidas se portam diante desse problema? Foi definido como objetivo principal dessa investigação analisar de que forma os fatores sociais, econômicos e familiares contribuem para que as crianças se tornem meninos de rua. Com esse objetivo geral, integram-se e se relacionam os objetivos específicos, que através destes fomos em busca de conhecer como a sociedade, família e professores contribuem para a vivência de crianças na rua.

Objetivo Geral

- Analisar de que forma os fatores sócios econômicos familiares contribuem para que as crianças se tornem meninos de rua.

Objetivos Específicos

- Observar e avaliar fatores e causas que levam crianças às ruas, transformando-as em meninos de rua.
- Identificar qual a participação da família no processo de resgate das crianças que vivem nas ruas.
- Investigar como estão sendo aplicados os programas educacionais dentro da escola para resgatar os meninos de rua.

2.3 Metodologia

2.3.1 Tipo de Pesquisa

O processo metodológico está direcionado para uma pesquisa descritiva (descreve fatos observados), com uma abordagem qualitativa, que tem seu ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

A pesquisa qualitativa penetra na história de vida do sujeito através de entrevistas semiestruturadas, observações feitas após autorização dos diretores das escolas estudadas, uns dias em sala de aula para análise do ensino-aprendizagem e comportamento dos alunos, além de questionários abertos, objetivando ajudar a entender melhor os problemas vivenciados pelos meninos de rua.

Esta pesquisa supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e com a situação que está sendo investigada, além de penetrar na história de vida dos sujeitos através de questionários e observações.

Com isso, a nossa pesquisa também é uma pesquisa de campo. Segundo Gil,

A pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. E esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros tais como análise de documentos, como de filmagem e fotografias (2007, p. 31).

A metodologia é uma direção norteadora para nossa pesquisa. Ela, além de ser um conjunto de técnicas ou instrumentos para alcançar nossos objetivos, é o planejamento ordenado com todos os procedimentos exigidos no trabalho como: seleção, análise, estilo de pesquisa e outros. França relata que “as opções metodológicas vão sendo explicitadas e redefinidas à medida que a investigação se desenvolve” (2004, p. 27). O primeiro passo que fizemos foi o de analisar, identificar o que há por trás da(s) razão(ões) que leva(m) as crianças a saírem da casa de seus pais e familiares para irem viver nas ruas. Para tal, a busca não se limitou aos livros, mas também foram feitos contatos com famílias dessas mesmas crianças e, certamente, com professores e gestores das escolas pesquisadas, para saber o que fazem esses agentes dessas duas comunidades para tirar as crianças da situação de risco (rua) em que se encontram e voltarem para casa e escola. Esta investigação também tem como característica uma abordagem quantitativa e qualitativa. Segundo França:

(...) A pesquisa qualitativa tem seu ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A eficácia da pesquisa qualitativa está em não reduzir os sujeitos em meros respondentes de perguntas, mas na sua história de vida por meio das entrevistas, observações e desenhos (2004, p.32).

A pesquisa qualitativa supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, não só com questionário, mas também com entrevistas estruturadas e observações. Sendo assim, os sujeitos da pesquisa são importantes tanto quanto o conhecimento construído pelo pesquisador.

A metodologia fornece meios para alcançar nossos objetivos (analisar de que forma os fatores socioeconômicos e familiares contribuem para que crianças se tornem meninos de rua, observar e avaliar as causas que levam elas às ruas, identificar qual a participação da família no processo de resgate dessas crianças, como também investigar de que forma estão sendo aplicados os programas educacionais dentro da escola para resgatá-las) por meio de técnicas e instrumentos, planejamentos organizados com os seguintes passos: população, seleção, tipo de pesquisa, procedimentos para coletas de dados, análise e interpretação de dados.

Ao analisar os fatos, estes podem ser modificados pelo pesquisador que pesquisa, pois o mesmo realiza as investigações através de questionário aberto que será utilizado para professores e alunos, das escolas “A” e “B”, entrevistas estruturadas aplicadas aos

pais, diretores (das escolas estudadas neste trabalho), aos coordenadores dos programas educacionais existentes em Bom Jesus, autoridades (prefeito, vice-prefeito, promotor e delegado) e alguns meninos que vivem na rua.

2.3.2 Universo da Pesquisa

O universo da pesquisa são duas escolas estaduais. Uma situada no bairro São Pedro (com nomes fictícios) e outra no bairro Aeroporto em Bom Jesus/PI.

Caracterização da escola A:

Estrutura física: 1 cozinha, 1 dispensa 2 banheiros, 1 secretaria, 7 salas de aula e 1 CPD.

Número total de alunos geral: 325 alunos

Número total de alunos na sexta série: 41 alunos

Número de sextas séries: 1

Número total de turmas: 3

Número total funcionários: 23

Número de professores: 9

Número de estagiários: 1

Número de Professores da sexta série: 6

Caracterização da escola B

Estrutura física: 1 cozinha, 1 dispensa, 5 banheiros, 1 secretaria, 1 cantina com refeitório, 1 pátio, 1 sala de leitura, 1 sala de professor, 1 sala de leitura (coordenação), 8 salas de aula.

Número total de alunos geral: 638

Número total de alunos na sexta série: 72

Número de sextas séries: 2

Número total de turmas: 8

Número total funcionários: 39

Número de Professores: 32

Número de estagiários: 1

Observação: Segundo o diretor, a escola precisa urgentemente de zelador, secretária e vigia.

O motivo pelo qual as duas escolas foram escolhidas foi que, no trabalho que fizemos, pudemos observar que elas são as mais atingidas pelo público-alvo da nossa pesquisa. Estas escolas apresentam um alto nível de periculosidade. A distância que há de uma para outra é de aproximadamente 2.000 metros. Os números de vandalismo, drogas, repressão e evasão nestas escolas estão no mesmo patamar.

Nossas observações constataram que a escola A é a mais isolada, afastada das instituições governamentais, dos comércios e fica próxima de residências. Nas proximidades, as ruas apresentam características comuns: são estreitas, fechadas, escuras, acarretando assim com várias bocas de fumo, traficantes de drogas, prostituição e outros. Por mais que as autoridades iluminem as ruas, os vândalos destroem as lâmpadas para agir.

Já na escola B, foi detectado um número menor desses fatores que levam pânico à sociedade. A Escola está localizada mais no centro (de bairro), perto do hospital, da delegacia de polícia e de agentes policiais. Fica em uma rua aberta, clara, o que dificulta acesso a estes marginais cometerem atos ilícitos. Não implica dizer que não aconteçam atos violentos, porém, de forma mais minimizada em relação à escola A.

O interesse em pesquisar estas escolas surgiu destas observações que fizemos em busca de investigações sobre vandalismo, agressões, prostituição, de onde partem (se dentro ou fora da escola), o que tem feito a sociedade, professores e familiares para minimizar esta situação, já que são as principais referências para o indivíduo (aluno)?

Vejamos em seguida sujeitos:

2.3.3 Sujeitos

A escola A contém um total de 39 professores, 325 alunos, sendo que, 41 são da 6ª série. São sujeitos da pesquisa sete pais, 10 professores e 12 alunos (cinco do sexo masculino e sete do feminino). Já na escola B, o total é de 32 professores, 638 alunos, sendo que a 6ª série contém 72. Trabalhamos com 18 alunos (sete do sexo masculino e onze do sexo feminino) e oito pais. Justifica-se tal escolha pelo fato de que pesquisamos os alunos selecionados, pois, neste trabalho, os jovens falam um pouco de sua vida, o

meio em que estão inseridos (escola e família), contribuindo com as informações necessárias para atingir os objetivos da pesquisa. O depoimento dos respectivos pais, professores e responsáveis também deram, no desenrolar deste trabalho, uma importante contribuição para confirmar o relato desses jovens. A seleção dos alunos escolhidos pelos professores foi baseada no comportamento e disciplina.

No universo da pesquisa, mostraremos uma parte deste universo, com o intuito de definir os sujeitos que vão ser estudados, conforme o quadro abaixo exposto.

Quadro 1: População das duas escolas

Escolas	Pais	Professores	Alunos	
			Masculino	Feminino
Escola A	7	10	5	7
Escola B	8	8	7	11
Total	15	18	12	18

Fonte: Entrevista semiestruturada

Escolhemos duas unidades de ensino, que denominamos de escola A e escola B, para o nosso trabalho, que está na justificativa no universo da pesquisa.

Soriano mostra que o “conceito de população engloba a totalidade dos elementos que possuem as principais características analisadas e seus valores são denominados parâmetros, e que a pesquisa social decorre do fato do especialista não poder pesquisar uma população integral” (2004, p.205). Com isso, o estudo será realizado em duas escolas estaduais de ensino, que funcionam na zona urbana no município de Bom Jesus/PI. As escolas contêm várias modalidades de ensino. As escolas A e B têm as modalidades de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental. Escolhemos para trabalhar a 6ª série e os alunos foram selecionados pelos professores das duas escolas em questão.

Foram escolhidos para trabalharmos na pesquisa os docentes da 6ª série, através de questionário aberto, 15 pais ou responsáveis com entrevistas estruturadas, sendo sete da escola A e oito da escola B.

O motivo de ter sido feito o trabalho com as 6ª séries do ensino fundamental foi pelo fato de estas se mostrarem como as turmas problemáticas em cada uma das escolas, a partir das informações adquiridas através das entrevistas realizadas com diretores e professores, os quais informaram que o índice de indisciplina e agressividade dos alunos

é grande. O número de alunos selecionados foi decidido de acordo com os relatos dos docentes.

Na análise de dados, verificamos, através da pesquisa, que acertamos na escolha das 6ª séries das unidades escolares citadas acima, pois em ambas há um número alto de vandalismo, violência escolar e casos de uso de drogas, entre outros. Tais problemas foram citados pelos agentes (professores, alunos e diretores) das escolas. Esses relatos que são apresentados neste trabalho deixam claro a problemática manifestada pelos agentes externos e internos das escolas pesquisadas.

Procuramos deixar ao critério dos professores das duas escolas a escolha dos alunos das 6ª séries, com um total de 113 alunos, sendo que destes a maioria são meninas. Deste número, foram selecionados 29 alunos escolhidos pelos professores com base no comportamento e indisciplina dos jovens. O critério escolhido obedeceu ao desajustamento dessas turmas e, com isso, podemos analisar de que forma os fatores sociais, econômicos e familiares contribuem para que crianças se tornem meninos de rua, observar e avaliar fatores e causas que as levam a abandonarem a escola e suas casas e identificar qual a participação dos familiares e escola para resgatá-los das ruas.

Participarão deste estudo mais de 50% dos docentes que trabalham com as turmas das 6ª séries pesquisadas. No total, são 18 professores, sendo 10 na escola A e oito na escola B, dois diretores e dois coordenadores (um de cada escola). Serão trabalhadas com oito crianças na rua e cinco meninos de rua e 15 pais ao todo, sendo sete da escola A e oito da escola B. A pesquisa será realizada também com o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), através de um coordenador e um professor, com o Conselho Tutelar (CT) (uma diretora e duas assistentes) e com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) (uma psicóloga, uma diretora e um coordenador).

2.3.4 Instrumentos da Pesquisa

Para finalizar o nosso trabalho, falaremos dos instrumentos para a realização de nossa pesquisa. Com isso, os instrumentos que decidimos trabalhar foram: observação, entrevistas, questionário e desenhos.

A observação é o primeiro instrumento de nossa pesquisa, pois a mesma é necessária para toda pesquisa científica, principalmente para a fase inicial de coletas de

dados, já que a mesma é feita através de observação para a análise dos fenômenos e investigação, como afirma Soriano:

A técnica da observação permite obter informação sobre o comportamento dos indivíduos ou grupos sociais tal qual ele acontece à diferença de outras técnicas que captam informação sobre condutas anteriores do que ou que supostamente se apresentarão no futuro (2004, p.147).

Usaremos também a entrevista semiestruturada. Segundo Soriano:

Ela permite colher abundantes informações básicas sobre o problema sendo também empregada para fundamentar hipóteses e orientar estratégias para aplicar outras técnicas de coletas de dados (2004,p.153).

Essa técnica é excelente para esse tipo de pesquisa que realizaremos. Para Gil, “uma técnica que envolve duas pessoas em uma situação face a face, uma formula questões outra responde” (2007, p. 115).

Já o questionário pode ser utilizado para adquirir informações. Serão aplicados tanto para a classe docente e de discentes, como para os dirigentes dos programas educacionais PETI, CT e CRAS.

As questões elaboradas serão abertas, objetivando qualidade no resultado das investigações sem parcialidade.

Segundo Soriano:

O questionário de pesquisa deve ser constituído de acordo com uma metodologia sustentada no corpo da teoria, no marco conceitual do estudo, nas hipóteses que se pretende provar e nos objetivos da pesquisa (2004, p.157).

Para Gil (2007), o questionário constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato.

Usar esses instrumentos nas nossas investigações vai facilitar encontrar respostas para a problemática deste trabalho. Com isso, podemos analisar e observar de que forma a escola, família e comunidade contribuem para resgatar os meninos de rua e outros agentes (professores e gestores) do processo educativo que estão dentro desta pesquisa.

2.3.5 Análise dos Dados

As informações adquiridas pelos instrumentos de pesquisa passarão por um processo de organização e sistematização que apresentará condições de análise. O primeiro passo é a análise individual dos resultados obtidos em cada pergunta para avaliar as respostas. O segundo consiste em combinar as diferentes respostas que tratam sobre o mesmo assunto.

Para que o trabalho seja confiável, os sujeitos da pesquisa serão codificados. As produções (entrevista, questionários) de cada sujeito serão indicadas e classificadas conforme gênero (M=masculino; F=feminino). Utilizaremos também a classificação das falas (diálogo) dos sujeitos no decorrer da pesquisa, que serão identificadas da seguinte forma: a letra P seguida de número de ordem da entrevista para os pais; o mesmo será feito com alunos usando a letra A e para entrevista com docentes, a letra D.

Após as informações obtidas, os dados serão mostrados para a verificação das hipóteses levantadas a fim de solucionar respostas para esta pesquisa, através das questões levantadas no problema. Desta maneira, mostraremos métodos que ajudam a descobrir como vivem as crianças de rua.

CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Dentro deste capítulo, mostraremos o núcleo central da nossa pesquisa, onde será feita a análise dos dados, isto é, todo elemento coletado na pesquisa de campo sobre os meninos de rua, expresso pelos professores, alunos, diretores e coordenadores do CRAS, PETI e CT.

Continuando a nossa pesquisa, faremos agora uma análise dos dados que colhemos, baseando-nos no enquadramento teórico do nosso trabalho, ponto essencial da investigação, fazendo uma junção da linha teórica descrita no primeiro capítulo desta pesquisa.

Diante disso, pretendemos confirmar o ponto principal desta pesquisa: Da criança da rua a meninos de rua. Um estudo da problemática socioeducativa no município de Bom Jesus/PI.

Zoran Roca (2000) relata que a UNICEF descreve como crianças de rua as que sofrem com as calamidades naturais como guerra, crise econômica e familiar e delinquência mental ou física.

Meninos de rua, assunto que nos últimos anos tem surgido nas discussões mundiais, um problema desafiador a toda a sociedade. Com isso, família, professores e alunos, assim como a sociedade em geral, integram o nosso estudo, pois trabalhamos esses segmentos juntos. Seus testemunhos, questionamentos e comentários trazem respostas à nossa investigação, mostrando como é a vivência e as transformações na sociedade em que estão inseridos.

Após introduzirmos as considerações, analisaremos os dados colhidos no trabalho de investigação, afirmando que a análise está de acordo com os objetivos indicados na Introdução.

3.1 Analisando o método de observação

Usamos como primeiro instrumento a observação, pois foi através dela que fomos buscar a fundo o universo real dos meninos de rua, sua realidade, a sociedade em que estão inseridos, os seus problemas e as pessoas que participam de suas vidas direta ou indiretamente. Foi com a observação que nos interessamos mais pelo assunto em questão e voltamos a nossa atenção à situação desses meninos de rua, procurando ser um bom observador para compreender e questionar, criticar e ser maleável, ao que passaremos a descrever deste instrumento.

Trabalhamos com duas escolas estaduais, nas quais observamos algumas semelhanças como: as mais visadas pelo público com o qual estamos trabalhando ficam em áreas reconhecidas pelo alto índice de violência, vandalismo, drogas e problemas sócio-políticos e econômicos.

Observamos também algumas diferenças tais como: situadas em bairros separados. A escola A, longe dos centros, distanciada do comércio, se torna assim mais carente e com probabilidade maior de violência, prostituição infantil, em que os traficantes de drogas aproveitam para concretizar suas vendas.

A escola B tem os mesmos problemas da escola A, porém, são menos devido a estar localizada perto dos centros comerciais, próxima a delegacias de polícia, hospital regional e em uma avenida aberta e clara. Podemos observar que na segunda escola, devido a estes fatores, ocorrem menos ações de marginais e vândalos.

3.2 Forma do espaço físico das escolas

Na observação que fizemos, verificamos várias situações que são comuns e outras distintas entre as escolas. A escola A é menor, próxima a ruas menos habitadas, possui pátio de recreio, secretarias, salas de aula, sendo que a B possui mais salas do que a escola A. As paredes são pichadas, tanto nestas salas, como nos banheiros, que também se encontram em estado crítico, carteiras quebradas, muros e portas deteriorados, havendo a necessidade de conserto em todo início de ano letivo, segundo os diretores. Os mesmos ainda relatam que telhas são quebradas, computadores e DVDs são roubados, livros são rasgados. Porém, nos últimos tempos houve uma diminuição considerável destes atos.

Pela estrutura física da escola, a mesma oferece boas condições para ministrar as aulas. No entanto, os atos de vandalismo em muito contribuem para a sua deterioração. Estes, além de praticados pelos próprios alunos, também o são por indivíduos exteriores à mesma, que a ela têm acesso.

Diante disto, observamos que há certa acomodação por parte dos dirigentes da escola na questão do espaço físico. A diretora da primeira escola diz que não adianta arrumar as escolas em todo início de ano, se será destruída do mesmo jeito. Para ela, é bom deixar como está, pois os alunos não zelum pela mesma.

Uma professora desta mesma escola diz que é insuportável ficar numa sala de aula com aparência de prisão, paredes sujas, carteiras quebradas, alunos inquietos, além de tudo, reclamam que a sala é pequena, não ficam à vontade por todos estarem muito próximos uns dos outros, facilitando, assim, brigas, discussões e brincadeiras. São também constantes as saídas de alunos para banheiros, muitas vezes para fumar drogas, tanto que se vê a fumaça nas salas.

Observamos com isso que os próprios professores mostram o quanto as escolas não estão condizentes com um bom ambiente escolar, pois as mesmas estão voltados mais para um palco de violência e vandalismo sem proteção do que para os que realmente querem estudar. Um aluno reafirma o que um professor disse sobre as condições precárias destas escolas: “Eu não aguento ficar na sala, porque parece bandido na cadeia”.

3.3 O corpo docente

Apesar das distinções entre o universo da criança e do adolescente neste relato de pesquisa, a palavra criança será utilizada de forma genérica, abarcando a faixa etária de 12 a 17 anos que, como previsto pelo ECA, corresponde à adolescência.

Ao chegarmos aos colégios, nos deparamos com os diretores em primeira instância que foram cordiais conosco, mostrando os colégios, nos mostrando os pontos positivos e negativos. Apresentaram-nos os regimentos internos, as propostas pedagógicas, expondo as dificuldades, as contradições entre o modelo proposto e o modelo em vigor.

Tanto a diretora da escola A, quanto a da escola B nos referiram as dificuldades na composição do quadro docente e auxiliar, nomeadamente com a falta de professores qualificados sendo substituídos por estagiários, falta de zeladores e vigias, acarretando vários problemas na integração entre comunidade e escola. As diretoras são tachadas como “ditadoras”, causando queixas tanto por parte dos alunos, como pela dos professores.

Na escola A, há um diretor titular e um substituto. Na visita que fizemos, o substituto disse que o titular só vai à escola nas sextas feiras. É este diretor substituto quem resolve os problemas surgidos de alunos e professores, os quais não ligam muito para a direção titular, pois percebem sua negligência, levando, deste modo, ao questionamento de sua autoridade por parte do corpo docente. Estes também se sentem no direito de faltar ao serviço e de não serem responsabilizados por isso. Se houver pedido de justificção de falta, esta causa confusão e, nem direção, nem corpo docente quer que tal se verifique. Segundo o diretor, “Não quero confusão com meus professores, pois são os melhores”. Porque há docentes efetivamente em falta no

cumprimento de seus deveres, também não agem de modo a cobrar o diretor pelas suas faltas e ausências.

Na escola B, a diretora se mostrou mais responsável, exigindo cumprimento de horários, planos de aula, normas, etc. Os professores dizem que ela é autoritária: “Ela se preocupa só em mandar”. Já a diretora reclama de alguns professores: “Há professores que não fazem um plano de aula, chegam atrasados e negligenciam suas funções de professor”.

Já os professores relatam que as escolas não estão condizentes com um bom ambiente escolar, pois as mesmas estão voltadas mais para um palco de violência e vandalismo sem proteção para os que querem estudar. Uma das professoras disse: “As escolas têm aparência de prisão, a estrutura física deixa a desejar, salas de aula pequenas, cadeiras quebradas, alunos inquietos, conversas paralelas, brigas entre alunos. Damos aulas seguindo o modelo do plano de aula, mas poucos alunos prestam atenção à aula”.

Outra professora relata que a culpa é da diretora, pois existe um projeto político pedagógico na escola para orientar a classe docente a planejar, porém esta não tem acesso a este documento. “No início do ano foi elaborado um projeto para reformar as escolas, para planejarmos conforme o modelo (do projeto político pedagógico). No entanto, só a diretora tem acesso”.

Diante disso, pudemos detectar que as propostas pedagógicas dessas duas escolas estão distanciadas da realidade escolar e que são elaboradas, de certa forma, só para ter um documento (aparência), mas que nunca é realmente incorporado nas normas estabelecidas. Uma queixa constante de vários professores é a seguinte: “Nós vimos a proposta pedagógica da escola quando fomos reunidos para elaborá-la”. De acordo com os professores, existe um descaso no setor educacional em Bom Jesus, apresentando a incapacidade no que tange ao gerenciamento escolar. Os professores chamam a atenção ainda para a falta de planejamento e organização nas escolas, que acabam, de certa forma, dando espaço para comportamentos negativos por parte de alunos, como violência escolar, vandalismos e outros.

Observamos que nas duas escolas existem professores substitutos, porque, segundo o relatório das diretoras, o Estado não tem feito concurso efetivo para suprir as necessidades da escola e, por isso, contratam estagiários. Outro motivo relatado pelas diretoras é que os professores efetivos não querem lecionar nestes colégios, devido aos

problemas mencionados acima: “Recusam vir a este colégio com medo da violência, não aguentam a turma da 6ª série, pois há muitos vândalos”. Com isso, estas turmas ficam com os professores substitutos, que, por serem novatos, aceitam qualquer proposta, porém, com dificuldade por terem uma turma indisciplinada, como relata uma estagiária, que fica nervosa ao estar no colégio.

“Os professores efetivos são sábios ao deixar para nós (substitutos) a turma da pesada” (frase usada pelo estagiário). Na escola A, um professor substituto afirma: “Dê o que der, eu não saio daqui. Estes alunos vão ter que me aceitar”. Visto que os professores efetivos não se manifestam, os estagiários representam de certa forma rejeição, apatia, ficando, assim, mais autoritários (a ponto de expulsar alguns alunos da sala de aula) ao lidar com esses alunos.

Já na escola B, uma estagiária mostrou-se insegura e muito nervosa ao lidar com a turma indisciplinada. “Não sei se vou permanecer aqui. Os alunos não obedecem, saem da sala, brincam e brigam durante a aula”.

Observamos que os alunos se sentem rejeitados. Um aluno disse: “Nesta escola todos nos desprezam, dizem que somos os piores, partindo da direção”. Os alunos, como já estão se sentindo desprezados, passam a fazer da escola o palco de vandalismo. Um aluno descreve este sentimento: “Somos considerados o pior dos piores e isto não é certo. Espero ser aprovado para sair logo desta turma, onde uns fazem e outros pagam”.

Observando as duas escolas, percebemos que há a presença de alunos violentos, o que abre espaço para nos certificarmos de que as unidades escolares foram escolhas adequadas, confirmando assim o universo da pesquisa em que foram selecionadas as 6ª séries das escolas, para mostrar que estão acentuados os índices de violência e vandalismo, nos trazendo visões de como essas crianças agem até se tornarem meninos de rua.

3.4 Análise da entrevista semiestruturada com pais e responsáveis

Falar dos meninos de rua nos leva a um procedimento imediato: analisar a escola, pois é a partir deste espaço geográfico que se manifesta a violência, drogas e prostituição tanto no interior, quanto exterior da mesma. Por isso, o nosso rumo em busca de estudar esses meninos de rua nos levou a escolher essas duas escolas objetivando alcançar o nosso propósito. Para conseguir o nosso objetivo, aplicamos a

entrevista com 10 pais ou responsáveis e com oito professores da 6ª séries das duas escolas (quatro professores de cada).

Com o intuito de um trabalho melhor, providenciamos contatos e reuniões com diretores e professores das 6ª séries das duas escolas, que foram receptíveis conosco. Fizemos uma visita breve para não atrapalhar e também queríamos o próximo encontro com os pais. Após três dias, nos deram outra oportunidade dessa reunião com a presença dos pais, que tinha sido marcada pelos dirigentes da escola numa sexta-feira à tarde.

A diretora sugeriu esse dia devido a muitos pais estarem ocupados e para não ocupar o sábado, que para muitos é o dia mais cheio de serviço. A diretora nos deu a liberdade de enviar pelos alunos o convite da reunião. Ela ainda foi quem deu a ideia de o convite ser entregue aos pais pelos alunos para que pudessem participar ou mandar um responsável no seu lugar.

No dia da reunião marcada, nem todos compareceram, mas enviaram representantes nos seus lugares. Diante deste quadro, observamos a nítida falha dos pais no que diz respeito à sua presença na vida escolar dos filhos. Havia mais mães e a justificativa dada era única: “O pai trabalha e não tem tempo”. O mesmo com as mães que não compareceram e mandaram um representante.

Esse fato foi claro nas duas escolas pesquisadas. Observamos que, dos 56 participantes, três homens compareceram, porém muito apressados, pois diziam estar ali, mas que tinham hora marcada para voltar, justificando que estava no lugar da mãe que havia viajado ou estava doente.

A presença das mulheres foi maior na reunião. 36 participaram e outras que não puderam ir por motivos que não explicaram, enviando em seus lugares outros responsáveis. Após termos apresentado o tema em questão a pais e responsáveis que participaram na reunião, passamos a mostrar a configuração dos pais e responsáveis. Nesta configuração profissional, as mães professoras têm um emprego remunerado e ganham melhor, as outras recebem menos que um salário mínimo, de acordo com alguns pais entrevistados.

Como já citado, de acordo com dados do IBGE, a quantidade de pessoas desocupadas cresceu 22% em relação ao período de outubro a dezembro de 2015 e chegou a 11,1 milhões. Já a população ocupada, que somou 90,6 milhões de pessoas, recuou 1,7% sobre o trimestre encerrado em dezembro do ano passado e 1,5% sobre o

período de janeiro a março de 2015. Ainda segundo os dados do Instituto, o primeiro trimestre deste ano mostrou que o rendimento médio recebido pelos trabalhadores ficou em R\$ 1.966 (3,2% abaixo do registrado no mesmo período de 2015). Diante destes dados, podemos observar que a população brasileira está enquadrada em um patamar de desigualdade social, ocasionando o aumento de violência com os pais.

Esta pesquisa também nos proporcionou observar a vida dos pais das crianças, as quais participaram do nosso estudo, casados e outros com um parceiro em união instável.

Após observarmos a estrutura familiar dos indivíduos de nossa pesquisa, vimos que nem sempre é possível reinserir as crianças de rua em suas famílias, principalmente devido a condições financeiras e conflitos familiares. Neste quadro, podemos ver que, dos 15 entrevistados, sete mantêm uma vida estável, em que os membros da família moram juntos, com pai, mãe e filhos. Os demais não contam com o pai em casa.

No auge da entrevista, pudemos detectar que houve certa arrogância dos pais ao responderem as perguntas. Quando é relatado algo na família, o pai acusa a mãe e vice-versa, mostrando assim que, com suas respostas, denunciaram a desintegração familiar, causados por brigas violentas até chegar ao divórcio. Segundo a coordenadora do CT, isso chega a acarretar também em um problema sócio econômico, uma vez que, separados, só a mãe ou apenas o pai tem que trabalhar ou contar com ajuda de parentes.

Ao trabalhar fora, o responsável é obrigado a deixar as crianças sozinhas ou pedir ajuda a quem estiver disponível. Com isso, os filhos ficam soltos e vulneráveis à delinquência e acabam utilizando as ruas como espaço de sobrevivência, já que a renda familiar não é suficiente para atividades de lazer. A consequência disso, de acordo com as coordenadoras do Conselho Tutelar e do CRAS, é a exploração do trabalho infantil, pois o que a mãe ou o pai ganham não dá para manter os filhos, os quais são obrigados a trabalhar também.

Com isso, observamos que a desestruturação no lar ocasiona fatores como violência na própria família, como relatam pais ou responsáveis. Considerando o padrão de vida que prevalece em nossa sociedade, se estabelece que a família seja a instituição mais importante e mais eficaz na vida do indivíduo, tendo como base o que diz no livro PAICA-RUA (Org.): “A família, como um sistema, é parte integrante e detém uma marcante relevância dentro desse processo” (2002, p. 85).

Nas entrevistas feitas com famílias, pode-se observar como elas vivem sob a violência em seus lares. Uma mãe presenciou a morte de seu filho ao ser atingido com dois tiros: “Eu vi darem dois tiros no meu filho e eu não pude fazer nada, fiquei parada como se fosse um pesadelo, por causa de drogas. Eu sabia que ele se drogava, não me obedecia, os próprios amigos fizeram isso”.

Verificamos também outra mãe que sofre com o filho que se droga, vendendo tudo o que encontra pela frente. “É um sofrimento aqui. Até meu som e TV ele já vendeu, mas se falo alguma coisa, ele me afronta, bate nos irmãos menores. A polícia já prendeu, mas quando solta, ele fica pior. Se o pai estivesse aqui, meu filho não ficaria assim”. A coordenadora do CRAS afirma que a mãe sem o pai sente mais dificuldade na criação dos filhos, pois, em sua visão, os dois juntos seriam de fundamental importância para as crianças em situação de risco, não deixando de ser dificultoso somado a outras carências no ambiente familiar. “Favorecer as interações familiares é fundamental no desenvolvimento individual e familiar” (PAICA-RUA (Org.), 2002, p.85).

No gráfico acima, é possível notar que em todas as famílias existe violência, sendo que dos 15 entrevistados, em 10 casas o índice de violência é maior do que nas demais.

3.5 Meninos de rua na perspectiva dos pais

Após ter mostrado a violência escolar em vários ângulos, veremos agora na nossa pesquisa, através da entrevista semiestruturada feita com os pais, uma questão que tem sensibilizado a opinião pública, tanto nacional como internacional: meninos de rua. Passaremos a analisar as perguntas, as quais foram feitas nas entrevistas, cujas respostas foram dadas de imediato.

Pergunta 1: Você tem conhecimento da existência de meninos de rua em Bom Jesus? Qual sua imagem da criança de rua?

As respostas foram diversificadas, visto que há entre os participantes da entrevista dúvidas sobre a existência de meninos de rua neste município. Uns afirmaram que estavam cientes da sua existência e que se preocupavam com esta ruptura deixada pelas políticas públicas. Outros afirmavam não saber que havia meninos de rua e que as atrocidades acontecidas no município seriam atos de adultos bandidos.

Quanto à imagem da criança de rua, a resposta foi unânime: “São crianças que roubam e se drogam”.

Os resultados mostram que os integrantes do universo pesquisado ainda são, para alguns da comunidade bonjesuense, um fato inacreditável. Um dos pais de aluno disse: “Em uma cidade tão pequena não é possível que governantes deixem essas crianças soltas por aí.” Já a maioria dos entrevistados relata que tem conhecimento do assunto em questão: Uma mãe entrevistada afirmou: “Sabemos da existência e achamos que os responsáveis são os governantes e suas políticas ao permitirem que essas crianças permaneçam nas ruas”.

Constatadas aqui, essas amostras evidenciam a certeza de que os pais/responsáveis culpam a falta de políticas públicas para o resgate destes meninos de rua. Nas duas escolas, há uma semelhança nas respostas dos pais. Percebe-se o desprezo ao falarem das políticas públicas, relatando o descaso que as mesmas têm com estes meninos de rua para retornarem a uma sociedade digna.

Neste contexto, segundo Lima (2004), a alternativa imediata de enfrentamento do problema está relacionada ao exercício de uma atividade informal, que resulta em uma remuneração irrisória, porém justificada com contribuição necessária ao processo de sobrevivência.

O autor afirma:

Tal circunstância pressupõe sem dúvida algumas realidades adversas cujas bases historicamente situadas, expressam um conjunto de elementos que definem contradição inerente ao contexto político econômico produzindo desigualdade social (LIMA, 2004, p. 87).

Diante disso, não podemos, portanto, negar a existência de uma problemática tão séria, em que está envolvida uma pequena população carente do apoio da sociedade em que está inserida e deixar que estes possam vir a ferir uma população maior através de práticas abusivas como roubo, uso de drogas, assim como é relatado no livro PAICA-RUA (Org.): “Essas crianças vivem “bancadas” por adultos ou por outros adolescentes que lhes exigem troca de favores (sexuais, de tráfico, de furto, etc.)” (2002, p. 35).

Outro ponto identificado pelos pais sobre o descaso com meninos de rua é o agente da escola e os professores. “Há escolas que por qualquer motivo expulsam os alunos”, afirmou uma mãe de aluno. Alguns pais entrevistados apontam os professores como responsáveis por estes meninos viverem nas ruas.

Pelas respostas dos pais, os professores contribuem para que essas crianças em questão permaneçam nas ruas. Podemos observar que na escola A, os professores são considerados menos contribuintes para que as crianças se tornem meninos de rua. Já na B ocorre o contrário, os professores, segundo os pais, são diretamente responsáveis por este acontecimento devido a sua agressividade, autoritarismo e negligência.

Diante disto, os pais passam a observar também a insatisfação dos professores nas aulas com suas atitudes banais, se tornando maus profissionais, sem compromisso, faltando às aulas, deixando os alunos ociosos. Problemas como má qualificação, titulares sendo substituídos por estagiários, salários baixos dos docentes e falta de políticas públicas acabam deixando a escola sem exercer um dos seus papéis principais, que é de ser transformadora e socializadora. Com isso, é importante ressaltar as palavras de França, de que a escola tem uma missão a cumprir.

Dotar as futuras e atuais gerações com novos modos de pensar a construção de um mundo mais justo, um mundo no simbolismo de Paulo Freire, mais redondo, menos arestoso, mais humano e em que se prepare a materialização da grande utopia, unidade na diversidade (TEODORO, 2003, p.102).

Vimos que a instituição escolar tem o papel de educar, socializar e transformar o indivíduo. No entanto, podemos observar que as escolas estão em patamar de enfraquecimento no que tange ao papel de instituição socializadora e transformadora e, ao mesmo tempo, constatamos que as mesmas estão sendo redefinidas em um contexto de crise. Segundo as diretoras das duas escolas pesquisadas, o número de professores não está sendo suficiente para o trabalho com os alunos, pois muitos ficam insatisfeitos com o salário, começam a faltar, fazem greves, o que acaba prejudicando as instituições de ensino.

Porém, não basta só reconhecer as falhas existentes nas escolas, devem ser avaliados os pontos negativos e positivos, refletindo assim para uma reconstrução compreendida com a diretora, colaboradora direta ou indireta das injustiças sociais. Somente uma escola que assuma o compromisso de trabalhar em rede, acolhendo interdisciplinarmente o sujeito, estará realmente incidindo sobre essa realidade.

Mesmo ao indicar os professores como uma das causas que contribuem para que os meninos de rua estejam nas ruas, os pais ainda demonstram que têm confiança na educação e na escola, tendo a mesma como alternativa para resgatar os meninos de rua.

Outro fator colocado pelos pais entrevistados sobre as causas que levam os meninos às ruas é a violência vivenciada pelos mesmos e por seus responsáveis. Esses

meninos vivem soltos nas ruas e a família é o principal responsável. A maioria deles são vítimas de violência física ou sexual dentro de casa, o que contribui para traumas que levam a criança ao desespero porque o perigo não está só nas ruas.

A violência sexual praticada em criança e adolescente é manifestada de diversas maneiras, sendo de maior ocorrência, o abuso sexual na própria família e a exploração sexual para fins comerciais como prostituição, pornografia e o tráfico, todas as suas expressões constituem crimes e são sem dúvidas fiéis violações dos direitos humanos (panfleto 18/05/2009, dia internacional de combate ao abuso sexual de criança e adolescente).

Estes atos que, no modo bruto como se expressam, revelam não só o isolamento dos setores sociais, mas também a importância de a sociedade resolver estes problemas, pois são fragilizados em trajetórias de violência doméstica que nos relatos de PAICA-RUA (Org.), *apud* Azevedo e Guerra:

Todo ato ou emissão praticados por pais, parentes ou responsáveis contra crianças ou adolescentes que sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico a vítima implica, de um lado, numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e outro, numa coisificação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (2000, p.32).

Neste sentido, podemos observar que a violência doméstica se produz dentro de um universo familiar conduzindo um histórico, priorizando um olhar crítico, teórico, o qual eleva o desenvolvimento da criança para inseri-la na sociedade. “Quem deveria amar, cuidar e proteger as crianças está dando mau exemplo e contribuído para o desenvolvimento de uma de uma sociedade filicida (expressão da violência generalizada contra a infância” (FRANÇA,2004, p.71).

Enfim, a última divulgação apresentada pelos pais sobre o descaso dos meninos de rua foi os indivíduos externos da escola. Com as respostas na entrevista semiestruturada, constatamos que os pais estavam cientes dos fatores externos que contribuem também para que crianças vivam em situação de risco.

Os pais denunciaram (mesmo reprimidos, por medo) que atos ilícitos rodeiam as duas escolas por causa da liberdade que os indivíduos externos têm para praticar o que quiserem. Uma mãe contou que “existem pessoas que não são da escola e têm liberdade para entrar, levam com elas drogas para influenciar os alunos”. Com isso, surge prostituição infantil, vandalismo e uso de drogas de todos os tipos, fatos praticados por

estes indivíduos que além de cometerem atrocidades fora, trazem também para dentro da escola. “Os problemas causados pelos fatores internos e externos têm dificultado o sistema educacional” (ROCA, 2000, p. 140).

3.6 Observação: Primeiro método para análise

Com as respostas dadas pelos pais, constatamos que os mesmos estavam cientes dos fatores externos contribuintes para envolvimento de meninos de rua. Nesses fatores externos, estão incluídos gangues e adolescentes infratores. As gangues, para Craidy (1998), situam-se em território determinado, seus membros são sedentários e quase sempre moram com as famílias, têm uma forma de constatação juvenil com expressões culturais próprias como música, emblema, tatuagens e outros. Opõe ao adulto e autoridade, são rebeldes e exibicionistas.

O menor infrator, que também faz parte dos fatores externos contribuintes para que as instituições fiquem em situações gritantes, está à margem da lei, enfrenta polícia às vezes violentamente. A autora o exemplifica da seguinte forma: “Associa-se com adultos e é manipulado pelos mesmos, comportamento próximo ao bandido, culto ao corpo, ao heroísmo, ao luxo, busca acumular riqueza, organização grupal rígida, autoritária e violenta” (CRAIDY, 1998 p.29).

Tanto as entrevistadas da escola A, quanto as da escola B denunciaram, por suas respostas (mesmo reprimidas, por medo talvez), a liberdade que têm os indivíduos externos para praticarem seus atos ilícitos ao redor e dentro da escola.

Observamos que os pais entrevistados foram taxativos ao relatar a escola como um lugar onde está sendo depositado o índice de vandalismo. “A escola hoje pode ser chamada de campo de depositar tudo o que não presta” (M2). A escola está cheia de conflitos com um quadro assaz amplo, e com isso, os agentes externos aproveitam da expansão do local para cometerem atos errôneos, tirando a característica de um local harmonioso de confiança.

Sendo, portanto, necessário a construção de um lugar de diálogo aberto e democrático, para que todas as atenções sejam negociadas e consequentemente resolvidas. As instituições consideradas organizadoras fazem o papel de recuperar e reinserir socialmente,

reintegrar e recolocar o aluno num lugar onde não oferece perigo a ordem e ao equilíbrio social (FRANÇA, 2004, p.72).

Veremos no quadro abaixo o que foi mencionado pelos pais da escola A e B, sobre os conflitos existentes nas mesmas através dos agentes externos e internos.

Quadro 2- Agentes contribuintes para que crianças se tornem meninos de rua, na visão dos pais

Agentes da violência dentro da escola	Agentes da violência fora da escola
Diretores da escola	Família
Professores	Sociedade
Alunos (<i>bullying</i>)	Amigos

Observamos neste quadro que violência escolar, vandalismo produzidos de grupos sociais que são agentes externos se filtram nas instituições gerando agressão física, vasão, roubo, levando o desconforto dentro da escola, um desconforto entre professores, alunos, diretores, pais por meio de drogas, prostituição (GUIMARÃES, 1998, p.201).

“Esta multiplicidade que o público e o privado se misturam num movimento que redefine para educadores e moradores os seus valores” (PAICA-RUA (Org.), 2003, p.39). Sendo assim, um contínuo diálogo tanto interno, como externo, pelos quais representações podem ecoar e serem compreendidas.

Pensamos aqui em uma escola que tem como marca fundamental a recuperação no seu mais radical da palavra do educando: ou seja, a recuperação do significado profundo da vida do sujeito da aprendizagem, do ser numa sociedade, humana e historicamente situada (GUIMARÃES, 1998, p. 201).

Podemos observar que estes agentes externos (meninos da rua), que causam desuniões nas instituições, fazem isto por meio de suas ações efetivas, as quais flamam na vida de crianças, influenciando-as em suas ações a caminho das más companhias, deixando a escola para irem às ruas, até que alguns se transformem em meninos de rua.

Um dos entrevistados relatou: “Sabia que havia pessoas ruins em torno da escola cometendo atrocidade, mas não que fosse algo tão constante a ponto de levar várias crianças ao abandono escolar” (M4). Essas mães são conscientes dos fatos, porém preferem não manifestar realmente o que sabem. Observamos que o medo corrompe suas manifestações para denunciar.

Segundo Lima (2004), por serem alvo de violência, muitos não manifestam sua real opinião, preferem o silêncio. Isso devido à realidade que os pais observam das escolas, cercadas de agentes externos cometendo vandalismo; desestruturando o alunado e criando conflito escolar. Ato que no modo bruto como se expressam, com precaríssimas medidas revelam não só dos setores sociais neles envolvidos como também a importância da sociedade de resolver seus conflitos. “Se não resolverem estes conflitos é evitável a evasão do aluno nas escolas” (M2).

A luta pela sobrevivência, não é a única razão dos meninos de rua ir para as ruas eles podem estar fugindo de uma situação conflitiva e violenta ou simplesmente buscando o lazer e as emoções que a rua pode oferecer (CRAIDY, 1998, p.26).

Lima afirma:

A noção de rua diz respeito a todo e qualquer espaço relativo à vida pública que ganha um sentido específico nas práticas cotidianas de determinada criança que sai do mundo parado para experiências extradomiciliares, quer de trabalho, quer de outra natureza (2004, p. 15).

“É triste mandar seu filho para a escola, pensando estar protegido, mas estão em perigo” (M3). Os agentes externos influenciam a tal ponto que fazem as crianças acreditarem que eles são seus verdadeiros amigos.

Craidy relata:

A busca do grupo, isto é, da sociedade dos iguais é um elemento forte da cultura da rua. Esta solidariedade para os meninos de rua é um elemento decisivo nas resoluções das questões da sobrevivência, da segurança e da vida efetiva (1998, p. 26).

Contudo, sabe-se que esta solidariedade não é nem um pouco segura, pode ser fortalecida ou desaparece no momento de maior gravidade, nos quais os grupos podem se consolidar. “As crianças em situação de rua, por pertencerem às famílias pobres e desestruturadas, acabam, lançadas em circunstâncias de “risco pessoal e social”, pois, destituídas de identidade social, estariam expostas a um processo crescente de fratura” (CRAIDY, 1998, p. 26).

Podemos ver que os pais não se dão conta de que os agentes externos não ficam parados, são considerados nômades como meninos de rua, além disso, se mobilizam, pois são traficantes e precisam praticar suas ações em vários locais.

“A dinâmica em torno dos grupos varia: dos meninos de rua para as gangues e os comprometidos com atos inflacionários, chegando aos líderes das turmas” (CRAIDY, 1998, p.26). Estes se reúnem para causar tensões permanentes a ponto de exigir das instituições transformações da escola e, da sociedade, mudanças radicais.

Pergunta 2: Qual a importância de resgatar os meninos de rua?

O objetivo desta segunda pergunta da entrevista semiestruturada é buscar as manifestações dos pais e responsáveis sobre os meninos de rua.

Questão central da segunda pergunta são as respostas manifestadas pelos pais e responsáveis sobre a importância de resgatar estes meninos de rua, buscar construir as mediações, o que são e como vivem. Os sujeitos pesquisados apresentam as suas respostas.

A maioria dos entrevistados expõe um sentimento de piedade ao comentarem a importância de resgatar os meninos de rua, visto que estes sofrem agressões não só dos bandidos, como da própria sociedade, conforme observado na opinião dos participantes das entrevistas. “Eles sofrem. Uma vez um passou na porta todo ensanguentado, disse que foi ferido por um dos seus colegas. Não parou com tanta ira que se encontrava e eu não tive coragem de colocar remédio em seu ferimento porque podia ser agressivo e me atacar. Tenho vontade de ajudar, porém são muito agressivos, só a maneira como olham impõe medo” (M).

Podemos ver o quanto é difícil estes meninos retornarem aos seus lares, pois se acostumaram com a violência da rua, apanham, roubam, correm com medo dos companheiros, mesmo assim, a rua acaba por ser um lugar adequado para sua estadia, mesmo andando de um lugar para outro, como refere Craidy:

Como os nômades, vivem da coleta; dos restos e sobras da população citada distancia dos que os cercam por todos os lados. Não sendo vistos como produtos, são desprezados pela sociedade capitalista, que os considera “excedentes”, ou seja, desnecessário e incômodo (1998, p.27).

Podemos dizer, então, que a autora afirma o quanto é difícil estar em contato com estes meninos, que não permanecem em um lugar fixo (são nômades), coletam sobras desprezadas pela sociedade e vivem incomodando a todos.

Neste ínterim, podemos considerar as manifestações dos pais ao relatarem o quanto é difícil tirar estes meninos de rua, pois estão adaptados ou arraigados à mediocridade de rua a rua. “Sendo assim, sua circulação não pode ser considerada como normal”, mesmo que se apresente como uma forma de apresentação com muitos aspectos positivos são considerados autônomos. O livro PAICA-RUA relata:

Há diferentes fatores que constituem ou não esta autonomia: gênero, idade, tempo de vivência na rua, esperteza... Estas crianças e adolescentes em geral, já sobrevivem, porém vivem “bancados” por adultos ou por outros adolescentes que lhes exigem trocar de favores (sexuais, de tráfico, furtos e outros), mas nenhum deles aceita de forma consciente, ser mandado (2002, p.32).

Quando uma pessoa se aproxima para falar com uma dessas crianças, tentando conseguir um vínculo, há por parte deles uma rejeição. No primeiro momento, vem a desconfiança, pois já vive saturado do perigo como a polícia, o medo da própria turma de convivência. Querem logo saber o motivo da nossa aproximação, observam até que ponto vai a nossa paciência com eles e por isso passam um bom tempo calado, só encarando e testando.

Vimos, pela pergunta anterior, que os pais se manifestaram de forma até mesmo rude devido à situação em questão. “Eu não posso ajudar um menor que na hora que viro as costas vai roubar ou me fazer algum mal”. Os que moram na rua perdem a possibilidade de serem vistos como cidadãos, são sujeitos sem direito e passam à condição de marginais, objetos de pena, de assistência e/ou de repressão.

A formalidade e descompromisso levam a uma estrutura própria do espaço e do tempo, ficando claro para todos que regatar estas crianças é difícil, pois a suspensão de laços e a distância das instituições e da família as ao distanciamento brutal de uma infância normal.

A infância esta sendo transformada em sucata, de vários modos. Multidões de imaturos estão tendo sua idade adulta convocada antecipadamente, de modo que o tempo de ser criança está sendo ocupado amplamente pelo tempo de adulto, do trabalho, da violência. Esse fato põe a sociedade inteira em perigo, porque lança gerações inteira prematuramente, num modo de vida adulto. Com isso, a sociedade perde o controle sobre a formação das novas gerações, não tem condições de viabilizar um projeto social que, através da socialização dos imaturos, assegure às gerações do futuro as melhores conquistas sociais, morais, políticas das gerações passadas (CRAIDY, *apud* MARTS, 1998, p.63).

Vimos, então, que essa integração da criança na rua é mais rápida do que a integração dos adultos, o que está acontecendo em uma idade cada vez mais precoce e num processo cada vez mais acelerado. Então, deixar essas crianças soltas sem o elo familiar faz com que elas tenham um crescimento precoce errôneo, o que vai privá-las de uma infância sadia. “Estes meninos não deixam ninguém chegar perto deles. Como é possível tirá-los da rua?” (M5).

Observamos, com as pessoas entrevistadas, que a busca dos meninos de rua é difícil, pois já perderam sua autoestima. Podemos ver que por terem passado por programas e promessas não cumpridas estão incrédulos e não veem solução. O descrédito político e institucional já levou muitos às ruas, deixando-os com esta característica de descrentes. Os que fingem acreditar nas promessas tentam fingir para si mesmos, mas como não está arraigada essa verdade, abandonam rápido e voltam ao seu mundo de fantasia hostil, falso, que é a rua.

Os meninos escolhem as ruas como um lugar de proteção e se juntam com outros meninos de rua (mais velhos), que determinam seus passos, em que as interdições são radicais, sem história, vivem numa eterna luta para sobreviver. Esta sobrevivência implica em um prazer fundamental à sua vida. Craidy afirma: “O amanhã não existe, a não ser quando chegar à forma de hoje e trazer suas exigências. O passado é melhor omitir; é duro e perigoso demais para ser lembrado” (1998, p. 27). É difícil para os pais verem seus filhos crescerem, colocam-nos na escola e de lá eles se desintegram do colégio. “Eu tenho um filho que fica o dia na rua e não sei o que fazer, já bati, aconselhei, mas continua a querer viver só na rua (M6).

Os pais esperam que a escola seja a alternativa para salvar estas crianças através da educação, do conhecimento, ou que pelo menos amenize a situação, pois os pais têm confiança que é lá o refúgio dos problemas ocasionados no lar. “Eu mando meu filho para a escola, pois é melhor do que ficar na rua e em casa ele não obedece ninguém.”

Todos os entrevistados disseram que os meninos de rua são agressivos, devido ao meio em que vivem, porque a própria rua os transforma, já que é onde se juntam com a “turma da pesada” (termo usado por eles). “Eles são brutos porque se misturam com pessoas ruins” (M2).

Sendo assim, fica claro então que os meninos de rua, segundo os pais entrevistados, se tornam mais violentos na rua quando estão com más companhias e se

julgam heróis. O fato é que ao se aproximar desses meninos, o perigo está na frente, pois se sentem recuados e não querem ser inferiores a ninguém, tampouco aos colegas, porque no meio deles todos são autoritários.

“Entre todas as formas de violência que os rodeiam e os amedrontam está a polícia, desde a detenção arbitrária sem nenhum flagrante que possa justificar, até o espancamento e tortura. Eu vi a polícia espancando um menor, saiu sangue até pelo nariz, foi horrível.” (M5). Neste sentido, Craidy relata: “É difícil encontrar um menino em convivência de rua que não tenha experiência de arbitrariedades policiais e, para eles, não há nada mais intolerável do que o despotismo” (1998, p. 59). A autora relata ainda que as brigas dos meninos de rua, tão propaladas, têm como umas das principais razões o desprezo, pela forma como são tratados ou pelo fato de serem chamados de maloqueiros, sujos e meninos de rua.

Portanto, a justificação com arbitrariedade é fator de desesperança, desestímulo em relação à alternativa para resgatar os meninos de rua, como relata Lima, *apud* Rosenberg: “O espaço principal ou secundário do cotidiano na garantia da subsistência e a do lazer ou de ambos simultaneamente” (1994, p. 34). Assim sendo, a noção de rua, neste contexto, adquire uma conotação social e cultural, pois passa a ser o lugar de representação de crianças que a viram como um lugar de refúgio.

Outra situação ou razão que impede o regresso dos meninos de rua aos seus lares são os fatores socioeconômicos identificados pelos pais na entrevista semiestruturada, que no dizer de Craidy: “Os pais dos meninos de rua não fazem projetos de escolarização para os filhos e quando fazem não os priorizam. As famílias não querem que estudem porque trazem menos dinheiro para casa” (1998, p. 27). Isso prova o desrespeito com os direitos e com a cidadania das crianças, pois a sociedade constrói uma política socioeconômica, sendo o pivô a criança, porém fica só no papel, pois elas continuam à mercê das ruas.

Como já dissemos no início, o mundo globalizado trouxe vantagens, desenvolvimento econômico, porém nem todos são beneficiados com essas mudanças, acarretando assim em uma série de problemas, como mostra Crista Costa (2005), problemas tais como aumento da pobreza, miséria, exclusão social e muitos que continuam desempregados. “Tem criança que vai a escola triste, viu a mãe brigar com o pai porque não tinha nada para dar o filho antes de ir à escola” (M5).

Muitos desempregados em Bom Jesus levam uma vida difícil, muitos malefícios são causados à vida das pessoas e de muitos na sociedade. Além dos problemas mencionados acima, acarretam em muitos outros: desestrutura familiar, brigas com colegas por alimento. A fome e a miséria estão em um dos graus maiores para o caminho das ruas. “Uma vizinha manda o filho pedir esmola na rua para beber bebida alcoólica” (M4). Esse desatino é o que mais transforma a criança, como diz Craidy:

A bebida e a droga apareceram como a causa mais frequente da exploração dos filhos pelos pais e da criação de obstáculos para a frequência na escola. Essas atitudes dos pais criam empecilhos objetivos à frequência à escola, mas criam, sobretudo, obstáculos psicológicos (1998, p. 70).

Então, podemos ver que os problemas sócio econômicos manifestados pelos pais na entrevista contribuem para os meninos de rua permanecerem lá sem muita perspectiva de retorno.

Família, outra causa manifestada pelos pais como sendo o fator primordial para o resgate dos meninos de rua. “Os pais são os únicos responsáveis por seu filho estar na rua” (M3). “Estão sempre ausentes quando os filhos pedem “socorro” (M5)”.

Visto que a agressividade dos meninos de rua tem a ver com a convivência com a família, como foi constatado pelos pais por unanimidade, nota-se o quanto o descaso familiar está contribuindo para que os meninos de rua tenham motivos para não regressar aos seus lares. Motivos estes como desestruturação familiar, prostituição de menores dentro de casa e outros.

A família deveria ser inserida primeira nas intervenções psicossociais, pois ela é para a criança o centro emocional e matriz da identidade. Para Lima:

Em verdade, as condições de vida das crianças revelam uma realidade destruidora de direitos sociais e violadora de princípios básicos fundadores da lei de proteção à criança, o ECA, a qual remete uma reflexão mais profunda sobre a questão social, uma realidade que também se exprime no surgimento de novos modelos familiares, que rompem com a hegemonia do padrão tradicional (2004, p.46).

Corroborar as interações familiares é fundamental no desenvolvimento individual e familiar. Tendo em vista que o atendimento ao indivíduo de forma isolada em muitas oportunidades torna-se limitado, assim como episódio de perturbações ficam mais compreensivos quando analisado em conexão com aspecto é mais amplo. Sendo

assim, a família como um sistema é parte integrante e detém um fator primordial dentro desse processo.

Os meninos que vivem nas ruas, mesmo que por pouco tempo, estão em situação de risco pessoal, conseqüentemente, em um processo de exclusão. Isso devido ao mundo em que está inserido: a rua, o que implica muitas vezes instabilidade e fragilidade nas relações afetivas básicas; estão expostos a todo tipo de violência excluída da escola, isso sem mencionara dignidade e a cidadania.

Portanto, fica claro, segundo as respostas dos pais, que os responsáveis em resgatar os meninos de rua são a própria família. Outra manifestação exposta pelos pais foi que a escola é também responsável em buscar os meninos de rua para inseri-los na sociedade.

Veremos outra questão apontada pelos pais que indicam a escola e seus representantes como probabilidade para resgatar os meninos de rua. “A escola é o lugar certo para buscar esses meninos. É onde podemos confiar para deixar nossos filhos”. (M6). Acreditam também que, com a ajuda dos professores e dos alunos da sala de aula, possam minimizar o rancor desses meninos. “Se o professor for mais paciente com eles, podem permanecer mais na sala” (M4).

Neste sentido, é observado pelos pais que tanto professor como aluno na sala de aula, tendo um jeito especial (humano), sem *bullying* por parte das outras crianças, esses meninos têm a possibilidade de retornar. Craidy relata:

Mostra que as experiências demonstram que, para os meninos com vivência de rua conseguirem fixar-se numa residência e junto ao um adulto que o assuma faz-se necessário todo um trabalho pedagógico de preparação e de acompanhamento, e, mesmo nos casos que isso se dá a permanência dos meninos nesta situação se mostra difícil (1998, p.38).

A autora relata ainda que é preciso tentar mostrar uma nova ideia de ambiente familiar e educacional para os meninos de rua, mostrando a importância de ter um lar e, ao mesmo tempo, a necessidade de se estabilizarem na escola, onde será preparado para aprender sobre o que a sociedade espera deles. Ainda, de acordo com a autora, o acompanhamento na escola seria de fundamental importância para que os alunos se sentissem bem e não quisessem sair dela.

As principais causas de evasão eram brigas provocadas por rivalidades e ciúmes por pequenos fatos que lhes davam a impressão de serem desvalorizados na escola ou

fora dela, por situações exteriores à escola como doenças, prisões, mudança de residência, necessidade de trabalhar e ajudar os pais, além de pequenas questões de ordem prática, falta de merenda, roupas adequadas para eles irem à escola.

As causas apresentadas para justificarem a evasão e as faltas demonstram que a escola sozinha tem pouca possibilidade de segurar o aluno. Só a junção de um trabalho integrado que enfrente ao mesmo tempo a questão de sobrevivência e a necessidade de laços permanentes com adultos, como seus familiares, podem livrá-los de uma maior responsabilidade.

Uma professora relata que, de 40 alunos matriculados no início do ano, apenas permanecem até o final menos da metade. Isso devido à questão de moradia, pois uns vivem na casa de parentes ou amigos, outros em instituições assistenciais, principalmente os albergues, e nas ruas, em recantos situados sob viadutos, pontes ou becos diversos.

Para essas crianças retornarem de sua vida de rua e se afastarem de influências externas que causam o mal, voltar a uma realidade a escola é um dos fatores primordiais para isso acontecer, como mostra PAICA-RUA (Org.): “Somente uma escola que assumisse o compromisso de trabalhar em rede, acolhendo interdisciplinarmente o sujeito, estaria realmente incidindo sobre essa realidade” (2002, p.48).

Pergunta 3: O que as instituições podem ou devem fazer para tirar os meninos de rua?

Os pais entrevistados manifestaram-se com as seguintes sugestões para que a escola possa ter a possibilidade de um retorno dessas crianças de rua. A primeira sugestão exposta pelos pais sobre os meninos de rua para que estes possam regressar foi haver por parte dos dirigentes, diretor e professores uma reflexão para que possam perceber o motivo que levam os meninos às ruas e o que fazer pra trazê-los de volta. Sabemos que o papel profissional do professor é exigente e complexo. No seu apogeu, ele desempenha vários papéis objetivando educar, já que ele é um educador e, com isso, passa a ser um transformador da justiça e da desigualdade social.

Um bom educador fazendo uma autoanálise do seu trabalho vai saber desenvolver o seu papel, sem arrogância, sem autoritarismo, está disposto ao diálogo, a aprender a ouvir a realidade de cada aluno para saber construir alternativas para segurar

o aluno em sala e buscar os que estão fora. Através da reflexão, o professor pode compreender as causas que levam os meninos às ruas, como relata PAICA-RUA (Org.):

Deve compreender a cultura da rua, com seus rituais de entrada e de saída. Ele vive no limite das tensões sociais. Situa-se entre o menino com uma carência existencial infinita e a sociedade que lhe exige soluções dos casos “recuperados”, as cifras dos investimentos e o tempo para solucionar a problemática (2002, p.33).

“Vimos que não é fácil o papel do educador, pois ele carrega o peso de toda sociedade, ao mesmo tempo em que gera os meninos de rua exige o seu fim”. Todavia esta reflexão não é só para professor. “Cabe aos dirigentes tomarem atitudes também como vigilância total, diálogo, reunião familiar. A escola nunca nos convidou para falar sobre estes problemas, só para reunião tratando apenas de assunto da própria escola” (M3).

Portanto, cabe a todos da instituição refletir e ver onde está a falha que causa exclusão e evasão, deixando estas crianças frouxas, se afastando do lugar considerado certo para irem às ruas e o pior é que não querem voltar. Vimos que pelas respostas expostas pelos pais, os mesmos têm a vontade de cooperar com a escola em buscar o retorno destes meninos.

A outra parte respondida pelos pais na entrevista semiestruturada foi em relação à ociosidade dos alunos. “Meu filho volta todos os dias mais cedo, que não fez nada em sala de aula” (M4). Tendo a resposta de uma mãe assim, cabe relembra que este dilema se dá em virtude da falta de implementação de políticas educacionais para reafirmarem compromisso com a contribuição do conhecimento, já que o mesmo deixa a desejar. “O meu filho falou que a única coisa que faz é brincar, a professora não liga para nada”.

O espaço de tempo vazio torna essas crianças dependentes, otimizando liberdade para fazer o que é certo ou errado. As crianças que vão para as ruas chegam ao ponto de ficarem escravizadas pela prostituição, drogas e roubo em prol da sobrevivência. A escola e a aprendizagem vêm a ser ilusórias e enfadonhas, já que aprendem nas ruas atividades remuneráveis para sua sobrevivência. Entretanto, é na escola que se trabalha o indivíduo para inseri-lo na sociedade, criando, analisando, o transformando em um crítico ativo, participativo e preparado para um futuro promissor.

Outro ponto esclarecido pelos pais sobre o que as instituições devem fazer em busca dos meninos de rua foi o diálogo que deve haver entre alunos e os agentes da escola.

Os pais manifestaram, neste caso, como uma das falhas em torno dos meninos de rua a falta de conversa que deve existir entre os agentes escolares e alunos. Começando pelo diretor. Ser ativo, participativo, conversar com professores, alunos, procurar saber quais as dificuldades educacionais de cada aluno para possível solução. “Meu filho disse que a diretora não aparece na escola. E a professora desde a hora que chega até a hora que sai é escrevendo no quadro, não fala com ninguém”. Craidy diz:

Ao elaborar a noção de campo social, reduz o efeito do meio enquanto ação direta; ela se efetua na interação pessoal do sujeito com os outros sujeitos que o cercam. A pessoa não é uma simples peça de uma estrutura, é um sujeito que interage com outros sujeitos e é capaz, nessa interação, de recriar a posição que o ocupa no campo social (1995, p. 284).

O diálogo pode mover atitudes boas, contanto que seja recíproco, ambas as partes expondo os pontos positivos e negativos, auxiliando na autoestima e, o mais importante, podem descobrir o porquê das crianças não quererem ir às aulas e sim para as ruas.

Outro ponto importante das respostas dos pais foi a necessidade de os professores serem mais pacientes com os alunos. “A professora disse na sala para os alunos não ligarem para meu filho, pois ele é um zero a esquerda” (M3). Isso mostra o descaso de muitos professores com alunos ou até a forma como trata cada um, com prioridades diferentes. O profissional que age com esta atitude, mostra o quanto ele está saturado, cansado ou precisa repensar o seu profissionalismo. “Meu filho diz que o professor bate com tanta força na mesa que todos os alunos ficam com medo” (M2).

Craidy afirma: “As diferentes razões para estarem na rua e as diferentes atividades nela desenvolvidas correspondem a diferentes níveis de ruptura com as instituições sociais” (1998, p.61).

Quando o educador se aproxima da criança e inicia o processo de estabelecimento de vínculos, o primeiro momento é o de desconfiança. Eles estão sempre nos testando. Querem saber até onde vai o nosso amor, a nossa paciência histórica (PAICA-RUA (Org.), 2002, p.36).

Observamos que existe uma expectativa muito grande dos pais e da sociedade em prol da escola, esperando que esta seja a solução para resgatar os meninos de rua.

Pergunta 4: Na sua opinião, o que leva os meninos às ruas e como contribui a escola para que permaneçam nelas?

“Eu acho que a divisão das classes sociais, tanto no que se refere à classe econômica quanto à parte social, traz um crescimento da violência, afastando a criança da escola e do para a rua. Muitas pessoas vivem sua exclusão através da criminalidade por apresentarem dificuldades para melhores condições de sobrevivência” (M).

“Esses meninos estão na rua porque, na escola, os professores são agressivos, os botam para fora de sala” (M1).

“As crianças têm sido influenciadas a irem às ruas devido à violência angariada por ações violentas realizadas na escola por parte de diretores, professores e dos próprios alunos” (M2).

“Ainda há os atos cometidos ao redor da escola, através de agentes como traficantes, presença de drogas, aliciadores de menores, prostituição infantil, violência praticada em casa, havendo assim junção de fatores dentro e fora da escola que levam as crianças a se transformarem em meninos de rua” (M3).

Pergunta 5: Se você pudesse ajudar esses meninos, de que forma o faria?

“Eu defendo que a questão do menino de rua é social, então tem que ser analisado os fatores sociais que ajudam pra eles existirem. De forma geral, são crianças pobres, que vêm de famílias desempregadas, algumas até em situação de miséria e, por isso, tem que haver uma avaliação de como estão sendo repassados os recursos públicos e a distribuição de renda” (M).

“Eu acho que falta comprometimento social, responsabilidade. Os órgãos públicos são muito negligentes com os mais pobres, que são os que mais precisam. Acho que gerar emprego para todos seria uma solução para que os pais pudessem criar melhor os filhos” (M).

“Os meninos de rua precisam de acesso à boa educação e isso tem que ser dado pelas escolas públicas, que deviam funcionar de uma forma melhor por causa dos impostos que pagamos. Claro que a família da criança tem culpa, mas na escola o aluno

passa o tempo estudando, aprendendo, não tem porque querer ir pra rua se o ensino é bom” (M).

Pergunta 6: Em sua opinião, porque a questão dos meninos de rua ainda não foi resolvida?

“O maior problema é que os programas de assistência não estão condizentes com as necessidades das famílias. Nem todo mundo sabe, mas nos locais onde os meninos ficam, quando são encaminhadas pelo CREAS, PETI, as crianças ficam misturadas, uns com doenças mentais convivem com outros que estão lá por terem cometido roubo, por exemplo” (M).

“Qualquer pessoa pode perceber que nesses centros assistenciais faltam profissionais qualificados, que saibam trabalhar de forma correta com as crianças que vão pra lá. Muitas crianças juntas, cada uma com um problema, só dificulta a aprendizagem” (M).

3.7 Apresentação da pesquisa com os professores

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, variáveis
(Paulo Freire, 2005)

Foi marcada a entrevista com os professores das duas escolas. Devido a distancia e ao curto tempo, fizemos o trabalho em dois dias, sendo um dia para cada escola. Mas só aconteceu após os diretores terem autorizado, pois nos deram o horário do intervalo para não atrapalhar a aula. A entrevista foi com oito professores da 6ª série, sendo quatro de cada escola.

Ao anunciarmos a entrevista, observamos os professores um tanto reprimidos, não mostrando nenhum interesse em responderem ao inquérito. O fato é que não queriam se expor. Estavam apreensivos, mas após explicarmos como seriam as perguntas, que poderiam responder como quisessem e que seus nomes não seriam expostos, se sentiram mais à vontade, passando a responder com facilidade as questões a que proporcionamos do inquérito: 1-Que parcela de culpa você acredita que tem a família em relação aos meninos de rua? 2- Como você avalia o comportamento dos meninos de rua? É possível trazê-los de volta à escola? 3- Como você avalia a presença dos meninos de rua na sociedade? 4-Que tipo de influência os meninos de rua exercem

na escola? 5-Pela sua experiência no trabalho com diversas crianças, na sua opinião, que fatores contribuem para crianças irem às ruas? 6-Na sua visão de educador, o que a sociedade bonjesuense pode fazer para resgatar os meninos de rua?

3.8 Respostas dos professores sobre meninos de rua

Pergunta 1: Que parcela de culpa você acredita que tem a família em relação aos meninos de rua?

As respostas das professoras foram bastante contundentes quando relataram que uma das razões para os meninos estarem nas ruas corresponde a diferentes níveis de integração na “cultura” de rua e diferentes níveis de ruptura com as instituições sociais, principalmente com a família.

Uma docente entrevistada expressou-se da seguinte forma: “O comprometimento com drogas aumenta na medida em que os meninos se afastam de sua família” (D1). Outra professora diz: “A família hoje se encontra em desequilíbrio social. Não valoriza a verdadeira união e a criação dos filhos torna-se defasada, deixando-os por conta da rua.” (D2).

Constatamos que pelas respostas das professoras que o uso de drogas, prostituição e outros problemas de ordem social acontecem por a família estar ausente na vida dessas crianças, pois vivem nas ruas e não têm relações regulares com seus familiares, que não têm compromisso com os mesmos. As professoras veem uma das causas ou mesmo culpa desses meninos de rua serem desagregados da própria família.

Com relação à desagregação familiar:

O principal motivo que coloca esses jovens nesse triste caminho é, sem dúvida, a miséria de suas famílias, fator que contribui para falta de unidade no lar, estimula a violência, o uso de droga, o alcoolismo, dentre outros malefícios (LIBERATI e DIAS, 2006, p. 83).

A Constituição Federal de 1988, em seu Art.227, diz:

É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito para vida, saúde, alimentação, educação ao lazer, profissionalização, à cultura, dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (1988, p. 129).

O Estatuto da Criança e Adolescente, Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990, em seu Art. 4, deixa claro que

é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, saúde, alimentação, educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, cultura, ao respeito à liberdade e a convivência familiar e comunitária (1990, p. 15).

O Art. 2 da LDB, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, reza que a educação é dever da família e do Estado e “inspirada nos princípios de liberdade nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Pergunta 2: Como você avalia o comportamento dos meninos de rua? É possível trazê-los de volta à escola?

Foram taxativas as respostas das professoras quando se referiram aos meninos de rua. As respostas foram todas voltadas para as instituições, família e escola. Sendo a causa principal a família, já que esta é a base para formação da criança. Uma professora comentou: “Se a família se interessasse mais pelos seus filhos, não haveria um índice tão grande de reprovação, evasão e repetência e estas crianças não ficariam ociosas para irem às ruas.” (D1).

Outra professora disse: “Muitos desses pais não têm estudo e, com isso, passam essa realidade aos filhos, que acabam por aprender errado nas ruas” (D2). “A sociedade em si ainda não acordou para essa realidade, os tratam como um ser a mais no mundo” (D3). “Essas crianças precisam de um acompanhamento diferenciado, elas têm que encontrar na escola apoio, carinho, compreensão do corpo docente. Só assim podem conseguir se desenvolver e descobrir atividades, esquecendo das mazelas da rua.” (D4).

Destacaram ainda sobre a brutalidade dos pais com os filhos. “Há pais que batem nos filhos até deixá-los marcados e, devido a isso, os meninos ficam revoltados, com vergonha dos próprios colegas e não querem ir à escola” (D3). “Muitas vezes percebemos crianças que chegam à escola com hematomas, dizem que o pai chega alcoolizado e os agredem sem motivo. Outras vezes vêm para escola com fome, dizem que em casa não têm o que comer ou a mãe chega bêbada e não faz nada, e diz que dói a barriga com fome. Devido essa situação precária a criança prefere não ir à escola” (D4).

Vimos com as respostas das professoras que o desajustamento familiar leva os meninos à situação de rua implicando principalmente no convívio escolar, a existência da violência física e psicológica exercida pelos pais afeta as crianças levando às ruas. Isso na visão das professoras.

Segundo os professores, os alunos demonstram sentimento de rejeição, ciúme, preconceitos e sentem-se discriminados com sua aparência (vestimenta) perante os demais colegas. “Tem um aluno que vem assistir aula sujo, os colegas criticam e ele reage com agressão, batendo nos colegas” (D4).

Os professores veem que o fator preconceito neste caso também é causado pela própria família e se manifesta dentro da escola. Passam a ser violentos, brigam não só na escola, nas ruas, aprendem palavrões e despejam tudo na escola, ou seja, as crianças repetem na sala de aula as bagunças que aprendem nas ruas.

Constata-se, segundo respostas dos professores, que as manifestações dos meninos de rua implicam na escola devido a esses fatores acima apresentados, que poderiam, por meio da base familiar, ser evitados e através disso retornarem para a escola, já que essa está construída para a formação do indivíduo, com ajuda da família e da sociedade.

Como vimos todos os motivos referidos pelos professores em avaliar os meninos de rua perante a escola dizem ou refletem a fatores externos, sobretudo ao desajustamento familiar. E para que venha resgatar esses meninos de rua deve haver uma junção entre sociedade, família, escola, e professores. Liberati e Dias relatam:

Programas governamentais e políticas sociais visando à reestruturação de família desagregada e o incentivo a projetos educacionais que atuem contra a evasão escolar devem ser colocados à disposição de toda a sociedade (2006, p.98).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8069/90, defende que nenhuma criança ou adolescente deve ser objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Pergunta 3: Como você avalia a presença dos meninos de rua na sociedade?

As respostas emitidas pelos professores foram eloquentes ao tratar dos meninos de rua perante a sociedade. Manifestaram-se de forma clara dando depoimento e

sugestões para a busca desses meninos em situação de risco. Fazem um relato mostrando que esses meninos não são culpados por viverem essa situação, pois não é problema só de um lugar ou setor, e sim uma questão que se encontra na sociedade irregular que proporciona esse quadro. “Os meninos de rua não são nada mais do que autores de frações, só que são vítimas. Estão todos em situação de risco, pessoal e social, diferenciando de outras crianças em circunstância que faz o deferir” (D5).

Uma outra professora relata: “Esses meninos são abandonados pelos motivos mencionados acima e o pior é como são encarados na sociedade. São excluídos e são vistos com desprezo, pois a sociedade vive amedrontada, da mesma forma que os meninos de rua a repugnam. Por isso ambos se odeiam. É igual o homem com a cobra, atacam um ao outro” (D6).

Outra professora diz: “Se a sociedade mostrasse mais interesse por esses meninos, não digo todos, mas pelos meninos, a metade regressaria à sua vida normal” (D7). “A nossa sociedade é preconceituosa, vê nossas crianças aquém da sociedade. Em sua maioria, excluídos do processo social e cultural, são consideradas pessoas sem potencial” (D8).

Sugestões foram dadas por professores das duas escolas e as respostas foram parecidas. Uma professora comenta: “O problema a ser resolvido não é simplesmente os meninos de rua, mas sim as causas que os levam às ruas e a importância de a sociedade expor uma política social básica, dando assistência social, emprego, proteção social, projetos políticos de apoio para mudar a vida deles. Mas para que isso aconteça, deve haver uma junção entre sociedade, família e escola em prol de resgatá-los e não ficarem excluídos de uma justa sociedade” (D7). A professora em seu comentário diz: “Essas crianças são assim devido ao preconceito trazido de casa, atingindo o ambiente escolar. Também o *bullying* dentro das salas de aula tem prejudicado muito ao afastar os alunos da escola” (D4).

Diante das respostas dadas pelos professores, vimos que o problema dos meninos de rua diante da sociedade é difícil de resolver, mas não impossível.

Pergunta 4: Que tipo de influência os meninos de rua exercem na escola?

Os professores das duas escolas foram positivos ao afirmarem que o número de crianças que, desde a mais remota idade, são desencaminhadas para valores sociais

vertidos é grande, como mostra Liberati e Dias: “À medida que entram em contato com os traficantes, estes acabam oferecendo-lhes um mercado de trabalho “sedutor”, no qual é garantido obterem um rendimento maior do que aquele que lhes é oferecido” (2006, p. 81).

Uma professora relata: “Quando eles estão com os amigos, vêm para a escola, vendem drogas, já roubaram computador, DVD, arrebatam os cadeados e as portas. Esses meninos amedrontam alunos, professores e diretor. Se alguém falar deles é ameaçado. O próprio vigia vive amedrontado” (D1). “Esses meninos de rua têm influenciado muitos alunos nas instituições educacionais, com variedade de drogas e, por causa deles, muitos abandonam a escola” (D2).

“Estas interferências acarretam problemas na aprendizagem, no desinteresse relacionado com a escola, trazendo assim repetência e evasão, deixando crianças ociosas e a caminho das mazelas da rua” (D3).

Pergunta 5: Pela sua experiência no trabalho com diversas crianças, em sua opinião, que fatores contribuem para crianças irem às ruas?

A visão dos problemas sobre os meninos de rua, segundo opinião dos professores, estão de acordo com o que os pais também relataram: São os que estão acarretados no interior e exterior da escola. “Há fatores arraigados que prejudicam a criança: as brigas entre os próprios alunos, o *bullying*, comportamento adequado, entre outros” (D1).

“Há os que, fora da escola, passam por diversos traumas: abuso sexual em casa espancamento domiciliar, escassez de alimento, envolvimento com drogas, o que acaba afetando o desempenho na instituição de ensino e não sabemos o que fazer, pois se os alunos forem reclamados abandonam as aulas e vão para as ruas” (D2).

A visão que o professor tem sobre o menino de rua situa-se ainda nas escolas, que são representadas pelas manifestações subjetivas e objetivas existentes nas instituições. “O egocentrismo por parte dos alunos, poucos programas voltados para questão da pesquisa estudada e a falta de políticas educacionais, entre outros. Uma escola que assumisse o compromisso de trabalhar em rede, acolhendo o aluno de forma interdisciplinar, poderia minimizar essa realidade” (D3).

Os professores, ao se manifestarem sobre os meninos de rua, comentaram ainda que os problemas dessas crianças implicam na desigualdade social, na sociedade em que está inserida a parte egocêntrica de cada aluno nas instituições.

“Dizem que estes meninos vivem na rua por causa de família desestruturada, falta de escola, a sociedade que de certa forma os repugna, pois são crianças que não têm limite e são indisciplinadas” (D4).

Pergunta 6: Na sua visão de educador, o que a sociedade bonjesuense pode fazer para resgatar os meninos de rua?

O professor carrega um fardo de ajudar essas crianças a viverem socialmente. Baseado neste sentido, mesmo refletindo sua profissão como um bom educador na prática pedagógica e com isso minimizar a situação em questão, ele se acha comprometido em diminuir o problema do menino de rua.

Os professores se manifestaram de forma clara. “O que a sociedade pode fazer é deixar que os meninos façam parte da sociedade. A desigualdade social acarreta em problemas controláveis e os acontecimentos políticos e sociais ligados à educação, levam a alterações econômicas e sociais. Se a sociedade fosse menos egocêntrica e passasse a ver a realidade dos meninos de rua, esta situação diminuiria” (D1).

De acordo com as teorias pesquisadas, a questão da criança situa-se no desemprego e/ou baixos salários dos pais, além da desconstrução dos familiares, visto que a situação dessas crianças está em diversas mediações de ordem econômica, social e familiar. O que falta para tirar os meninos de rua é dar emprego às famílias, além de investir na educação, mantendo uma boa escola.

3.9 Entrevista com coordenadores do CREAS, CT e CRAS

Esta parte da nossa entrevista tem como objetivo analisar como estão sendo aplicados os programas educacionais em Bom Jesus, em busca de minimizar a situação dos meninos de rua. A entrevista com os coordenadores, professores e dois monitores dos programas pesquisados aconteceu em dias separados, em que os mesmos se prontificaram a nos atender e responder as perguntas com bom êxito.

Devido aos programas (CREAS, CT, CRAS) serem relacionados, as respostas dos coordenadores foram um tanto parecidas. Porém, cada criança com sua faixa-etária,

as quais foram selecionadas conforme a idade e cada problema. Foram realizadas quatro perguntas:

- 1 - Você tem conhecimento da existência de meninos de rua em Bom Jesus?
- 2 - Pelo seu trabalho com crianças em situação de risco, como a sociedade encara os meninos de rua?
- 3 - O que têm feito os programas educacionais (PETI, CT, CREAS, CRAS) para resgatar os meninos de rua?
- 4 - Quais as dificuldades que os programas encontram para a efetivação do trabalho?

3.9.1 Respostas dos coordenadores e monitores dos programas educacionais

Foi feita a entrevista primeiramente com os coordenadores. A coordenadora do CT, juntamente com sua equipe (professores), foi benevolente por nos receber e responder a nossa entrevista.

Pergunta 1: Você tem conhecimento da existência de meninos de rua em Bom Jesus?

Quadro 3 – Programas educacionais com conhecimento da existência de meninos de rua

Conhecimento de meninos de rua	Coordenadores	Professores	Total
CT	1	3	4
PETI	1	3	4
CRAS	1	4	5
CREAS	1	3	4
TOTAL	4	13	17

Fonte: Entrevista semiestruturada

Neste quadro, coordenadores e professores dos programas educacionais relataram ter conhecimento dos meninos de rua em Bom Jesus. “Sim! Antes não havia meninos de rua em Bom Jesus, mas agora tem, pois chegou uma família desestruturada, andarilha, que veio da Bahia, trazendo esses meninos para nosso município”. O CT já fez de tudo para tirar esses meninos da rua, mas eles não querem nada da vida”. A mesma resposta foi dada por toda a equipe: “Já foram usados todos os meios possíveis para tirá-los dessa situação, eles preferem ficar a mercê das ruas. Isso porque tem a mãe que é a primeira a jogá-los na rua”.

Pergunta 2: Pelo seu trabalho com crianças em situação de risco, como a sociedade encara os meninos de rua?

A maioria dos professores e coordenadores afirmaram que a sociedade encaram os meninos de rua com preconceitos e desprezo conforme no quadro exposto. “A sociedade é um tanto exigente, preconceituosa, mas se fizesse um esforço e tivesse um pouco de paciência talvez esta situação diminuísse mais e estes meninos poderiam retornar e viver em uma sociedade justa, se tornando verdadeiros cidadãos”.

Pergunta 3: O que têm feito os programas educacionais para resgatar os meninos de rua?

Há a configuração da estrutura dos programas educacionais relatados pelos coordenadores e professores sobre as atividades feitas nos programas para a busca dos meninos de rua. “Nós do CT vamos à casa das famílias consideradas desajustadas, conversamos com eles, explicamos como é o programa e procuramos ajudar no que for possível. Levamos o caso, se necessário, ao delegado, promotor, vamos à busca de matrículas na escola, no programa Bolsa Família e no PETI. Se a criança necessita, enviamos a outros programas educacionais existentes no município. Todos os programas têm trabalhado em prol de resgatar os meninos de rua, mas é difícil porque eles não querem saber de nada. A própria família acha bom que eles fiquem na rua porque não aguenta mais os filhos, pois já não obedecem mais e são violentos”.

Relatos das representantes dos programas pesquisados mostram que a violência transmitida pelas crianças de rua tem muito a ver com a violência presenciada por eles em sua residência. “No interior da família, lugar mitificado em sua função de cuidado e proteção, existem muitas outras formas de violência, além da física, sexual (violência psicológica)” (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2002, p. 334).

Fizemos as mesmas perguntas aos diretores do CREAS, CRAS e PETI e as respostas foram as mesmas. Quando preciso, vão atrás das autoridades como prefeito, polícia, promotor, visto que todos estão cientes da existência desses meninos de rua em Bom Jesus. Segundo eles, os programas político-educacionais têm sido utilizados em prol dessas crianças. Porém, muitas das vezes, esses meninos não aceitam ajuda, preferem a vida de bandidagem, drogas e prostituição a voltarem a uma vida melhor.

Os mesmos relataram que as autoridades estão cientes da existência dos meninos de rua em Bom Jesus, mas não podem fazer nada. “Muitos já foram presos, mas são

soltos por serem menores e, quando soltos, praticam mais delitos.” Os monitores concordaram com todas as respostas. Uma delas disse: “Esses meninos já aprontaram de tudo. Quanto mais há programas político-educacionais para ajudar, eles fazem questão de aprontar mais. Vivem com raiva de todos nós dos programas educativos. Dizem que a escola juntamente com o CT, CREAS, PETI e CRAS são iguais a prisão”.

Pergunta 4: Quais as dificuldades que os programas encontram para a efetivação do trabalho?

Estão as dificuldades citadas pelos coordenadores e professores dos programas educacionais para resgatar meninos de rua. “As políticas públicas não estão sendo muito eficientes na forma prática e nós precisamos do apoio da gestão pública para concretizar o nosso trabalho. Temos alguns problemas com as estruturas dos centros, falta de equipamentos para a realização de atividades, o que desacelera a nossa tentativa de ajudar na questão dos meninos de rua”.

Diante das respostas adquiridas, constatamos que os dirigentes e assistentes dos programas político-educativos que existem em Bom Jesus têm se esforçado para ajudar os meninos de rua existentes no município para tirá-los da rua. Porém, falta muito para alcançar este objetivo, visto que a estrutura desses programas ainda deixa muito a desejar, necessitando assim de mais programas educacionais e políticas públicas em torno desse pequeno grupo que está à mercê das ruas.

3.10 Entrevista com gestor do município

Fizemos essa entrevista às 9h com um dos representantes do município, o vice-prefeito, pois tinha sido marcado no dia anterior. Foi receptível e coeso ao elencar a problemática existente no município

Pergunta 1: Vossa Excelência é ciente da existência de meninos de rua em Bom Jesus?

A autoridade foi clara e taxativa nas suas respostas. “Sim, infelizmente. Os meninos de rua são uma realidade estampada não só na nossa cidade, mas em todo o país”.

Pergunta 2: Como o Sr. vê os meninos de rua perante a sociedade?

“Infelizmente, a sociedade ainda exclui, tem preconceito e ainda não evoluiu para novas ideias da necessidade de refletir sobre a problemática das crianças de rua. Tentamos sempre criar políticas de inclusão eficazes para que esse preconceito diminua e o problema venha a ser resolvido, através das instituições que são responsáveis pelo desenvolvimento do indivíduo”.

Pergunta 3: O que a Prefeitura Municipal de Bom Jesus tem feito para resgatar os meninos de rua?

“A Prefeitura tem adotado políticas sociais, através de programas de atenção à criança, ao jovem e ao adolescente, principalmente aqueles que vivem em situação de rua. No universo da infância e da juventude, a carta maior é a ECA (Lei nº 8069). Mesmo assim, não são reconhecidos como cidadãos. Precisa-se de agentes de programas de apoio e assistência ao menor que atuem com atenção e amor”.

Pergunta 4: O que está faltando para a criação de mais políticas para resolver esse problema definitivamente?

“Cada centro de assistência que funciona no nosso município depende de decisões estaduais e nacionais. É uma questão complexa que abrange todo o nosso estado e o nosso país. Nós temos trabalhado para que profissionais qualificados assumam as responsabilidades nesses centros para vestir na volta dos meninos de rua para seus lares e escola”.

“É um esforço conjunto que depende de normas, projetos e investimentos. Por isso, estamos fazendo o máximo para que as políticas sociais se tornem cada vez mais eficazes, sem deixar margens para falhas”.

3.11 Apresentação da pesquisa com os alunos

Iniciamos a parte mais importante da nossa pesquisa, que é a mais indicada a relatar frações, pois elas deixam vir à tona toda realidade de justiça causada pelos fatores sociais, familiares, escolares e econômicos. Esses alunos passam a ser também vítimas, a partir de suas experiências, pois presenciam agressões e brigas manifestadas na escola. Em seus relatos, denunciam os agentes externos causadores de atos ilícitos no espaço interno da escola.

Mostraremos neste trabalho que os agentes desta pesquisa se tornam meninos de rua devido, dentre outros fatores, ao que podemos constatar a partir do texto PAICA-RUA (Org.):

(...) crianças e adolescentes tornam vulneráveis às agressões do meio por que não conseguiram usufruir dos mecanismos de proteção, socialização e de construção de conhecimento do sentido amplo (2002, p.64).

De acordo com as palavras referidas no texto PAICA-RUA (Org.), as crianças que passam a ser meninos de rua escolhem seu próprio modo de vida e são influenciados com o que já vivenciaram em família e com o que aprendem no espaço escolar. Por passarem por tumultos desde cedo, sem receber a devida proteção, passam a ser crianças instáveis, à margem de malefícios que encontram pelas ruas.

A análise aqui apresentada dos dados colhidos do nosso trabalho está fundamentada nas entrevistas e nos trabalhos pedagógicos (técnicos) que estão escritos no capítulo 1. Essa entrevista foi o pivô principal que fizemos da nossa pesquisa.

Fizemos esse trabalho da seguinte forma, o qual exporá em seguida: entrevista gravada, questionário e desenhos.

Na situação atual no Brasil, observa-se, através de reportagens dos meios de comunicação, tenso movimento amparado por pressões nacionais e internacionais com o objetivo de resgatar os meninos de rua. Nota-se que essa conjuntura brasileira em prol de minimizar essa situação vem por meio de incentivo, da ação de políticas sociais e de programas governamentais formar para poder conscientizar a sociedade, família e escola.

Segundo Liberati e Dias,

no que se refere ao incentivo voltado para a permanência de crianças e adolescentes nas escolas alguns programas estão sendo executados no país. Ainda possuem, no entanto, um alcance limitado, vez que não se entendem de maneira efetiva, a todas as famílias carentes (2006, p.98).

No entanto, a Constituição Federal de 1988, Art.227, relata que é “dever da família, sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente com a absoluta prioridade” (1988, p. 129). O ECA, Lei nº. 8069 de julho de 1990, Art. 3 e Art. 4 se referem à criança e ao adolescente de forma a “gozar de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana”. A Lei de Diretrizes e Bases de 1996, Art.2, diz que a

“educação é dever da família e do estado, inspirado nos princípios de liberdade humana”.

Como podemos perceber, as leis existem como esperança para os meninos de rua. Ainda o Art. 5 do ECA determina que “nenhuma criança será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido da forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (1990, p. 16).

É necessário que se faça um trabalho de conscientização na sociedade em geral para que possam resgatar os meninos de rua, pois só as leis no papel, ou seja, só na teoria não basta.

3.12 A visão dos alunos sobre os meninos de rua na escola

Passamos a trabalhar com os alunos objetivando analisar a visão deles sobre os meninos de rua, através das seguintes perguntas: 1-Você sabe o que são meninos de rua? 2-Você já viu algum menino de rua? 3-Você acha certo a criança deixar sua casa e a escola para irem às ruas? 4- Você acha que essas crianças que estão nas ruas e não estudam são felizes?

Fizemos um trabalho com os alunos nas duas escolas pesquisadas, como também fomos aos lares de algumas crianças, entrevistando-as separadamente. Mostraram-se entusiasmadas com o nosso trabalho de pesquisa. Esse trabalho com os alunos da 6ª série das duas escolas trabalhadas enriqueceu a nossa pesquisa, pois oportunizou ficarmos interagindo com os alunos para aplicar instrumentos de pesquisa que viessem mostrar a realidade dos meninos de rua diante dessas crianças. Também utilizamos entrevistas nas casas com 10 famílias.

Esta parte da pesquisa teve o objetivo de mostrar a visão dos alunos sobre os meninos de rua, se já os viram e que ideia têm a respeito dos mesmos. O objetivo foi obter uma análise dos meninos de rua nas escolas de Bom Jesus por meio dos alunos que estudam nestas escolas.

Fizemos entrevistas com os alunos nas duas escolas trabalhadas, nas 6ª séries, com um total de 10 alunos em cada escola. Alguns sentiram motivados em responder, outros não quiseram, fugiam, diziam estar com vergonha e medo de falar desse assunto. Gravamos as entrevistas e foi gratificante, pois os alunos sentiam-se importantes

perante o gravador e, devido a isso, pudemos colher informações importantes à nossa pesquisa.

Procuramos pôr as respostas de cada aluno separando em código e números (1 a 10 para distingui-los), A para aluno conforme gênero (M = masculino; F = feminino), nas duas escolas pesquisadas para diferenciá-los.

Pergunta 1: Você sabe o que são meninos de rua?

Para primeira pergunta, que é: você sabe o que são meninos de rua? As respostas foram diversificadas. Uns diziam que não sabiam, outros responderam: “Menino de rua é aquele que vai para a rua se drogar, ser vagabundo, jogar pedra nas casas e chega a casa com cara de santo” (A1). Outro respondeu: “São meninos que não trabalham, ficam brigando na rua e vêm para a escola e fazem o mesmo” (A2). “Os meninos de rua passam o dia fazendo bagunça na rua e só voltam para casa à noite” (A3). “Meninos de rua vivem brigando, batem nos colegas e são maconheiros” (A4).

Após intervenção de alguns, explicamos realmente o que são meninos de rua. São crianças que abandonam seu lar, a escola, vivem cometendo atos ilícitos, não querem saber da família, comem e dormem na rua embaixo da ponte, em lugares isolados e sentem-se donos de si, não aceitam ordem e nem limites. Por isso, não querem saber de ter um lar.

Depois da explicação, outros alunos se manifestaram: “Aqui em Bom Jesus tem; eu já vi dois deles, dormem em baixo da ponte, já foram presos por roubo, drogas, eles têm de 8 a 12 anos” (A5). Outro respondeu: “No Morro do Freio tem uns três que dormem em uma casa abandonada, mas eles são valentes, não aceitam ninguém nem olhar para eles” (A6). “Esses do Morro do Freio só vivem drogados, tem um deles que já furo com faca o próprio colega” (A7).

Pergunta 2: Você já viu algum menino de rua?

“Eu vi um menino de rua oferecendo drogas aos alunos no colégio que estudo na hora do recreio. Ele pulou o muro” (A1).

As respostas dos alunos da escola B foram parecidas com as dos alunos da escola A. Uns responderam que tinham conhecimento, outros permaneciam calados. “Sei que têm e são muitos em Bom Jesus, dormem nas ruas, roubam para se manter,

usam drogas o dia todo” (A2). “Já roubaram a escola, arrebataram as fechaduras e portas do colégio, roubaram televisão, vídeo cassete, DVD e ainda rasgaram muitos livros da biblioteca” (A3). “Perto da minha casa tem uma velha que cria um neto, mas ele só faz o que quer. Não dorme mais em casa, rouba pra comprar bebida, droga, já derrubou a coitada da velha e ela teve que chamar a polícia. Ele vive nas ruas” (A4).

Outro aluno relata: “Nós temos vizinho que têm meninos de rua. Quando ele aparece é só para judiar dos pais e irmãos” (A5). “Na escola, de vez em quando, aparecem meninos vendendo drogas e quando não conseguem vender, ficam dando para os outros escondidos” (A6). “Esses meninos andam com más companhias e querem desencaminhar muitos” (A6). “Não se pode sair na rua com estes trombadinhas (termo usado por um aluno). Além de roubar nas casas, escola e comércios, são valentes, ninguém pode olhar para eles” (A7).

Percebe-se pelas respostas iguais dos alunos das duas escolas estudadas que os meninos de rua que prejudicam a escola A são os mesmos que aprontam desatinos na escola B.

Diante deste contexto, podemos detectar que os meninos de rua influenciam e têm relação, na visão dos alunos, com muitas crianças na escola, a ponto de desestruturar a instituição, levando essas crianças ao abandono escolar.

“Eles dormem em baixo da ponte, dentro de ônibus velho ou casas abandonadas” (A8). Já outros respondiam de forma mais oculta, pois sabiam da existência dessas crianças, mas nunca viram, apenas ouviam comentários.

Pergunta 3: Você acha certo a criança deixar sua casa e a escola para ir às ruas?

“Eu acho errado; estes meninos de rua não respeitam ou não obedecerem ninguém”, disse um aluno (A9).

Os meninos de rua estão muito sujeitos à influência externa, pois são novos e estão em formação e, infelizmente, a realidade social em que vivem os leva ao desgaste moral, afastando-os da escola, da família e da sociedade até viverem conforme o que aprendem na rua. Conforme o Art. 19 da ECA, “toda criança ou adolescente tem o direito de ser criado e educado no seio da família” (1990, p. 20).

A visão dos alunos sobre o menino de rua mostra a realidade do cotidiano vivenciado por essa pequena população, em que a violência, abuso sexual e presença de drogas os envolvem, transformando-os em meninos de rua.

Um dos alunos respondeu que acha errado esses meninos deixarem de estudar e abandonarem seus lares para irem às ruas. Ele foi claro a afirmar que a sociedade deve não discriminar, ser mais paciente e amorosa para essas crianças poderem voltar para a escola, pois elas já passaram por situação difícil. “Na rua em que eu moro tem uma mulher com sete filhos, cada um tem um pai. Ela só anda bêbada, leva namorado drogado para sua casa, bate nos filhos, os vizinhos já denunciaram para o Conselho Tutelar e polícia, mesmo assim os filhos são soltos na rua, judiados” (A10).

Através dos comentários dos alunos, pode-se perceber mais uma vez o dever que a sociedade tem de se prontificar a fazer uma transformação social para que as crianças de rua tenham certeza de um futuro melhor. “As crianças poderão ter uma vida melhor se estudarem e voltarem para casa” (A9). Outro aluno relata: “Estes meninos são violentos por influência da família, pois presenciam brigas diariamente no seu lar. Mora perto da minha casa uma família desestruturada, os pais são violentos com seus filhos, o pai alcoolizado bate na mãe, às vezes os vizinhos ligam para a polícia e já foram presos, mas continuam agressivos. Se a família ajudar vai ser mais fácil resgatar estas crianças e levá-las para casa e escola” (A8).

Vimos nas respostas dos alunos que a vivência familiar desestruturada leva crianças às ruas por presenciarem brigas dos pais ou quando os familiares levam uma vida sem moral (mãe prostituta, pai alcoólatra). Em ambiente familiar com pouca interação social e sem atividade compartilhada entre pais e filhos há ausência de afeto, amizade, estabilidade entre outros. Vimos nas respostas dos alunos, além de outros fatores, que a família desestruturada é o principal fator que leva os meninos às ruas.

Pergunta 4: Você acha que essas crianças que estão nas ruas e não estudam são felizes?

“Eu acho que elas gostam de morar na rua em vez de ficar em casa, mas não tem como ser feliz passando fome, sem tomar banho ou ter carinho de mãe” (A1). Outro aluno afirmou que a criança não pode abandonar a escola, pois é o local onde ela pode crescer como pessoa. “Se a gente não estuda, não podemos ser alguém com uma profissão e nem construir uma família feliz” (A2).

Os alunos apresentaram ideias positivas (mais atenção, escola de qualidade com esporte, ensino técnico, afeto dos educadores) sobre a importância da escola na vida das crianças. Mesmo não sabendo como é a realidade dos meninos de rua e as causas que os

levam a se transformarem, a essa condição, os alunos defenderam que a educação é importante para a vida de quem estuda e, na escola, podem aprender assuntos diversos, assim como os pais os ensinam.

“Eu sou feliz na escola, se estivesse na rua não seria, porque não tem onde dormir e nem o que comer. As pessoas até chamam os meninos de bandidos. Na escola, estamos protegidos” (A3).

3.13 Entrevista com meninos de rua e alguns pais destes

Acreditamos que a nossa pesquisa sobre meninos de rua contribuirá para a construção de uma sociedade melhor, desde que se torne um trabalho contínuo, pois não é um problema fácil de resolver. Neste contexto, e com tal objetivo, ressaltamos a importância de conhecer a realidade dos familiares das crianças de rua.

Para essas crianças, a necessidade de ter cuidados de adultos, e com laços efetivos, é fundamental para transformá-las em um cidadão, como mostra o ECA. Além do Art.227, já referido acima, o Estatuto mostra, em seu Art. 23, Parágrafo único, que “a criança ou adolescente será mantido em sua família de origem, a qual deverá obrigatoriamente ser incluída em programas oficiais de auxílio”.

Lima e Santos, parafraseando Rosemberg: “Tornara-se por criança de rua o grupo que se apropria do espaço da rua com outros fins - trabalhar, brincar, esmolar, roubar, etc.” (2004, p.15).

Dentro deste contexto, podemos ver a presença de criança que vive na rua utilizá-la como espaço de sobrevivência, os chamados meninos de rua. Estes passaram a ser uma questão que sensibiliza uma parte da sociedade (os responsáveis políticos de cada espaço social), os quais vem trabalhando com políticas públicas no sentido de minimizar as dificuldades enfrentadas por essas crianças, a fim de afastá-las da rua. Com esse intuito, começamos nosso trabalho de pesquisa entrevistando quatro meninos de rua e também alguns pais desses meninos.

Ao visitarmos a casa de uma família, pudemos constatar o quanto a destruturação familiar pode contribuir para que as crianças se tornem meninos de rua. Presenciamos uma mulher solteira e seus seis filhos (duas meninas e quatro meninos) moram em baixo de lonas. A mãe põe os filhos, que têm entre 6 e 14 anos para trabalhar, pedir dinheiro e até roubar, fato que foi presenciado por mim e minha equipe. Fomos atrás de um garoto que já é menino de rua, com idade aproximada de 15 anos, e

este nos cedeu uma entrevista. Relatou que não quer mais saber de estudar, e não morava mais na sua casa. Na entrevista, ele foi claro com suas respostas, usando palavras diretas cheias de rancor e raiva. Ao ser questionado sobre se morava com sua mãe, disse que prefere viver nas ruas, pois esta o levava para trabalhar durante o dia e estudar à noite e foi neste contexto que sofreu um de seus maiores traumas. Ao voltar da escola para casa às 22h30 foi atacado e abusado sexualmente por dois homens na rua, e que isso não aconteceu apenas uma vez. Perguntamos ainda se ele não queria voltar a estudar, respondeu que não aguentava ficar preso em uma sala de aula e que na rua ele aprende realmente o que quer e precisa. “Breve eu vou aprender atirar e vou me vingar. Na rua, meus colegas vão me ensinar tudo”.

Questionado se era feliz sendo um menino de rua e se não tinha vontade de voltar a morar com sua mãe, ele nem mesmo titubeou em sua resposta: “Claro! Eu mesmo sou dono de mim, durmo e como onde quero. Tenho raiva da minha mãe, toda noite ela sai com um macho. Vejo os caras baterem nela, por isso vou aprender a atirar com revólver para me vingar. E eu não quero saber de nada não”. Questionamos sobre como ele e seus colegas faziam para se manter: “Temos nossas manhas, não posso falar”. Perguntamos ainda se seus colegas lhes davam drogas, e ele disse que não, que ele mesmo comprava e fumava. Tentamos nos aprofundar ainda mais com as perguntas, mas este começou a ficar irritado e encerrou a entrevista. As palavras de CRAIDY se encaixam perfeitamente neste caso: “A luta pela sobrevivência, não é a única razão dos meninos de rua ir para as ruas eles podem estar fugindo de uma situação conflitiva e violenta” (CRAIDY, 1998, p.26).

Ainda neste caso, observamos que os outros irmãos estão caminhando para o mesmo rumo. Também são obrigados a pedir dinheiro nas ruas, recebem maus tratos da mãe, são abusados por terceiros, já são usuários de drogas, além de muitas outras situações degradantes a que são submetidos diariamente. A menina, de apenas 11 anos, já sofreu abuso sexual. “O homem ficou só pegando em mim quando vinha da escola, depois me deu um dinheiro. Outro homem tentou abusar dela, segundo o seu irmão mais velho. Mais depois deu dinheiro para ela comprar lanche”, relatou a garota. Perguntamos a ela e a seus irmãos se sua mãe sabia destes abusos, e todos afirmaram que ao contar para ela, esta não deu atenção.

Fomos juntamente com a coordenadora do Conselho Tutelar entrevistar a mãe dessas crianças. Ela disse ser obrigada a pôr os meninos para trabalhar: “Se eles não

trabalharem, passam necessidade e vão para a rua roubar, isso eu não quero. A bolsa família que recebo é muito pouco, não dá para o sustento da casa”.

Segundo a coordenadora do Conselho Tutelar, já foi feito todo o possível para ajudar esta família, mas a mãe é o pior empecilho para se resolver o problema: “Essa mãe mente dizendo que vai levar as crianças para a escola e para o CT e não aparece. Matriculou as crianças na escola só para receber a bolsa família. Ela pratica roubos e já ensinou aos filhos a fazer o mesmo. É uma família desestruturada. São andarilhos. Já vieram de outra cidade, onde já haviam recebido uma casa para morar. A mãe já foi presa algumas vezes. Ainda diz que tem dois filhos com doença mental e conta mentiras, enquanto os meninos dizem a verdade. Um deles respondeu a várias perguntas, inclusive que a mãe os põe na rua para ganhar dinheiro, e à noite os manda ir para a escola. Esses meninos podiam ser melhores se não fosse a mãe, mas ela prefere que estejam nas ruas, sem se preocupar se todos irão se transformar em meninos de rua. O Conselho Tutelar já tem feito o possível para segurar esses meninos na escola. O mais velho já fugiu para outra cidade. O CT entrou em contato com o Conselho da cidade de Canto do Buriti/PI e juntamente com a polícia, conseguiu trazê-lo de volta. Mas ele não quer ficar em casa e disse: “Prefiro ficar sozinho, cuidando de mim, longe de todos dessa casa”. A mãe diz que ele é doente só para encobrir as coisas que ele faz.”

Segundo a coordenadora do CT, esta mãe é a maior culpada por estes meninos viverem nas ruas. Ela prefere estabilizar-se em um ambiente isolado para não ser incomodada e deixar as crianças soltas pedindo, roubando e até se prostituindo.

Fizemos uma entrevista com a ex-diretora do CT, a qual nos informou sobre algumas crianças que vivem na rua. Falou de uma criança com 8 anos que usa crack. “No início, ele começou negando, mas quando falei sério, que já sabia a verdade, chorou e contou a verdade: fuma crack e participou dos roubos mais recentes com os colegas. Por ser o menor da turma, é o que sobe nos muros das escolas, das casas, abre a porta para os outros entrarem e roubam o que podem. Explicou como usa o crack: “Pego a pedra coloco dentro de um bloco, acendo e fumo, eu e meu irmão mais velho”. Este não quis falar. A mãe disse que não aguentou e mandou o mais velho morar com o pai na Bahia. O menor está nas ruas, cada dia mais aprontando”.

Num outro caso semelhante, encontramos um senhor viúvo com seis filhos, sendo quatro homens e duas meninas. O ambiente em que moram é muito precário. Tem um filho doente mental e os demais passam a maior parte do tempo na rua. Possui uma

filha de 15 anos usuária de drogas e que se prostitui. O pai concedeu-nos uma entrevista. Perguntamos-lhe como se sentia sabendo que tem dois filhos meninos de rua e o que a sociedade pode fazer para ajuda-los (explicamos para ele a diferença de meninos de rua para meninos na rua, e ele admitiu que os dele são meninos de rua). “Não sei mais o que fazer, já bati muito. A menina vive se prostituindo e se drogando; leva drogas para os viciados, mandada pelos traficantes. Servindo de avião (termo usado pelos traficantes). O Governo podia fazer um abrigo, dar trabalho, acabar com as drogas, mais programas educacionais para tirar esses meninos da rua, principalmente os meus que estão perdidos nestas ruas. Às vezes, tenho medo deles se juntarem com os amigos maconheiros e virem aqui me matar, pois sabem que sou aposentado e eles têm raiva de mim por reclamar com eles”, relatou o pai.

O pai nos informou que poderíamos achar sua filha no mercado, onde passava a maior parte do tempo e foi lá exatamente onde a encontramos. Na entrevista, ficava a maior parte do tempo calada ou negava as coisas ditas pelo pai, além de ficar brava, e atirar coisas que tinha nas mãos. Era fácil perceber que estava drogada. Nas poucas perguntas que se dispôs a responder, questionamos o porquê de ela viver nas ruas: “Por que eu gosto. Detesto escola, gosto de ficar andando dia e noite, e não tem ninguém pra mandar em mim. Só um malandro maconheiro que se eu não fizer o que ele quer ele me deu uma tapa na cara, mas eu prefiro viver assim. sou dona de mim.” Representantes do CT, já foram várias vezes atrás dela. Perguntamos ainda o que ela quer ser no futuro e sua resposta bem direta: “Nada! Eu gosto de estar com meus colegas na droga.” Referiu vários nomes de meninos que se drogam.

O terceiro menino de rua entrevistado na nossa pesquisa, com aproximadamente sete anos, mostrou-se mais destemido ao dar suas respostas. Ele foi claro ao afirmar que a rua é o melhor lugar: “Aqui é bem melhor que qualquer outro lugar, ninguém manda em mim, nem a polícia, faço o que quero.” Perguntamos ainda se ele não tem medo de pessoas ruins lhe fazerem mal. Ele respondeu que não, pois na rua é que ele tem amigos. E que esses companheiros são a sua família. “Aqui nós somos protegidos” - disse isso quando questionado sobre a sua família. Observamos nos meninos de rua entrevistados, carências afetivas quando descrevem os companheiros de rua como seus familiares. Prosseguimos a entrevista falando da escola, e vimos na resposta do menino que ele repudia a escola. “Não gosto de lá. Agente fica várias horas preso, professora e alunos

são chatos. “Já quiseram me levar pro Conselho Tutelar, mas eu não quis, gosto de viver é na rua”.

Neste sentido podemos ver que a escola não está condizendo com as necessidades e realidades da criança como nos dizeres de Candau (2001), quando diz que “a escola é ainda o lugar onde se acredita que as coisas podem ser diferentes”. No transcorrer da entrevista, o garoto foi assumindo uma postura hostil e ao ser perguntado onde comia e dormia, respondeu: “Como e durmo onde quero. Sou dono de mim”. Ficou um tempo calado e falou: “O que tenho pra tu é um tiro na testa” (fazendo dos dedos uma arma, revólver). Essa atitude hostil do menino mostra como a violência está arraigada nesta criança. Como mostra França,

“Não podemos, portanto, negar a existência à agressividade, tanto dentro de nós mesmos quanto no meio social ao qual estamos inseridos, uma vez que existe um intercambio entre o indivíduo e o meio, entre o exterior e interior, sendo a personalidade construída como resultado desta relação dialética (2004, p.69).

Após a investigação direta com os próprios meninos de rua, procuramos as autoridades policiais para sabermos o seu posicionamento frente a este grave problema. Inicialmente, fizemos uma entrevista com um sargento de polícia aposentado, para saber se ele está ciente da existência dos meninos de rua de Bom Jesus. “Sim! Há 8 anos, entreguei para o promotor o relatório de 38 meninos de rua. Só que estou afastado e não sei como está a situação”. Fomos à delegacia de polícia e falamos com o agente penitenciário, mas este se mostrava quase completamente ignorante sobre esta questão, caracterizando-se propriamente como um desconhecedor do assunto. Foi com a ajuda da ex-coordenadora do Conselho Tutelar que descobrimos e localizamos estes meninos para conseguirmos entrevistá-los.

3.14 Entrevistas com os alunos através de desenhos

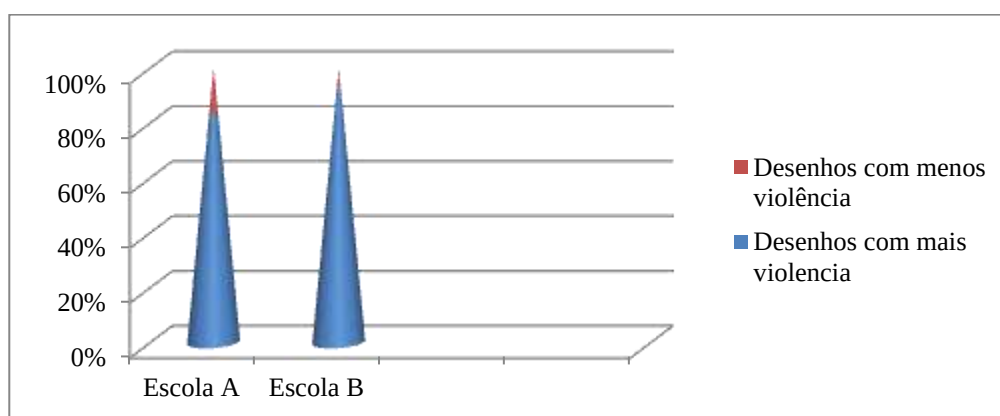
Uma outra parte fundamental do trabalho foi conhecer a opinião de outras crianças sobre a questão meninos de rua. Escolhemos entrevistar crianças que estão cursando o 6º ano do Ensino Fundamental, haja vista o fato de ser nesta faixa etária que normalmente as crianças passam a viver nas ruas. Além de perguntas orais, pedimos a eles que fizessem desenhos nos quais demonstrassem o que eles pensavam sobre o assunto, em virtude da dificuldade que tinham de se manifestarem com palavras, seja

pela idade, timidez, medo ou outros. Nos desenhos, eles se posicionam ou se manifestam de maneira mais aberta. Usamos este instrumento com o objetivo de adquirir respostas de uma forma alternativa, que nos permitisse uma melhor compreensão e uma visão mais completa do que as respostas verbais que aquelas crianças nos davam, mostrando de certa forma a realidade social vivenciada no cotidiano dentro e fora da escola. Assim, por meio dos desenhos produzidos por essas crianças, nota-se realmente o que elas querem dizer sobre os meninos de rua, o que deu suporte para a interação da nossa análise.

França, parafraseando Costa relata:

O desenho é um excelente recurso pelo qual podemos perceber a presença dos traços marcante e do caráter representacional das crianças. O desenho também atua como uma fonte de informação em que se percebe seu lado integrador, sua face de coerência, de reforço do que se quer obter (1998, p. 194).

Gráfico 3 - Desenhos (dos alunos) que apresentam violência



Nos desenhos, percebemos que os alunos apresentaram de forma clara o que queriam dizer e não conseguiam ou não tinham coragem com palavras. É através dos desenhos que eles deixam transparecer a sua indignação sobre os meninos de rua e o quanto esse pequeno grupo prejudica a escola. Apresentaremos este método usado com as respostas dos alunos no tópico seguinte.

3.15 Interpretação das respostas dos alunos através de desenho

Ao verificar as práticas desenvolvidas pelo grupo pesquisado, mostraremos nesta parte do trabalho a análise e a interpretação dos desenhos elaborados por eles. Nestes

desenhos, as crianças se manifestam sobre o que sabem ou o que ouvem falar dos meninos de rua.

Fizemos este trabalho em sala de aula com alunos de 6º série de duas escolas públicas, totalizando 15 desenhos, dos quais foram selecionados sete: três da escola “A” e quatro da escola “B”. Como critério selecionamos os mais claros e de mais fácil interpretação e que mais se prendessem ao tema solicitado.



O primeiro desenho, de C.A., demonstra claramente a opinião desta criança sobre os meninos de rua. No desenho vimos duas crianças pequenas embaixo de uma árvore com um cigarro na boca, e um maior apontando para eles. Quando o aluno terminou o desenho perguntamos significado, ele disse: “É o menino grande com a faca na mão ameaçando e obrigando os meninos que estão fumando entregar o cigarro a ele (maconha). E eles atendem, pois, têm medo do grandalhão”. Apesar da pouca idade, C.A. já tem uma noção da vida que os meninos de rua levam, onde os menores obedecem e têm medo dos maiores, são pressionados e influenciados por estes, e muitas vezes são vítimas destes, uma realidade que frequentemente é mostrada nos meios de comunicação: jornais, filmes, novelas e semelhantes.

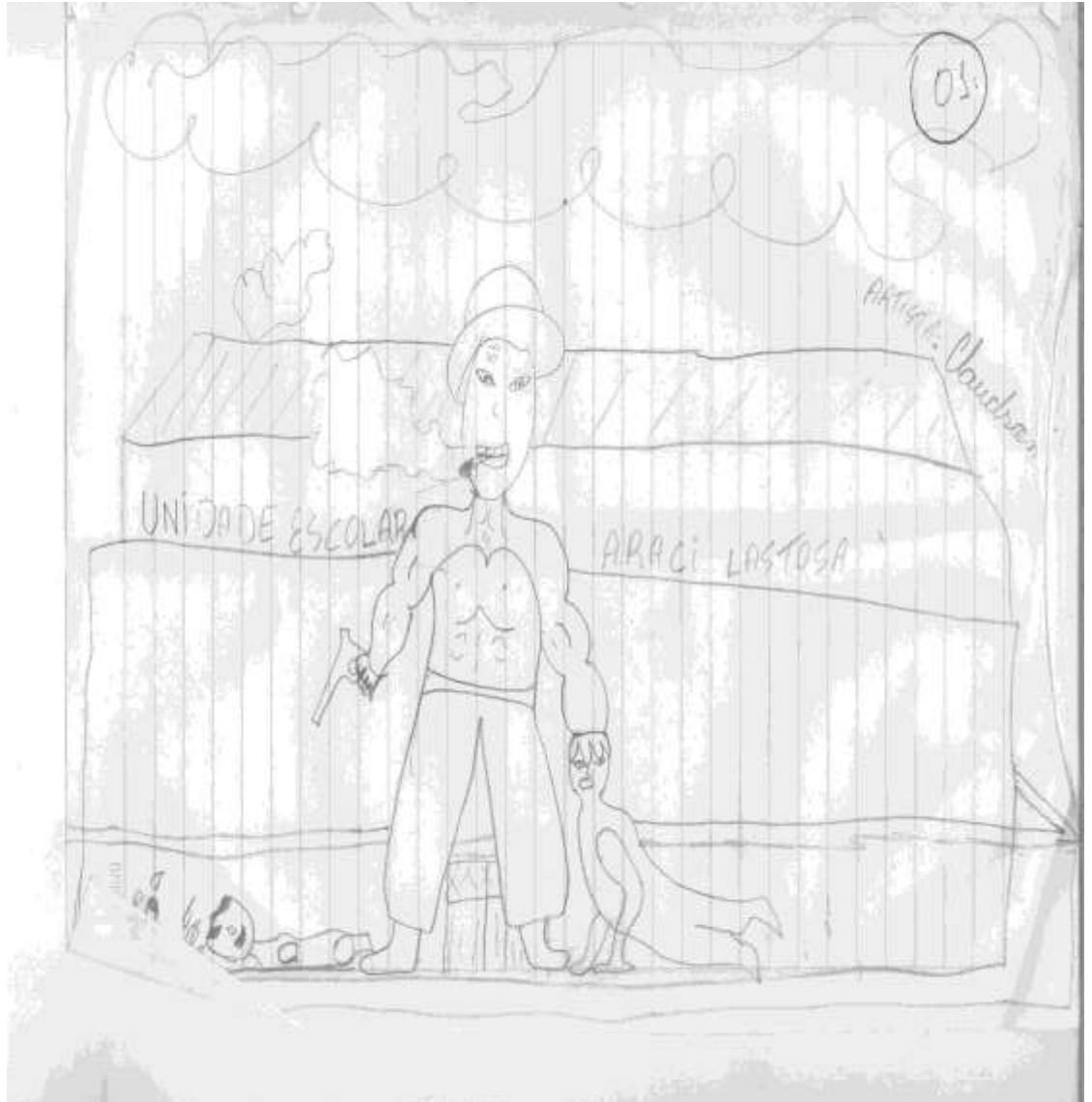


K.L. mostra, em seu desenho, uma cena vivenciada diariamente, na qual uma família desestruturada é a principal causa da existência de meninos de rua. Observamos uma casa de aparência pobre com pessoas dentro e fora passando por diferentes situações. Ao perguntarmos para K.L. o que desenhou, ele relata uma cena que presenciou em uma casa perto da sua. O pai bate na mãe, o filho revoltado vai à rua e lá encontra com os meninos da rua, que lhes dão drogas, influenciando-o a se juntar à sua turma e viver com eles nesta vida.

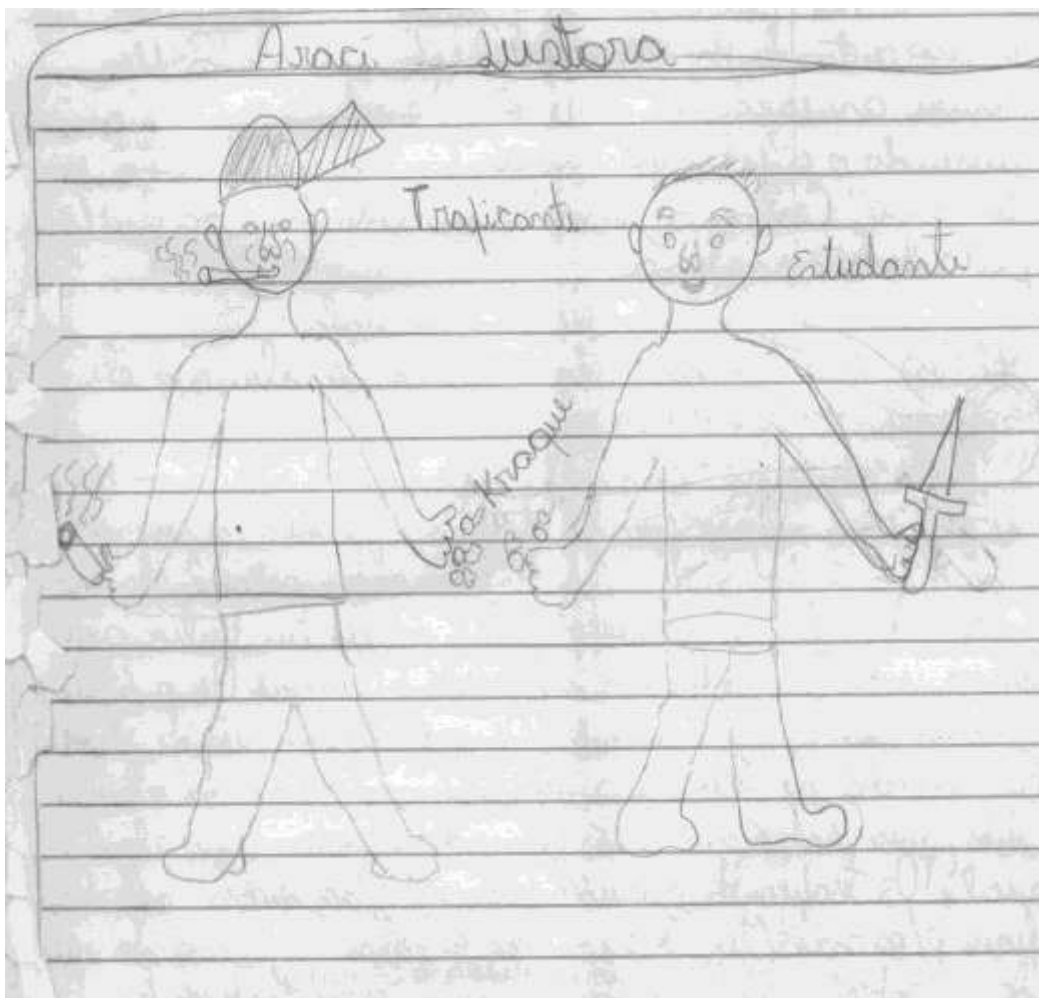
Esta cena é uma representação da realidade de várias famílias brasileiras, e nos surpreendemos com a correta noção que K.L. tinha de como é a vida dos meninos de rua, e onde fica a raiz do problema.



Neste desenho, vemos uma árvore, uma escola, alguns móveis, crianças do lado de fora, outra pulando o muro, outras dentro da escola. Quando pedimos para F.P., que decifrasse o que tinha desenhado, ele respondeu que presenciou este cenário na escola (A), em que estuda em Bom Jesus/PI. O aluno relata a situação em que vivem os meninos de rua. Os maiores obrigam menor a subir no muro da escola, abrir a porta por dentro e os outros entrarem. Levam o que podem e quebram o restante que não podem carregar. Observa-se também a escola isolada, fato que facilita os meninos de rua pularem o muro e fazer o que bem quiserem. Este fato costuma acontecer com frequência em escolas públicas, principalmente naquelas que estão mais isoladas, sem segurança, onde meninos de rua as invadem, roubam e danificam, algo que dificulta mais ainda um ensino que já é precário.



Detectamos que os alunos da escola “B” fizeram seus desenhos mais nítidos, o qual revela a violência. E foram destemidos em mostrá-los. Ao questionarmos sobre o desenho, L.S. respondeu que foram cenas vividas em frente à escola. Mostra um jovem maltratando os meninos. Ele disse ainda que fez uma mistura da cena que ele presenciou com algumas cenas de filmes que retratam a condição em que vivem estas crianças. É um cenário muito típico do cotidiano dos meninos de rua: um homem, geralmente um traficante, que controla a vida deles, os agride, mata ou até mesmo grupos de extermínio, que promovem verdadeiras chacinas.

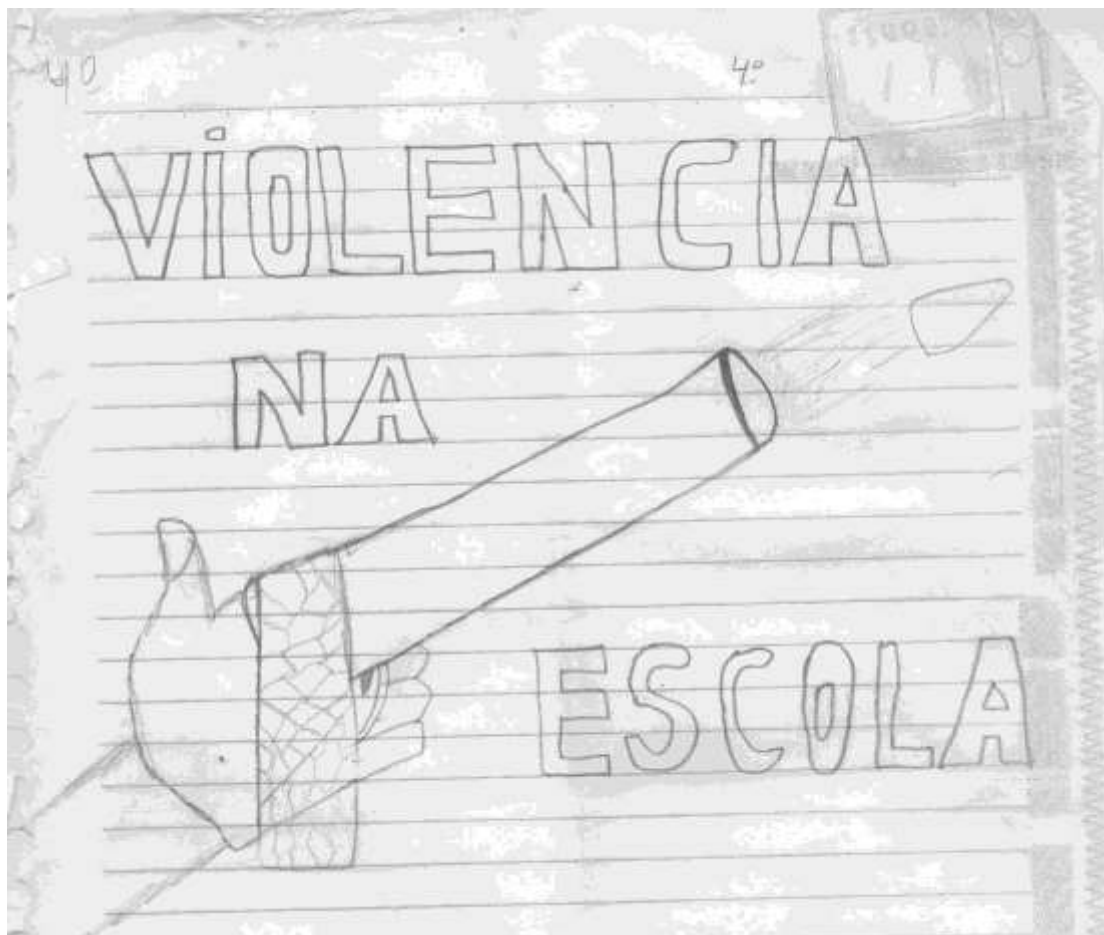


Observamos neste desenho um traficante fornecendo crack para um estudante, que por sinal está armado. No seu desenho o aluno F.L retrata um dos quadros mais comuns presenciados nas escolas públicas, onde o menino da rua, matriculado na escola, serve de intermediário e vende drogas para alunos. “O traficante diz para o menino: Fuma e depois passa para outros” - descreveu F.L. Outro ponto a se observar no desenho é o nome da escola escrito na parte superior, mostrando que se trata de uma realidade presente na escola que F.L estuda, e não um evento distante observado em programas televisivos.

Segundo a coordenadora do Conselho Tutelar, a sociedade bonjesuense vive angustiada sem saber o que fazer, pois o tráfico de drogas na cidade está aumentando em escala exponencial, e de uma forma muito silenciosa, o que atrapalha a tomada de medidas que venham conter tal problema.



O aluno disse ter visto esta cena no centro de Bom Jesus. Um homem ameaçando com revólver um rapaz que estava com drogas. “Passe o embrulho e o cigarro ou atiro”. Percebemos no desenho a necessidade que o aluno teve em demonstrar que essa cena ocorreu próximo à prefeitura da cidade, numa região central e que supostamente é mais protegida. Quando a sociedade ignora ou fecha os olhos para a existência e para o crescimento de um problema sério como é o dos meninos de rua, do tráfico de drogas e da violência, estes começam a invadir todos os setores da cidade, e num efeito bola de neve, tomam patamares muito grandes e extremamente difíceis de conter.



Neste desenho, um aluno fez uma arma atirando e o nome violência na escola. Perguntamos o significado. Ele disse que esse é o assunto mais falado na escola. “Aqui não se ouve falar mais em outro assunto a não ser violência e drogas. O próprio aluno vem armado. Os professores, diretor e vigia vivem com medo de chamar a atenção dos alunos, pois sabem que muitos deles estão drogados e com algum tipo de arma e podem fazer algum mal. Até mesmo quando os traficantes trazem drogas para a cidade ficam dando tiros ou soltam fogos para os outros saberem.” Essa foi uma das manifestações mais conclusivas que recebemos. Os temas sobre violência, drogas e meninos de rua, sobre os quais muitos insistem em esconder ou fechar os olhos, não são mais novidade e parece não ser mais distinguíveis na visão das pessoas, inclusive das crianças.

“Os traficantes, quando chegam com drogas na cidade, soltam fogos para os aviões (termo usado pelos traficantes para os pequenos vendedores de drogas) e fumantes saberem que o seu vício está garantido. Todos da cidade sabem e nada fazem para eliminar ou mesmo minimizar esta situação” – declarou uma cidadã bonjesuense de iniciais A.L revoltada.

A análise desta parte dos estudos nos permite concluir que aquilo que foi apresentado nos desenhos condiz com o assunto exposto e que esses alunos têm uma noção real do grave problema que são os meninos de rua, além de entenderem que diversos fatores contribuem na transformação destes, dentre os quais destacaram violência, família desestruturada, fator socioeconômico, drogas, além de outros.

Os alunos mostram nas imagens a escola como um campo de risco, onde as drogas, a violência e os meninos de rua se apresentam de forma aberta e escancarada. O menino de rua, rabiscado nos grafismos dos alunos, apresenta um estereótipo marcado pela presença de drogas, armas, violência, e questionavelmente presente no cotidiano das escolas públicas de Bom Jesus.

As respostas dos alunos das duas escolas foram parecidas e percebemos que estes estavam cientes da existência dos meninos de rua em Bom Jesus. Nas respostas da segunda pergunta foram taxativos ao responderem: “A sociedade não deve discriminar, ser mais paciente e amorosa, porque assim essas crianças podem voltar para a escola, pois elas já passaram por situação difícil”.

É importante referir ainda, que no final da entrevista com cada aluno, perguntamos a eles se esperavam melhoras e se tinham esperança desses problemas se resolverem, e todos foram categóricos a nos darem uma resposta afirmativa. Os alunos esperam que um dia as escolas de Bom Jesus possam se transformar em um espaço seguro de aprendizagem e de cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos em nossa pesquisa o desinteresse governamental com o estabelecimento de programas e políticas educacionais voltadas aos meninos de rua. Nota-se, então, que o problema ainda persiste e está longe de ser resolvido.

A nossa pesquisa sobre os meninos de rua foi baseada nas teorias de Antônia Lima (2004), Vidigal Santos, Zoran Roca (2000), PAICA-RUA (Org.) (2002) e outros. Fizemos o trabalho de campo e juntou-se teoria e prática que deu suporte à nossa investigação.

Nesta investigação, buscamos analisar os meninos de rua, um problema socioeducativo na cidade de Bom Jesus, no contexto escolar por meio dos pais, professores e alunos. Mesmo de uma forma um tanto restrita, obtivemos contribuições tanto da parte empírica, a qual buscamos através do trabalho de campo, quanto da parte teórica, que passou a subsidiar a reflexão sobre os meninos de rua em Bom Jesus e pensar em um modelo mais pragmático de resgatá-los de uma vida ruim a uma vida mais digna. Tivemos contribuições e atos reflexivos através de outros trabalhos, com os quais fizemos junção e poderão ser de grande valia para enriquecer e ampliar o assunto aqui estudado.

Afirmamos, antes de expormos os nossos resultados, que a pesquisa foi positiva, pois as conclusões superaram as expectativas. O desafio de investigar sobre os meninos de rua em Bom Jesus, através da visão de pais, professores, alunos, deixou-nos a par da realidade vivenciada pelos sujeitos desta pesquisa e sua convivência na escola.

Percebemos o medo dos agentes da escola, que vivem em desespero constante devido aos problemas causados por este pequena grupo, meninos de rua, e que muitos não comentam por terem medo de ser alvo de novos atos de violência.

Por meio das entrevistas percebemos que os pais acreditam que a escola pública, da forma como ela funciona hoje, é um dos fatores predominantes para que crianças se tornem meninos de rua. Mostram que a escola não está condizente como instituição instrutora, e sim como um ponto negativo, sendo depósito de violência e que dá aos alunos acesso a todas as coisas ruins que podem levar uma criança a se tornar um menor de rua. Os pais relatam também que falta de emprego, dicotomia na sociedade e exclusão social também são causas que interferem na escola prejudicando os alunos. Referem, ainda, que depende muito da sociedade em geral para resgatá-los.

Pode-se concluir que os métodos educacionais das escolas pesquisadas (A e B), que visam possibilitar o ensino de qualidade para a educação do indivíduo não condizem com as expectativas e as necessidades dos alunos e precisam ser mudados urgentemente, visto que a realidade dos alunos das duas escolas é um tanto atrasada, segundo os próprios professores dessas instituições.

Após ter feito a pesquisa com os pais, trabalhamos com os docentes, os quais nos deram a oportunidade de conhecer a sua visão sobre os meninos de rua e a realidade vivenciada por eles, abrindo, assim, outro horizonte para a nossa análise. Os professores culpam principalmente os pais pelo alto índice de evasão e repetência, e com isso deixam os meninos soltos à mercê das ruas.

O professor é uma das pessoas mais importantes no fator aprendizagem para a criança. Porém, observamos que a prática docente deixa a desejar, pois está em um momento de desequilíbrio, em um patamar de conflito e contradição. Pelo que pudemos concluir da pesquisa realizada, isso tem uma forte relação com as graves questões sociais e econômicas que o professor tem passado na realidade do nosso país. Alguns professores das escolas A e B reclamaram que trabalham muito e o salário é pouco e, por isso, se veem obrigados a trabalhar em outros serviços, ficando com menos tempo para se dedicar ao ensino.

Estas causas estão relacionadas à desvalorização profissional, aos baixos salários, agressões que eles presenciam no cotidiano, em que a própria sociedade não valoriza seu perfil, o qual nunca está pronto e acabado. Ele deve exercer vários papéis (de pai, amigo, estudante e outros).

Além disso, deve carregar consigo autoconfiança, não usar autoritarismo e ser aberto ao diálogo na hora de qualquer dificuldade, já que é um mediador. O bom educador não deve se abater com causas que o transformam em um mero depositário de matéria, como disse Paulo Freire, que “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (2005, p.66). Enfim, precisa ser um profissional que tenha compromisso com o ensino-aprendizagem, ser um transformador da desigualdade social, pois é o professor que ensina a criança desde pequena que todos são iguais e a educação é um dos fatores contribuintes para mudar para melhor a realidade vivenciada pela criança no seu dia-a-dia.

Esta pesquisa trabalhou com algumas crianças, umas em suas casas e outras nas duas escolas. A escolha do total de 20 alunos foi feita pelos professores, sendo 10 em

cada escola, para saber que visão elas têm sobre os meninos de rua. Trabalhou-se com a pesquisa qualitativa, na qual foram usados os seguintes instrumentos: entrevista dialogada, questionário e desenhos, para assim decifrar se estas crianças têm conhecimento da existência dos meninos de rua em Bom Jesus.

Os alunos, através de desenhos, nos mostraram sua visão sobre os meninos de rua e que influência eles têm na escola. Está cada vez mais comum a corporação da violência cotidiana nas escolas. Os alunos, ao relatarem a violência na escola e ao delinearem em seus desenhos os meninos de rua, mostram como está sendo o elo entre violência e escola e que o uso de arma está presente em todas as partes do cotidiano escolar.

Nas análises, percebemos a importância de entender o porquê da sociedade viver assustada, e por isso discriminatória, excludente, autoritária, mas também com a expectativa de que políticas públicas possam trazer a solução para a questão.

Vale ainda observar o conceito arraigado na sociedade de que nada se pode fazer, e que problemas como miséria, violência, drogas, meninos de rua fazem parte de uma comunidade que está em ascensão, isto é, justifica-se o aparecimento destes com o rápido crescimento a que a cidade vem sendo submetida.

Ao término da nossa pesquisa, podemos afirmar que vivenciamos momentos angustiantes, porém emocionantes, em que aprendemos e partilhamos os resultados com os que nos observavam e ouviam. Esperamos ter ajudado a comunidade bonjesuense a estar pronta para uma discussão em prol dos meninos de rua, apesar de ser uma situação que envolve um conjunto de elementos que definem problemas em outros contextos, como político, econômico, familiar, a desigualdade e exclusão social, além de outros.

É dever da sociedade se prontificar a fazer uma transformação social para que as mesmas tenham certeza de um futuro melhor. Como essas crianças ficam expostas a uma série de situações discriminatórias, como violência, exclusão da escolaridade, prática infracional, gravidez na adolescência, esses fatores as deixam marginalizadas e é na rua onde encontram espaço de sobrevivência e moradia.

O papel da educação escolar é para ser centrado em ensinar e educar o indivíduo a viver em uma sociedade igualitária. Porém, seu potencial transformador tem sido ignorado quase sempre, visto que a desigualdade social se reproduz de geração a geração, como mostra Buarque:

Essa desigualdade social se produz de geração a geração para outra, tanto entre pessoas quanto entre cidades, sobretudo por causa da desigualdade da Educação. O berço da desigualdade está na desigualdade do berço. A quebra do círculo vicioso da desigualdade só será conseguida quando for quebrada a desigualdade de oportunidades, por meio de uma educação de qualidade para toda a população, especialmente as crianças (2007, p. 44).

Os fatores políticos e sociais ligados à educação podem levar as crianças justificadas a uma esperança de uma vida melhor. Com isso, esperamos que tal trabalho leve a uma reflexão concreta, para que a sociedade possa executar políticas educacionais mais amplas, voltadas para os meninos de rua, e que assim, estes retornem a um meio social justo, pois é um direito conquistado e descrito em lei.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças (2002). **Violência nas escolas**. Brasília: Unesco.

ARIÈS, Philippe. (2006). **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC.

AZEVEDO, Maria Amélia e GUERRA, Viviane Nogueira Azevedo. (2000). **Infância e violência doméstica**. São Paulo: Lacri.

BARRETO, Vicente. (2002). “Educação e violência: reflexões preliminares.” In: **Violência e educação**. São Paulo: Cortez.

BOCK, Ana Maria Mercês; FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. (2002). **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva.

BRASIL. (1996). **Lei 9394/96: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério de Educação e Cultura.

_____. (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8.069/90**. Brasília-DF: Senado Federal.

_____. (2001). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental.

_____. (2014) **Censo Educacional**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em: 07 de agosto de 2016, às 21h00m.

BRITES, Isabel. (1997). “A centralidade de vigiar e punir. História da violência nas prisões na obra de Michel Foucault.” In: **Revista Lusófona de Educação**. nº. 10. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. (p.167-184).

BUARQUE, Cristovam. (2007). **A revolução na educação: Escola igual para todos**. Brasília: Brasiliense.

CANDAU, Vera Maria. (2001). **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A.

COSTA, Maria Crista Castilho. (2005). **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Moderna.

COSTA, Otaviana Maroja Jales. (1998). **Representações sociais de crianças sobre professores: o reverso da medalha**. Natal: Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (Tese Doutorado em Educação)

CRAIDY, Carmem Maria. (1998). **Meninos de Rua e analfabetismo**. Porto Alegre: ArtMed.

DURKHEIM, Émile. (1963). **As regras do método sociológico**. São Paulo: Nacional.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (1977). **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FRANÇA, Vicente Celestino. (2004). **Representações Sociais sobre a Violência Escolar de Alunos, pais e Professores em escolas da Periferia de Recife – PE**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação).

FREIRE, Paulo. (2005). **Pedagogia do oprimido**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A.

G1. **Desemprego fica em 10,9% no 1º trimestre de 2016, diz IBGE**. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/04/desemprego-fica-em-109-no-1-trimestre-de-2016.html>. Acesso em: 07 de agosto de 2016, às 21h20m.

GIL, Antônio Carlos. (2007). **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas.

GROSSI, Esther Pillar. (2008). **Dizer que o aluno não aprende**. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril.

GUIMARÃES, Áurea Maria. (1985). **Vigilância, punição e depredação escolar**. Campinas: Papirus.

GUIMARÃES, Eloísa. (1998). **Escola, galera e narcotráfico**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

LIBERATI, Wilson Donizeti e DIAS, Fábio Muller Dutra. (2006). **Trabalho Infantil**. São Paulo: Ed. Única.

LIMA, Antônia Jesuíta e SANTOS, Maria das Graças Vidigal. (2004 a). **Estudo sobre a Realidade da Criança e Adolescente em situação de Rua em Teresa – Piauí**. Teresina: EDUFPI.

_____. (2004 b). **Programa de Erradicação do Trabalho Infantil**. Cartilha do PETI. Brasília-DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

NOGUEIRA, Paulo Lúcio. (1996). **Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado**. 3.ed. São Paulo: Malheiros.

OLIVEIRA, Maria Marly de. (2005). **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes.

PAICA-RUA (Org.). (2002). **Meninos e Meninas em Situação de Rua: Políticas Integradas para garantia de direitos**. Série Fazer Valer os Direitos, Vol. 2. São Paulo: Editora Cortez; Brasília: UNICEF.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS/ MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001). **Secretaria de educação fundamental**. 3. ed. Brasília: MEC

PIAUÍ. (2013). Secretaria Municipal de Educação de Bom Jesus. **Movimento Escolar no ano de 2013**. Prefeitura Municipal de Bom Jesus-PI.

_____. (2013). 14^a Gerência Regional de Educação (GRE). **Estatística do desenvolvimento escolar de Bom Jesus**. Secretaria Estadual de Educação do Estado do Piauí (SEDUC).

ROCA, Zoran. (2000). **As crianças de rua em Angola**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

ROSEMBERG, Fúlvia. (1994). **Estimativa de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo**. Caderno de pesquisa, São Paulo, nº 91, p. 30-45.

SAVIANI, Demerval. (2002). **Da nova LDB ao FUNDEB: por outra política educacional**. 2. ed. Campinas. SP: Autores Associados.

SISTEMA NACIONAL DE ATENDIMENTO SÓCIO-EDUCATIVO – SASE. (2006). **Medidas Sócio-Educativas em Meio Aberto**. Brasília-DF: CONANDA.

SORIANO, Raul Rojas. (2004). **Manual de pesquisa social**. Trad. Ricardo Rosenbush. Petrópolis, RJ: Vozes.

TEODORO, António. (2003). **Globalização e Educação: políticas educacionais e novos modos de governação**. São Paulo: Cortez.

UNICEF. (2002). **Meninos e Meninas em situação de rua - Políticas Integradas para Garantia de Direitos**. PAICA-RUA (Org.). São Paulo: Cortez.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DA CRIANÇA DA RUA A MENINOS DE RUA: UM ESTUDO DA
PROBLEMÁTICA SOCIOEDUCATIVA E FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE BOM
JESUS/PI

Eu, _____ abaixo assinado, concordo em participar da presente pesquisa.

O (a) pesquisador (a), manterá sigilo absoluto sobre as informações aqui prestadas, assegurará meu anonimato quando da publicação dos resultados da pesquisa, além de me dar permissão de desistir, em qualquer momento, sem que isto me ocasione qualquer prejuízo para a qualidade do atendimento que me é prestado, caso sinta qualquer constrangimento por alguma pergunta ou simplesmente me queira retirar dela.

A pesquisa será realizada pelo (a) mestrando (a) _____, aluno (a) do mestrado da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, do seu Instituto de Educação, e orientada pelo Professor (a) _____.

Fui informado que posso indagar o (a) pesquisador (a) se desejar fazer alguma pergunta sobre a pesquisa, pelo telefone: _____ endereço: Rua _____
Bairro _____
Cidade _____ Estado _____ CEP _____

e que, se por tal me interessar, posso receber os resultados da pesquisa quando esses forem publicados. Esta pesquisa corresponde e atende às exigências éticas e científicas próprias do que é determinado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que consentimento prévio dado pelo (a) colaborador (a) cujo nome e informações serão guardados pelo pesquisador (a) e, em nenhuma circunstância, eles serão dados a conhecer a outras pessoas alheias ao estudo, a não ser que o (a) colaborador (a) o consinta, por escrito.

Assinatura do (a) participante: _____

Local e data da assinatura deste Termo:

Pesquisador (a) Mestrando (a)

Seu Nome

Orientador científico

Professor (a) Doutor (a) Fulano (a) de Tal

PERGUNTAS ELABORADAS PARA OS PAIS

Pergunta 1: Você tem conhecimento da existência de meninos de rua em Bom Jesus?
Qual sua imagem da criança de rua?

Pergunta 2: Qual a importância de resgatar os meninos de rua?

Pergunta 3: O que as instituições podem ou devem fazer para tirar os meninos de rua?

Pergunta 4: Na sua opinião, o que leva os meninos às ruas e como contribui a escola para que permaneçam nelas?

Pergunta 5: Se você pudesse ajudar esses meninos, de que forma o faria?

Pergunta 6: Em sua opinião, porque a questão dos meninos de rua ainda não foi resolvida?

PERGUNTAS ELABORADAS PARA OS PROFESSORES

Pergunta 1: Que parcela de culpa você acredita que tem a família em relação aos meninos de rua?

Pergunta 2: Como você avalia o comportamento dos meninos de rua? É possível trazê-los de volta à escola?

Pergunta 3: Como você avalia a presença dos meninos de rua na sociedade?

Pergunta 4: Que tipo de influência os meninos de rua exercem na escola?

Pergunta 5: Pela sua experiência no trabalho com diversas crianças, em sua opinião, que fatores contribuem para crianças irem às ruas?

Pergunta 6: Na sua visão de educador, o que a sociedade bonjesuense pode fazer para resgatar os meninos de rua?

PERGUNTAS ELABORADAS PARA OS COORDENADORES DOS PROGRAMAS
EDUCACIONAIS EXISTENTES EM BOM JESUS

Pergunta 1: Você tem conhecimento da existência de meninos de rua em Bom Jesus?

Pergunta 2: Pelo seu trabalho com crianças em situação de risco, como a sociedade encara os meninos de rua?

Pergunta 3: O que têm feito os programas educacionais para resgatar os meninos de rua?

Pergunta 4: Quais as dificuldades que os programas encontram para a efetivação do trabalho?

PERGUNTAS PARA O GESTOR DO MUNICÍPIO

Pergunta 1: Vossa Excelência é ciente da existência de meninos de rua em Bom Jesus?

Pergunta 2: Como o Sr. vê os meninos de rua perante a sociedade?

Pergunta 3: O que a Prefeitura Municipal de Bom Jesus tem feito para resgatar os meninos de rua?

Pergunta 4: O que está faltando para a criação de mais políticas para resolver esse problema definitivamente?

PERGUNTAS ELABORADAS PARA ALUNOS

Pergunta 1: Você sabe o que são meninos de rua?

Pergunta 2: Você já viu algum menino de rua?

Pergunta 3: Você acha certo a criança deixar sua casa e a escola para ir às ruas?

Pergunta 4: Você acha que essas crianças que estão nas ruas e não estudam são felizes?